Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Novembro 1977
Sexta-feira
4
ANO 57.°
N.° 19 497
6 escudos

NO TERMO DA MANIFESTAÇÃO DE HOJE

Professores entregam moção à Assembleia da República

Quase um mês depois de o MEIC anunciar o início das aulas, os estudantes continuam sem professores e os professores sem colocação. O processo arrasta-se, o Sindicato denuncia arbitrariedades e irregularidades. O MEIC responde com uma linguagem autoritária, de todo avessa ao diálogo.

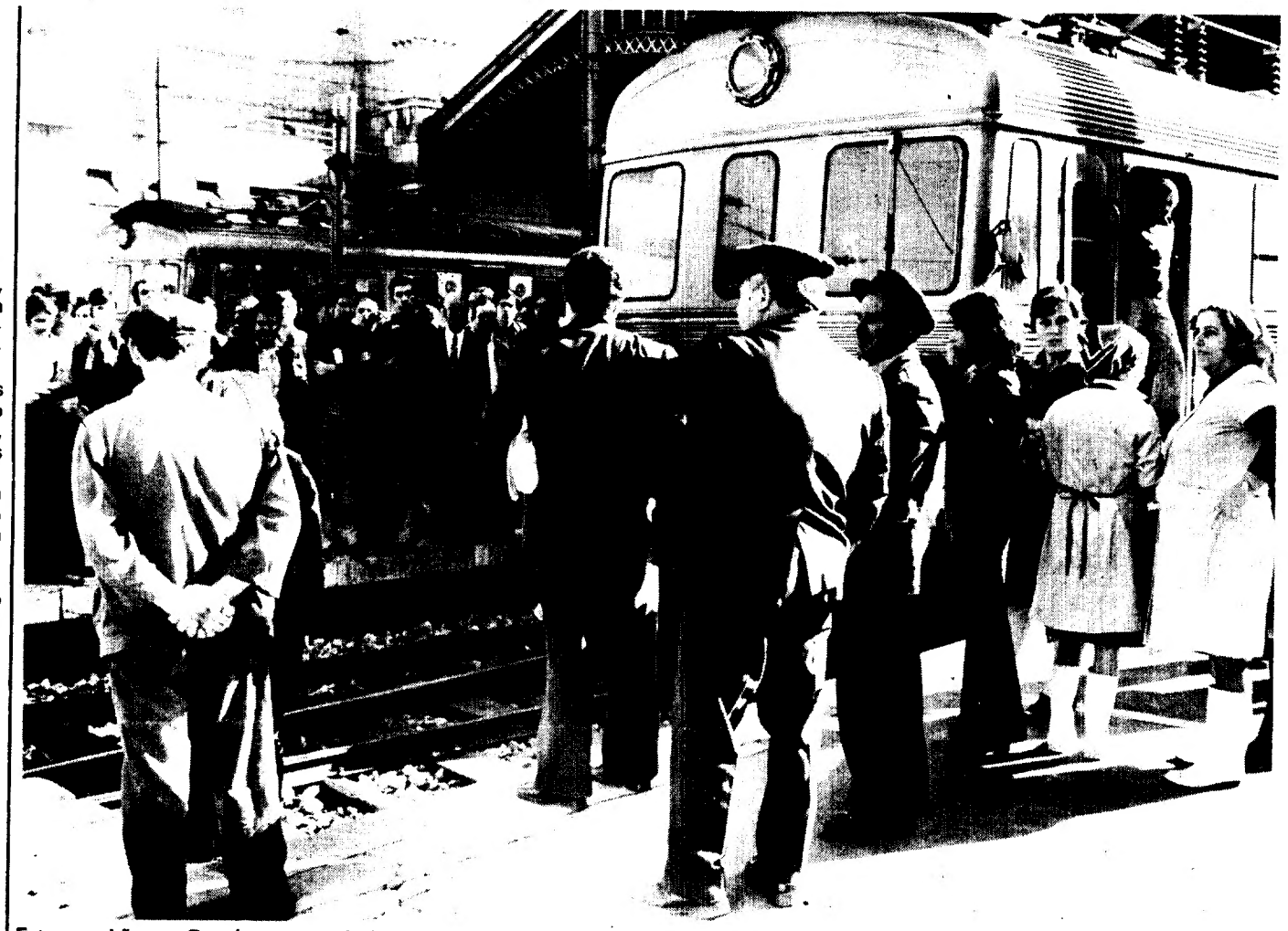
A culminar este mês de luta do Sindicato dos Professores e a agudização das contradições da política governamental no domínio da educação, professores de todos os ramos de ensino, com o apoio e solidariedade dos trabalhadores portugueses e do Secretariado Nacional da CGTP-Inter, vão descer hoje à rua. A concentração está marcada para as 19 horas na Praça Marquês de Pombal. Daqui a manifestação partirá em direcção a S. Bento, onde será entregue uma moção ao presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes.

O Sindicato dos Professores lançou entretanto um comunicado à população. «A ninguém é indiferente o que se passa no Ensino» — diz. Em cada 100 portugueses 20 são estudantes, recorda o comunicado, que afirma: «Os professores estão em luta pelo direito ao trabalho, pela estabilidade de emprego, pelo direito à contratação colectiva, pelo funcionamento regular das escolas, contra a degradação do ensino».

No âmbito desta campanha de esclarecimento da opinião pública, que vem dando os seus frutos, afirma o Sindicato: «O MEIC anunciou que as aulas abririam no dia 10 de Outubro. Mas em centenas de escolas ainda hoje há alunos sem professores. Num país com mais de um milhão e meio de analfabetos, com reduzido número de salas de aula, despedem-se professores, não se constróem edifícios em quantidade suficiente, limitam-se as possibilidades de estudo».

Mas esta luta reconhece o comunicado à população, «não é uma luta isolada. Para que ela seja vitoriosa e para que o ensino sirva o povo português é necessário a solidariedade de todos os trabalhadores».

Continua na pág. 7



Esta manhã, no Rossio, os comboios pararam, à semelhança do que se verificou em toda a Região Centro. Também no Sul se verificaram paragens de meia hora, algumas das quais em plena via

NORMALIZAR RELAÇÕES É OBJECTIVO PRIORITÁRIO

Árabes podem ser alternativa ao FMI

Portugal procura junto dos países árabes uma alternativa ao Fundo Monetário Internacional?

Esta dúvida tem sido expressa por círculos diplomáticos na capital francesa, ponto escolhido para mais um lance da ofensiva diplomática que o Governo português vem desenvolvendo no sentido de melhorar as relações com o mundo árabe, afectadas pela elevação das relações diplomáticas com Israel ao nível de embaixada.

Para além dos mercados que os países árabes constituem para a tecnologia portuguesa e do problema do petróleo, estará no interesse dos governantes portugueses a concessão de empréstimos e a captação de investimentos no nosso País, a exemplo do que vem acontecendo em diversas nações ocidentais.

O interesse posto pelo actual Governo na melhoria das relações entre as duas partes ressalta da recente deslocação a Paris do Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares. Como se sabe, a deslocação de Mário Soares foi decidida quase em cima da hora, já que inicialmente estava previsto que apenas o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, João Lima, se deslocasse à capital francesa avistando-se então com o ministro das Relações Exteriores saudita, Saud Al Faiçal. A viagem de Soares destinou-se a marcar bem a importância concedida a este encontro, valorizado pela presença do próprio titular da pasta dos Negócios Estrangeiros (e Primeiro-Ministro) — aliás a diplomacia saudita terá feito, sentir ela própria, que o encontro deveria ser entre os responsáveis directos pela diplomacia dos dois países.

Todos estes movimentos (acompanhados dum oportuno discurso do embaixador de Portugal na ONU, Futscher Pereira, em que condenou a política israelita nos territórios ocupados) surgem a poucos dias da próxima reunião da Liga Árabe, marcada para o dia 12 na Tunísia, na agenda da qual figuram as relações com Portugal (ver «Ponto a Ponto»), e que é neste momento presidida pela própria Arábia Saudita.

A diversificação da política de empréstimos que vem sendo seguida pelo Governo PS, apontando agora para as imensas reservas árabes em dólares, permitiria afrouxar o nó que o FMI vem apertando em torno do nosso País com a exigência de severas medidas internas em matéria económica e financeira (que o Governo poderá ter dificuldades em aplicar se para elas não obtiver o consenso dos partidos

Continua na pág. 20

"A Revolução de Outubro e a Cultura"

—por MÁRIO DIONÍSIO

Um destacável de quatro páginas na edição de hoje do "DL"

CP parou meia hora

Entretanto foram retomadas negociações para o ACT

Os ferroviários paralisaram esta manhã, entre as 10 e 30 e as 11 horas, a nível nacional, em virtude de não poderem «continuar a aceitar as manobras dilatórias do Governo e Conselho de Gerência da CP, que se recusam a negociar efectivamente o Acordo Colectivo de Trabalho».

Embora não houvesse dados concretos, foi-nos possível saber ao fim da manhã que houve larga adesão a esta forma de luta, determinada pela Comissão Sindical Negociadora. Assim, na região Centro, as paralisações terão rondado os 100 por cento, sendo afectados quase todos os comboios da linha do Norte, Leste, Beira Alta e Beira Baixa.

No Barreiro, por exemplo, o tráfego ferroviário foi interrompido, o mesmo acontecendo com os barcos da CP que ligam aquela vila ao Terreiro do Paço. Os comboios em trânsito, segundo apurámos, pararam em plena via, durante aquele período.

Entretanto, ao fim da manhã prosseguiam as negociações, hoje retomadas, entre a Comissão Sindical Negociadora e o Conselho de Gerência da CP, com vista à obtenção de um acordo para este diferendo.

As reivindicações dos trabalhadores ferroviários referem-se, segundo foi anunciado ontem, em conferência de imprensa, à garantia dos direitos adquiridos, 1400 escudos de aumento salarial a cada trabalhador e recuperação do poder de compra perdido com a aplicação da política dos «Pactos».

As manobras dilatórias que levaram à ruptura e à paralisação de hoje, «são diversas, como revela o facto de o Ministério do Trabalho interpretar as disposições legais de uma maneira e o Conselho de Ge-

Continua na pág. 20

Preço do tabaco pode aumentar

O preço do tabaco poderá aumentar em 40 por cento por maço se for aprovado o agravamento da receita fiscal que sobre ele incide e está proposto no Orçamento Geral do Estado para 1978. O agravamento chega aos dois milhões e 300 mil contos, ultrapassando a actual receita os 8 milhões de contos.

A informação foi dada esta manhã na conferência de imprensa promovida por representantes dos trabalhadores da Tabaqueira EP, que vêem com apreensão a estabilização da empresa ameaçada também por encargos com integrações recentemente decretadas pelo Governo.

(Pág. 9)

★ OS BENTOS ★

post-scriptum

Os condenados das aldeias

A cerca de 4000 metros de altitude, entre Lamego e Viseu, ergue-se altaneira Castro Daire, terra marcadamente beiroa e sede dum extenso concelho de 22 freguesias.

Zona de produção predominantemente agrícola, onde o espartilhamento da terra e o atraso dos meios com que é trabalhada, aliado a toda uma situação de pobreza social, com verdade nos pode levar a dizer que a fertilidade dos seus campos se encontra unicamente nesse adubo humano, de suor e lágrimas, dos camponeses que neles labutam.

É, contudo, um recanto de paisagens e locais onde a doçura se entrelaça ao agreste; o selvagem espectacular das suas montanhas se banha jovialmente nesse leito de mistério que é o Paiva, extremamente rico em espécimes piscícolas, criando-se em redor destes sítios todo um ambiente de paz e de extrema beleza natural.

No entanto, à formosura da região, como terrível reverso da medalha, existe toda uma situação de reais carências e de primeiras necessidades votadas ao esquecimento por quem de direito as deveria solucionar.

A luz e a água são bens que à maioria destas gentes continuam a ser negados e... até quando?

O acesso às diversas povoações é genericamente péssimo, tornando-as desumanos «ghettos», como se interessasse esconder as incríveis condições higiénicas e habitacionais dos seus habitantes. E isto até quando?

É altura de se dizer com a força que a razão concede que este País, dito livre, vive cheio de prisões e de condenados. É altura de o Governo e seus representantes descerem ao povo explorado das nossas aldeias e viverem a injustiça social que o oprime e a clausura em que vive. A grande batalha que no ideal revolucionário do 25 de Abril muitos apostaram, só poderá efectivamente ser ganha num total empenho pelo desenvolvimento progressivo dos nossos meios rurais.

João Carlos F. C. Sevivas
__ CASTRO DAIRE

«Eles ainda pagam»

O secretário de Estado da Comunicação Social também foi contemplado com uma passeata e aproveitou-a para visitar a Democrática Região Autónoma dos Açores. Aí deixou uma promessa (esta, vai ser cumprida) de um financiamento de 1 000 contos para os órgãos de Comunicação Social. Ficamos sensibilizadíssimos com tal atitude e a nossa admiração é tão profunda que concluímos apenas que **eles... ainda pagam!** De facto, vale a pena ser reaccionário com um Governo como este. Fazem e dizem o que querem e nada lhes acontece. Propagam ideias fascistas e abrem campanhas de violência e ainda por cima recebem dinheiro. É evidente que foram só 1000 contos por estarmos em austeridade, porque se não, seria mais qualquer coisita. Há que comprimir para chegar para todos os fascistas. Não se esqueçam senhores (des)governantes que no Continente também há muito pasquim, muito «pide» e muito bombista para receberem, muito explorador e sabotador para ser indemnizado e há que fazer um rateio. Uma pergunta que vamos aproveitar para fazer é: Qual a razão por que há cerca de 3 meses os velhos rurais não recebem a miséria tença mensal das Casas do Povo? Será pela exorbitância (600$00 as mulheres e 900$00 os homens)?

A. Garrido
__ LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Uns copos de "whisky"...

. Por força da cerimónia de imposição ao presidente da Assembleia, Vasco da Gama Fernandes, da medalha de ouro da Sociedade de Encorajamento ao Progresso, de Paris, (ver notícia na página 8) a sessão de ontem do plenário não ultrapassou o período de antes da ordem do dia. Aprovaram-se três moções e, quanto a declarações políticas, nada de novo se registou. Os partidos aguardam, certamente, novos dados relativos à plataforma a propor pelo Governo, nomeadamente o texto-base prometido por Soares.

As moções, entretanto, tiveram aspectos curiosos. Uma, a relativa à violação dos direitos humanos na África do Sul pelo regime racista de Pretória, foi apresentada pelo PCP. Todos os deputados presentes, excepto o general na reserva, Galvão de Mello, votaram a favor da moção. Alda Nogueira, deputada comunista, manifestaria, a propósito, a convicção de a moção aprovada iria reforçar a pressão internacional junto do Governo da África do Sul.

Ainda acerca de direitos humanos, seria lida, no expediente, uma exposição de magistrados da Madeira, manifestando preocupação, pelo número de atentados bombistas que ali se têm verificado. Enquanto Sérvulo Correia (PSD) tentava «habilidosamente» iludir a questão pedindo o envio de cópias para os Ministérios da Justiça e Administração Interna, José Luís Nunes (PS) replicaria sugerindo medida semelhante em relação ao Governo Regional da Madeira, do PSD.

A culpa foi do «whisky» — segundo o líder social-democrata, Sérvulo Correia

UNS COPOS NA ESTALAGEM

Aprovado, pelos votos do PCP, PSD e CDS, a moção dos «centristas» em relação à questão do pluriemprego dos trabalhadores da Comunicação Social (o problema não deve ser limitado a uma parte dos trabalhadores, argumentaram aqueles partidos) passou-se ao protesto que gerou maior controvérsia.

Tratava-se do voto, proposto por Raul Rego em sessão anterior, a propósito de declarações dos presidentes das câmaras de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé. Estes, em declarações publicadas em «A Capital» e no semanário da sra. Vera Lagoa, ameaçavam pôr Lisboa às escuras e destruir o posto de distribuição da barragem do Pocinho.

Carlos Laje, sob os aplausos de deputados do seu partido e de vários do PCP, atacou, duramente, tais afirmações e ameaças dos que «confundindo os interesses do povo com os interesses caciqueiros» se divertem com propostas de «carácter fascizante».

Sérvulo Correia (PSD), procurou, de maneira ridícula, iludir a gravidade das ameaças dos seus correligionários, dizendo tratar-se de «conversa provocada numa estalagem em torno de alguns copos de «whiskey», e tendo como tema as declarações de um outro presidente da Câmara»...

A este propósito, o deputado do PS, Patrocínio Martins, eleito por Trás-os-Montes, responsabilizou os caciques nordestinos do PSD e do CDS por violências ocorridas na região, citando, nomeadamente o ocorrido com o jornalista de «O Diário», João Ogando.

O mesmo deputado contou o modo como tais caciques controlaram as entradas para uma reunião abrilhantada pelo chefe do MIRN, general Kaúlza de Arriaga.

Votado o protesto, registaram-se os votos favoráveis do PS, do PC e dos independentes. CDS e PSD votaram contra. Claro!...

E.A.

Carlos Lage: denúncia do caciquismo nordestino

FOLHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no «Diário da República», primeira série:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA:

Portaria n.º 676/77:

Fixa o número máximo de estudantes a admitir, no ano lectivo de 1977-1978, nos cursos de bacharelato dos Institutos Superiores de Engenharia e dos Institutos Superiores de Contabilidade e Administração.

Portaria n.º 677/77:

Aprova o Regulamento de Funcionamento dos Conselhos Directivos dos Estabelecimentos de Ensino Preparatório e Secundário.

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES:

Governo Regional:

Decreto Regulamentar Regional n.º 28/77/A:

Estabelece a orgânica da Secretaria Regional das Finanças.

circular é viver

teatro do bairro alto
teatro da cornucópia
Carimiro e Carolina de Odön von Horváth
5.º MÊS
ÚLTIMAS SEMANAS
Todas as noites às 21 e 45
Sábados às 18 e 21 e 45
Domingos só às 18
Subsídio da SEC

SHOW PEPSI
PEPSI
VEJA
NO DIA 5 DE NOVEMBRO, ÀS 21.10 H.
NA TELEVISÃO · 1.º PROGRAMA
PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL
MALVINA
ELISABETH SAVALLA
TONICO BASTOS
FÚLVIO STEFANINI
CHICO ANÍSIO
O MAIOR CÓMICO BRASILEIRO
DIRECÇÃO MUSICAL
WALTER AZEVEDO
E THILO KRASSMAN
ESPECTÁCULO GRAVADO NO TEATRO MONUMENTAL
DIA 4 DE NOVEMBRO, ÀS 22 H.
BILHETES À VENDA NAS BILHETEIRAS DO TEATRO
M/13 ANOS

ponto a ponto

Um enviado especial de Mário Soares deverá partir nos próximos dias para a Líbia. Motivo: estudar com o presidente Khadafi a normalização das relações com Tripoli antes da próxima reunião da Liga Árabe, marcada para o dia 12, na Tunísia, e em Portugal será tema da agenda de trabalho.

Durante a sua recente estadia em Paris, Mário Soares avistou-se com o embaixador da República Popular da China na capital francesa. A entrevista, solicitada pelo diplomata chinês, integra-se nos contactos que vêm sendo desenvolvidos no sentido de estabelecer relações diplomáticas entre os dois países.

Aumentos entre 10 e 15 por cento poderão cair sobre os produtos que constituirão o «Cabaz das Compras» para 1978, segundo revela hoje um matutino lisboeta. A par destes aumentos, aponta-se ainda (segundo a mesma fonte) para o racionamento de gasolina e o agravamento em 20 por cento do preço do gás butano. Na generalidade, os bens alimentares poderão aumentar 20 por cento nos primeiros meses de 1978.

De 8 a 10 deste mês estará em Lisboa o secretário-geral da NATO, Joseph Luns que terá entrevistas com o Presidente da República, Primeiro-Ministro, vice-chefe do EMGFA e chefes do EM dos três ramos das FA (s).

AMÉRICA LATINA

JOVENS ALÉM-FRONTEIRAS

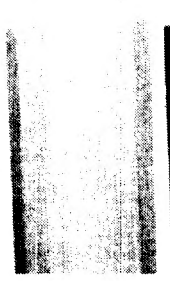
MÁRIO BENEDETTI

HAVANA (IPS) — São tantos e tão graves os problemas que hoje enfrentam os povos latino-americanos e particularmente os do «Cone Sul» (desde a miséria à repressão, desde o desemprego à tortura) que essa gravidade relega por vezes, a análise de outras deteriorações, de mais lento processo, mas também de uma dramática projecção para o futuro. Um de tais tópicos é sem dúvida o exílio, em relação aos jovens.

Obviamente são muitos os desajustes que originam o exílio, o separar da vida nacional de um importante sector de povo, obrigando-o a inserir-se em contornos que nem sempre admite de bom grado. A mudança forçosa do seu país natal, é dura para qualquer idade, mas talvez sejam os jovens aqueles que, justificadamente ou não, consciente ou inconscientemente, se sentem mais «castigados» por uma situação tão imprevista como abusiva.

Aos jovens mais que aos adultos ou às crianças, é quase impossível conceber este trecho de suas vidas como algo não transitório vendo nisto uma frustração a longuíssimo prazo. O risco é que tal sensação, juntamente com uma explicável imaturidade, possa convertê-los em vítimas de uma erosão pouco menos que irreversível.

Relato isto porque acabo de visitar várias capitais da Europa Ocidental e realmente impressionou-me a quase indigência de milhares de jovens latino-americanos, fugidos a duras penas de terror, tortura e morte nos seus respectivos países, e agora, precariamente integrados não propriamente na população regular, mas sim na outra, instável, quase marginal, de algum modo misturada com a legião de «hippies» que invadiu Paris, Barcelona, Roma, Florença e outras cidades europeias. Por certo nem todos terminaram nesse beco sem saída: sempre há aqueles que, solucionados por fim os embaraçosos problemas de documentação, ocupação e residência, trabalham — às vezes estudam — normalmente, relativamente integrados no meio, olhando com certo optimismo o futuro e o possível regresso.



A memória traumática da América atina nas manifestações da jovem resistência além-fronteiras.

De qualquer maneira é inquietante o crescente número de jovens latino-americanos que, depois da derrota política, voltam a ser derrotados — ainda que provisoriamente — desta vez, por problemas quotidianos e que pouco a pouco vão perdendo vigor, esperanças, vontade; ou que simplesmente vegetam à vista (mas também à margem) de um mundo desenfreadamente desgastante que os ignora e amiúde os rejeita.

Reconheço que é uma amarga realidade, mas nada ganhamos em fechar os olhos.

Como se terá operado esta insólita mudança da aula universitária e da luta política para o mundo «hippy» e o cepticismo?

Em primeiro lugar, há que ter em conta que a maioria desses rapazes e raparigas chega à Europa depois de vários e sucessivos exílios, uns como refugiados políticos, outros simplesmente como fugitivos, outros ainda mais para escapar à miséria, ou para encontrar a vivência de que careciam nas suas terras.

Aqueles que conseguiram permanecer em algum país da América Latina tiveram por certo sérias dificuldades para conseguir trabalho e legalizar a residência, mas de todos as maneiras há uma diferença significativa pois na Europa funcionam os movimentos de solidariedade, que fluem naturalmente.

As vezes os Governos põem entraves, suspendem a concessão de vistos, estabelecem exigências desmedidas antes da obtenção de contratos de trabalho, etc., mas a solidariedade popular burla com frequência estes e outros impedimentos e descobre sempre como ajudar o irmão em desgraça. E isto é assim pese embora às agressivas campanhas xenófobas que certos Meios de Comunicação desencadeiam contra o recém-chegado.

Na América Latina, o perseguido político não é um estrangeiro, na Europa capitalista, é. E isto não é pejorativo para o europeu, mas sim uma prova tão objectiva como reconhecer que na América Latina o estrangeiro é o europeu.

Não podemos esquecer, que, com excepção de Espanha (ou de Portugal para os brasileiros), o exilado latino-americano tem que atravessar na Europa outra fronteira, a idiomática, que às vezes é ainda mais árdua e arrepiante que a simplesmente geográfica. Junte-se a isto, entre outras coisas, que muitos destes exilados, não têm os seus documentos em ordem, porque os governos latino-americanos que ascenderam ao poder mediante golpes de força, frequentemente vio-

Continua na pág. 4

política

de A a Z

BOMBAS E BOMBAS

Na sua edição do dia 28 de Outubro, o «Diário de Lisboa» registou, na primeira página, a duas colunas e com foto, a acção terrorista contra a Siemens. Escrevíamos então: «A bomba que esta madrugada explodiu às 3 e 40 na sede da Siemens, à Avenida Almirante Reis, causou milhares de contos de prejuízo e foi reivindicada, em telegrama enviado à RDP e à ANOP, e num tom irónico por uma organização que se autodenominou **um grupo de admiradores dos** SS-Schleyer-Schmidt». Não se deixou de notar que quem, pelo telefone, reinvidicou o atentado «falava em bom português, com pronúncia nortenha.» Ao longo de mais de cem linhas de texto nada permitirá dizer-se — como agora foi dito num órgão da «direita» reaccionária e cosmopolita — que se distinguia entre bombas e bombas, entre bombistas e bombistas.

Os leitores sabem, todos neste «país lilás» sabem, que não é nossa a teoria do «bombismo de dois bordos» e que nestas colunas o bombismo foi sempre considerado como uma actividade contra-revolucionária, de subversão fascista, de desestabilização reaccionária.

A teoria do «bombismo de dois bordos» tem sido menos invocada como explicação do surto bombista e dos últimos casos de bombismo. Mas, ainda no caso dos atentados contra Centros Regionais da Reforma Agrária, verdadeira operação de guerra civil devidamente planeada, houve quem tentasse a acusação ou o benefício da dúvida.

A bomba na Siemens e o petardo de Mogadouro são os últimos actos de terrorismo que no nosso país tiveram lugar. O de Mogadouro parece insignificante, proeza ou treino de amador inexperiente. Não assim o da Siemens. E não aceitemos a complicá-lo, apesar da pronúncia nortenha na reivindicação, os imperativos, ou as deturpações, ou as alienações, de uma qualquer solidariedade internacionalista.

Mas a «operação» contra os Centros Regionais da Reforma Agrária? Que se passa com as investigações?

Nos dias subsequentes à «operação» porque de uma verdadeira **operação de guerra subversiva** se tratou — chegaram às redacções dos jornais, informações que deixavam lugar a admitir-se que indícios constatados permitiam estabelecer e explorar pistas que levariam a uma rápida descoberta dos criminosos. Não vamos recordar o conteúdo dessas informações relativas às investigações policiais e às conclusões dos peritos. Mas queremos recordar que, poucos dias ocorridos sobre os acontecimentos, dois ministros — o da Administração Interna e o da Justiça — se declaravam empenhados na averiguação policial e assumiam a coordenação das investigações. Depois — pasmai concidadãos — era a própria Presidência da República que se interessava pela questão.

Mas apesar do interesse do Presidente da República, da sua determinação de lutar contra os focos de subversão que ameaçam, potencialmente ou em acto, a «ordem democrática», da sua determinação em lutar contra os focos de subversão que ameaçavam, potencialmente ou em acto, a «ordem democrática», grãos de areia existem que emperram as engrenagens, que paralisam as diligências, que contrariam as investigações.

A verdade sobre o «bombismo» é uma legítima exigência e uma condição de confiança política. A verdade sobre o «bombismo» é um problema político e é uma questão de moralidade pública.

FEUDALISMO E REGIONALISMO

O nome de Pires Veloso, mal aconselhado companheiro de José Manuel Casqueiro, numa visita à República Popular da China, voltou a ser notícia. O brigadeiro graduado abandona o comando da Região Militar Norte e vai frequentar o curso para general. A Região Militar Norte terá outro comandante. As reivindicações regionalistas que contrariaram a reorganização do Exército e um novo ordenamento da distribuição regional das unidades, serão esquecidas. Apagado um esboço de feudalismo nortenho. O «Presidente do Norte» regressa às fileiras, vai à sua vida militar. Não teremos novas interferências, ditadas por critérios ou vinculações de clientelismo regional, na administração pública.

A situação não mereceria reparo se não fosse o caso do «bombismo». O apoio público ao major Mota Freitas, por parte do Comandante da Região Militar Norte, brigadeiro Pires Veloso, é um grave mau exemplo dado, em desafio à legalidade democrática, por um alto responsável militar.

E ao cidadão civil, e ao militar cidadão de concluir, que não há só uma lei neste País de Abril.

ÚLTIMA NOTÍCIA

A «crise» que já é um tema menor e uma espécie de segunda natureza desta nossa atribulada existência nacional, continua. De uma «crise» não se dirá que é perfeita a sua saúde, que é normal a sua evolução. Mas vamo-nos habituando, habituando perigosamente, a esta ideia do Governo que se mantém porque nem remodelado pode ser, de as negociações que decorrem nos jogos de posição e na ambiguidade das declarações, porque nem a clareza e a firmeza nos são consentidas.

A pior «crise» é esta: aquilo a que poderemos por o nome angustioso e alarmante de «crise da consciência de crise».

A pior situação é esta: a de nos conformarmos com a «crise».

A pior fórmula de governo é esta: a da remodelação adiada.

Porque todos estes nossos políticos são excelentes, mas parecem todos desmobilizados, aturdidos, conformados. Leiam-se as declarações contraditórias, ou discrepantes dos dirigentes do mesmo partido (exemplo: Francisco Salgado Zenha e Jaime Gama, ou Jaime Gama e Mário Soares); leiam-se as declarações contraditórias sobre a leitura do mesmo comunicado ou a interpretação do mesmíssimo discurso.

A «crise política» complica-se com uma «crise intelectual», crise de «coerência política» e de «inteligência política».

Nesta «sexta-feira de paixão» apetece ir ler António Sérgio.

Livros Horizonte lançam "Ciência e Independência"

«Ciência e independência», de S. Anderson e Maurice Bazin, é lançado no próximo dia 11 com uma sessão na Livraria Opinião, à Rua Nova da Trindade. Exemplares autografados desta obra em dois volumes esperam o público interessado a partir das 18 horas.

A editora formula um convite simpático em que propõe que as pessoas venhas também ouvir música e falar com os amigos. Quanto ao estudo de Anderson e Bazin, trata-se de uma selecção de textos, inéditos até agora em Portugal, sobre os países do Terceiro Mundo face às ciência e à tecnologia. No primeiro volume é analisado o funcionamento da dominação de uns povos sobre outros em nome dos pretensos valores científicos e tecnológicos, fornecendo o segundo volume exemplos de como pode pôr-se cientistas e técnicos ao serviço de um desenvolvimento socialista.

JORGE AMADO A STEFANINI:

"O seu Tonico é melhor que o meu..."

«Tonico Bastos» fez algumas declarações no intervalo das «suas viúvas e das suas órfãs»

Com «Malvina» e «Tonico Bastos» em Lisboa e o director de Programas da RTP, José Niza, no Brasil a tentar comprar naturalmente mais telenovelas (descobriram o filão), está praticamente a terminar a série «Gabriela, cravo e canela».

Realização de qualidade e interpretações de alto nível, transformaram o romance de Jorge Amado. E se a adaptação não foi fiel, a obra ganhou em popularidade. O próprio Jorge Amado, referindo-se à interpretação de Fulvio Stefanini, enviou-lhe um bilhete em que dizia: «O seu Tonico é melhor que o meu».

Mais de três milhões de portugueses vêem a «Gabriela». Foi tema de conversas, de chegadas atrasadas ao cinema... A novidade de uma série vinda do Brasil que, sem necessidade de legendas, se tornou acessível às pessoas que não sabem ler e que foram desde a primeira hora, «adeptos» da «Gabriela». «Ilhéus» não é uma terra estranha para muitos portugueses, «coronéis» também não. A luta pela queda da «ordem estabelecida», a dos «coronéis», com todo o caciquismo, repressão, machismo, etc. Tudo isto constitui o êxito da telenovela. O perigo está em saber se as próximas telenovelas que aí vêm (o dr. José Niza chega na segunda-feira) têm essa qualidade. Ou vamos cair no romance de cordel.

«Malvina» (Elizabeth Savalla) e «Tonico Bastos» (Fulvio Stefanini) são duas das personagens mais populares. À sua chegada a Lisboa levou a cenas de gritaria, empurrões, enfim «cenas eventualmente chocantes» que surpreenderam os próprios actores.

«Sabe — diz «Tonico» — nunca pensei que «Gabriela» fosse aqui tão popular. No Brasil também teve êxito, mas não tanto como outras telenovelas que por lá passaram. E conta que uma vez em Minas Gerais, assaltado por uma multidão «acabei por ser praticamente despido e foi assim que entrei no hotel, a acenar para as pessoas». Tal como aconteceu na série, quando «Tonico» passeava em «Ilhéus» de ceroulas depois de um ligeiro «contratempo» em casa de Nacib.

Acrescenta que essa reacção pode não significar necessariamente admiração. «É todo o desenvolvimento de uma máquina projeccional. As pessoas reconhecem a sua própria personalidade, frustrações ou aspirações nessas personagens. Nós somos mitificados. Isto é, aliás, provocado nas pessoas».

«TONICO» O ANTI-HERÓI

Com 37 anos e 22 de profissão, Fulvio Stefanini acha que «Gabriela» não é uma telenovela em que a política tem um «papel» importante. «Sabe, eu levaria a coisa para esse lado, n'é! (faz um certo gesto à «Tonico»). Quanto à minha personagem é completamente apolítica. Inconsequente. Só pensa no «Bataclan» e nas «suas viúvas e nas suas órfãs». A sua inconsequência leva-o a não pensar sequer nos seus revezes, que são muitos ao longo da telenovela. Não vale a pena falar sobre a personagem que Fulvio tão bem ridiculariza: convivemos com ela todos os dias. Mesmo quando se tenta disfarçar e não assume, exteriormente formas tão ridículas, os «Tonicos» aí estão. Mesmo quando juram que o não são.

Trabalho de criação e pesquisa — foi como Fulvio Stefanini se referiu ao seu trabalho na «Gabriela». O próprio director artístico confessou «Você me venceu» e assim o seu trabalho é completamente individual. E narra um episódio divertido. O «Professor» nunca tinha filmado cenas conjuntas com Fulvio. Sabia que penteava o bigode mas nunca tinha visto. No primeiro dia em que filmaram juntos, e era uma «cena bem triste», «Tonico» puxa do pente, semicerra os olhos, franze as sobrancelhas, e o «Professor» não se conteve. As gargalhadas sucederam-se e as filmagens tiveram de ser interrompidas durante duas horas. «Nunca tinha acontecido na minha carreira».

Enfim, «Gabriela» representa um longo trabalho em telenovelas no Brasil. Com muitas, certamente, de péssima qualidade. Mas com outras de muito bom nível. Com actores a trabalharem «no duro». Com bons técnicos, dinheiro e uma máquina publicitária. Depois é só fazer entrar as divisas e o nosso País a fazê-las sair. «Malvina» de 22 anos veio directamente do teatro amador, onde aliás muitos actores destas séries são escolhidos. Temas para telenovelas não nos falta, imaginação também não. Mas falta-nos humildade para «contar uma história» em cinema. À saída, e ainda referindo-se ao apoliticismo do «Tonico» que não de Fulvio Stefanini: «Na nossa época uma pessoa não pode deixar de ligar a esses problemas, n'é.» Pode não, seu Tonico.

F.M.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

METALÚRGICOS

CONVOCATÓRIA

A TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS

A actual situação económica social já extremamente preocupante é agora agravada pelas medidas integradas no «Pacote 2» que vem pôr em causa garantias e direitos dos trabalhadores. Assim:

1 — Aumentará o número de despedimentos através da suspensão dos contratos de trabalho em empresas que o Governo considera em situação económica difícil ou ainda, prevê a suspensão da contratação colectiva substituindo-a por outra menos favorável e mesmo a redução de salários.
2 — Aumentará o número de falências e de encerramento de empresas e diminuirá a criação de novos postos de trabalho com o consequente aumento de desemprego e da miséria.
3 — Os despedimentos assumirão cada vez mais um carácter selectivo, visando-se essencialmente dirigentes e delegados sindicais, membros de comissões de trabalhadores e ainda os trabalhadores mais activos na defesa dos seus interesses de classe.

Todas esras medidas implicam mobilização e luta organizada dos trabalhadores.

Um passo neste sentido é promover a discussão entre os delegados sindicais daquelas medidas e da resposta dos trabalhadores a elas.

Para isso a Direcção, ao abrigo do Decreto-Lei 215-B/75 e da cláusula 63.º da PRT, convoca todos os delegados sindicais para um **plenário a realizar dia 8/11/77 às 16 horas no Teatro Vasco Santana à entrada da Feira Popular com a seguinte**

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Análise da situação político-sindical. Efeitos do «Pacote 2»
2 — Campanha contra os despedimentos
3 — Informações

Nota: Neste Plenário estará presente um economista do Sindicato que prestará esclarecimento sobre as medidas económicas em discussão.

QUE NINGUÉM FALTE!
TODOS AO PLENÁRIO!

Lisboa, 3 de Novembro 1977

A DIRECÇÃO

NOS AÇORES

Deputados PS criticam duramente Governo Regional

Há uma «manifesta incapacidade» por parte do Governo Regional dos Açores «em contribuir de maneira real para a concretização e dignificação da autonomia constitucional» — esta a dura crítica dos deputados PS à Assembleia Regional do Arquipélago no termo das II Jornadas do seu grupo parlamentar, que decorreram na cidade da Horta entre 28 de Outubro e 1 do corrente.

As Jornadas reuniram, além dos deputados regionais açorianos, também António Reis, vice-presidente do grupo parlamentar nacional daquele partido, e os deputados à Assembleia da República Medeiros Ferreira, Menano Amaral, Borge Nunes e Oliveira Rodrigues.

Sobre estigmatizarem o Governo dos Açores de «inoperacionalidade» ao nível do Executivo, as conclusões das jornadas apontam para a defesa da «dignificação das instituições democráticas regionais, permitindo a concretização de uma autonomia regional democrática», e para a necessidade de criar o direito de interpelação ao Governo Regional (à semelhança do que existe, e se passa na Assembleia da República). Entretanto iniciou-se o debate do projecto de estatuto definitivo da Região Autónoma, a apresentar brevemente à Assembleia Regional.

Jovens além da fronteira

Continuação da pág. 3

lam disposições internacionais e negam-se a dar passaportes aos seus opositores políticos.

Por isso, quando uma pessoa se encobtra com esses jovens do «Cone Sul» vê-os tensoa se encontra com esses jotual presença de qualquer polícia, uma vez que sucede frequentemente os documentos não estarem em ordem, ou incautamente não possuirem nenhum, e qualquer pergunta rotineira de documentação (que afortunadamente na Europa é muito menos frequente que na América Latina) pode significar para eles a deportação ou o desterro, uma vez que é difícil encontrar um agente de polícia capaz de compreender que nas saídas de aflição, nem sempre se pode salvar o passaporte.

Governo cria mais quatro empresas públicas e Conselho Nacional do Comércio Interno

As duas mais importantes resoluções do Conselho de Ministros de ontem terão sido a criação de quatro novas empresas públicas e do Conselho Nacional do Comércio Interno. Das restantes resoluções avultam a decisão de declarar em situação difícil três empresas a extinção do BIP, a transferência para as Câmaras Municipais da competência do Fundo de Fomento de Habitação no que se refere à fixação de rendas das casas de renda limitada, e a aprovação dum diploma concedendo facilidades especiais na concessão de empréstimos às empresas de pesca artesanal ou cooperativas de pescadores, para aquisição ou construção de navios.

As quatro novas empresas públicas criadas ontem pelo CM são a União Cervejeira (Unicer), a Central de Cervejas (Centralcer), a Química de Portugal (Quimica) e a Petroquímica e Gás. A resolução compreende a aprovação dos respectivos estatutos.

O Conselho Nacional do Comércio Interno é — segundo o comunicado emitido no final da reunião — «um órgão consultivo que tem por objectivo contribuir para a coordenação das actividades e interesses das diversas entidades ligadas ao Comércio Interno, designadamente por forma a que as mesmas se desenvolvam, no quadro da livre inciativa privada, dentro de um clima de sã concorrência que tenha em atenção o adequado abastecimento das populações em quantidades e nas melhores condições de qualidade e preço». Ao novo órgão caberá «um papel decisivo naquelas matérias que incumbe ao Estado realizar em estreita colaboração com todos os intervenientes cuja actividade seja relevante neste domínio».

Têm assento no Conselho, para além dos Ministérios e departamentos da Administração Pública ligados ao sector do Comércio Interno, representantes dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio, das Associações Sectoriais, do Sector Cooperativo do Comério, e das associações que tenham por objectivo a defesa do consumidor.

As empresas declaradas em situação económica difícil, são a Companhia da Fábrica de Fiação de Tomar, SARL, a Handy Angle, Portuguesa-Cantoneiras, Metálicas, e a Masola-Sociedade de Madeiras e Alumínios. O comunicado final não fornece pormenores sobre esta resolução.

A extinção do BIP cumpre uma resolução do CM de Fevereiro deste ano. Os valores activos e passivos do banco extinto são transferidos para o Banco Pinto e Sotto Mayor. Os restantes valores, neles compreendidos capital social, reservas e saldo da conta «lucros e perdas», serão integrados numa instituição parabancária a constituir e de que o Estado garante a solvabilidade. O pessoal do ex-BIP passa para o Pinto e Sotto Mayor.

Sobre a decisão de transferir para as Câmaras Municipais a competência do FFH no referente à fixação de rendas de casas de renda limitada, o CM diz que «nada justifica, uma vez criados os serviços municipais de habitação, que caiba ao Fundo a fixação das rendas — «função que importa, por isso, imediatamente descentralizar» — diz o comunicado.

As facilidades às empresas de pesca artesanal ou a cooperativas de pescadores para aquisição ou construção de navios serão concedidas pelo Fundo de Renovação e de Aproveitamento da Indústria de Pesca e consta de alterações a introduzir num decreto-lei em vigor desde há meses. Diz o CM que este diploma impunha limitações no montante dos financiamentos e que constituiam, tais limitações obstáculo à execução dos programas de investimento no sector das Pescas. Estes obstáculos, sentiam-se especialmente no apoio financeiro carecido pela pesca artesanal. O CM acrescenta que, além disso; «importa criar condições para o desenvolvimento do sector cooperativo».

Ainda na sua reunião de ontem, e no tocante a resoluções (depois de várias comunicações feitas por Soares e outros membros do Governo ao plenário), o CM decidiu subordinar a autorização prévia do Banco de Portugal a nomeação de correspondentes a fazer por instituições de crédito e criar um mercado abastecedor (o Mercado Chaves de Oliveira) no Porto: numa outra resolução é outorgada à Electricidade de Portugal, EP, a concessão do aproveitamento da energia das águas do rio Minho.

CR declara inconstitucionais medidas de apoio à Imprensa

O Conselho da Revolução, seguindo o parecer da Comissão Constitucional, declarou inconstitucional o Decreto-Lei sobre as medidas de apoio à Imprensa, da responsabilidade do secretário de Estado Roque Lino.

A declaração de inconstitucionalidade incidiu sobre a atribuição de um subsídio não reembolsável sobre o custo do papel subsídio que seria distribuido tendo em conta a tiragem das publicações, o respeito das leis que regem a tiragem e as sobras e o número de condenações em cada ano por violação da Lei de Imprensa.

Na Presidência da República está ainda por promulgar um outro decreto-lei, também da Secretaria de Estado da Comunicação Social, sobre regularização de facilidades postais concedidas às publicações periódicas, em que se seguiram os mesmos critérios agora impugnados pelo Conselho da Revolução por alegada violação do diploma fundamental.

CP DO PARLAMENTO EUROPEU:

Acelerar as negociações para alargamento da CEE

A Comissão Política do Parlamento Europeu pretende acelerar as negociações para a integração de Portugal, Espanha e Grécia na Comunidade Económica Europeia — diz a agência Reuter num despacho enviado ontem de Berlim-Oeste, citando fontes afectas àquele organismo.

Segundo as mesmas fontes, a maioria dos membros da Comissão manifestou o seu apoio aos três países em questão, nas suas pretensões quanto ao Mercado Comum. Isto no final duma conferência de dois dias realizada naquela cidade da RFA. A Comissão ter-se-á pronunciado sobre as informações recebidas da Comissão do Mercado Comum (do mesmo organismo), dizendo que elas não eram muito concretas.

Para a Comissão Política do Parlamento Europeu, uma aceleração nas negociações tendentes ao alargamento da CEE seria «desejável».

SEGUNDO SCHMIDT: APOIO SEM RESERVAS

Por outro lado, o chanceler Helmut Schmidt garantiu ontem em Bona ao primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suarez, que a RFA «apoia sem reservas» a entrada de Portugal, Espanha e Grécia no Mercado Comum.

No final das conversações que manteve com o primeiro-ministro espanhol, Schmidt precisou também que Bona encorajará os investimentos alemães na Península Ibérica.

A RFA está consciente das dificuldades que o alargamento da CEE implica — disse o chanceler — mas considera que estes problemas podem ser resolvidos se a união europeia continuar a ser o objectivo comum.

Schmidt recusou-se a precisar sobre o período de tempo que demorarão as negociações a realizar entre a CEE e os três países candidatos, mas — esta informação vem pela France Presse — os meios alemães estimam um prazo de cerca de dez anos. O chanceler de Bona pormenorizou apenas que o prazo será sensivelmente o mesmo para os casos de Portugal e Espanha.

PSD/PPD nomeou delegação para "eventuais negociações"

A Comissão Política Nacional do PSD/PPD, ontem reunida em sessão ordinária, deliberou designar uma delegação constituída por Magalhães Mota, Sérvulo Correia e Ferreira Júnior, «com vista a eventuais negociações com o Partido Socialista» e «para a fixação da respectiva agenda que deverá revestir amplitude suficiente para nela caberem as conclusões do Conselho Nacional de Bragança».

No comunicado final dessa reunião, e enquanto o PS afirma não negociar «sob pressões» ou «ultimatos», o PSD/PPD, referindo-se ao comunicado do Primeiro Ministro «anunciado a uma delegação do PSD pelo ministro Jorge Campinos e, no mesmo dia, tornado público», considera que «as circunstâncias que rodearam esse documento, designadamente a data da sua divulgação, ligam-no também, no entender desta Comissão Política, à proposta claramente formulada pelo Conselho Nacional do PSD na sua reunião de Bragança de 15 e 16 de Outubro». De uma forma que nem sequer pode considerar-se subtil, o PSD, pretende que o PS obedeceu ao seu ultimato «embora alguns passos do comunicado sejam particularmente ambíguos e outros definam tomadas de posição so senhor Primeiro-Ministro e secretário-geral do PS com as quais o PSD está em desacordo». Mas «a Comissão Política Nacional do PSD entende que perante a gravidade da situação do País o PSD deve procurar contribuir, até onde lhe for possível, e ultrapassando naturais agravos, para a clarificação política indispensável à resolução dos problemas económicos, financeiros e sociais dos portugueses» e «também o PSD entende — como sempre entendeu — que a gravidade da situação e a fragilidade da democracia exigem, mais do que nunca, atitudes de um claro sentido nacional».

Denotando uma certa impaciência «o PSD entende ainda que a necessária clarificação da situação política portuguesa não se compadece com dilações nem com perdas de tempo. «Negociará portanto, com boa fé mas com firmeza, com respeito pelas posições alheias mas, acima de tudo, com respeito pelo que entender ser o interesse de Portugal e dos portugueses».

la para o Brasil com cem contos nos sapatos

PORTO, 4 — Quando pretendia embarcar em Pedras Rubras, com destino ao Brasil, onde está radicado há 28 anos, foi detido por denúncia à Guarda Fiscal, o cidadão José Manuel Gonçalves, de 47 anos, natural de Felgueiras, que se fazia acompanhar de cem contos, em moeda portuguesa e estrangeira, escondidos nos sapatos e nas meias.

O detido havia-se deslocado a Portugal para assistir aos últimos momentos de sua mãe, cabendo-lhe das partilhas aquela quantia.

CONCURSO PARA O INTERNATO DA ESPECIALIDADE

Ministro dos Assuntos Sociais recusa o diálogo com os médicos

Apesar de, em 600 médicos de Lisboa, Porto e Coimbra, candidatos ao internato da especialidade, apenas um ter «furado» a decisão colectiva de não aceitar o concurso, dada a controversa questão da nova especialidade de «médico generalista», o Ministério dos Assuntos Sociais acaba de tornar público um comunicado em que afirma a sua «determinação inflexível» de impor o concurso tal como está.

Esta posição extremamente dura é tomada logo a seguir à concentração de cerca de três centenas de médicos junto à sede do MAS com o intuito de obterem do ministro uma audiência em que os seus representantes pudessem explicar-lhe as razões por que consideram inaceitáveis os termos do concurso. O ministro, porém, não se dignou recebê-los. O mesmo vem acontecendo, aliás, com o inspector superior de Acção Hospitalar, dr. Gonzaga Ribeiro, o qual, no vazio criado pela ausência do secretário de Estado da Saúde e do director-geral dos Hospitais, tem, segundo a expressão dos médicos, «ditado» a política hospitalar sem se preocupar com a crescente contestação de que é alvo. Os interessados ainda não conseguiram ser ouvidos por este técnico e estranham que o Governo, através de um ministro cujo Ministério está manco num sector fundamental, ainda se permita agora vir assumir atitudes de dureza e de recusa do diálogo.

No comunicado do MAS, é adiado para 21 do corrente à mesma hora o exame marcado para hoje no âmbito do concurso. Mas sublinha-se: «Não haverá nova data de exames e aqueles interessados que não se candidatarem ao concurso ou não se apresentarem ao exame ficarão excluídos de quaisquer funções hospitalares, nos termos da legislação em vigor.»

EXTINTO O SERVIÇO MÉDICO À PERIFERIA?

Mais grave, porém, na atitude do Ministério é a alusão à revogação de um despacho de 23 de Julho de 1975, invocando pelos candidatos ao internato. Essa revogação equivale, pura e simplesmente, a extinguir o Serviço Médico à Periferia, ecisão de extrema gravidade política e social, que corresponde a uma objectiva cedência do Governo às pressões dos meios financeiros internacionais. Segundo nos foi dito por um dos médicos, a AID conhecida organização ligada aos Estados Unidos, procura pressionar no sentido do serviço à periferia ser feito em regime de medicina livre. Por outro lado, isso viria também satisfazer as pressões do FMI, que visam uma contenção das despesas públicas do Estado. O Serviço Nacional de Saúde e assistência médica às populações seriam, no meio disto tudo, os grandes sacrificados.

Chefe de Gabinete do PR exonerado a seu pedido

Foi exonerado, a seu pedido, das funções de chefe do Gabinete Civil do Presidente da República, o major José Tavares Pimentel, de acordo com um despacho da Secretaria-Geral da Presidência da República, hoje inserto no «Diário da República».

Morais Barroco no Alentejo

O secretário de Estado dos Recursos Hídricos e Saneamento Básico, eng.º Morais Barroco, e diversos técnicos do Ministério das Obras Públicas visitaram esta manhã alguns empreendimentos em construção no Alentejo sob a tutela do MOP. As visitas efectuadas por aquele responsável governamental e os técnicos afectos às obras nas barragens de Odivelas, concelho de Beja, e Alvito, contaram também com a presença das entidades representativas daquelas duas terras.

Nas barragens de Odivelas e Alvito, o director-geral dos recursos e aproveitamentos hidráulicos, e o engenheiro residente encarregado das obras, respectivamente Faria Ferreira e Ilídio Neves, deram as explicações necessárias sobre a forma como aquelas se processam e o alcance, em termos de funcionamento e abastecimento, da mesma.

Filmes, livros, colóquios

«Lenine em Outubro» é o filme que, esta noite (21 e 30), é projectado na Livraria Popular de Algés (Parque dos Anjos, lote 2), seguindo-se um colóquio orientado por António Borges Coelho Blasco hugo Fernandez.

Por sua vez, na Livraria Popular dos Olivais (Rua Cidade de Quelimane, 3-C)corre, também à mesma hora, o filme «História de um homem de verdade», com colóquio no fim da exibição.

Finalmente, na Livraria 1.º de Maio (Baixa da Banheira), igualmente às 21.30, o economista Eugénio Rosa apresenta o seu livro «Reforma Agrária em perigo», seguindo-se a projecção do filme «deslinda da Seara Vermelha».

Estas iniciativas integram-se nas comemorações do 60.º aniversário da Revolução de Outubro.

Plenário distrital do MDP

Reúne-se esta noite no teatro Vasco Santana o plenário distrital de Lisboa do MDP/CDE.

Da ordem de trabalhos consta a divulgação das conclusões dos diversos grupos de trabalho que se reuniram em Outubro para fazer o balanço da actividade da organização distrital daquele movimento político e definir as perspectivas de trabalho nos diversos sectores de actividade.

A encerrar os trabalhos José Tengarrinha, do Secretariado Nacional do MDP, fará uma intervenção política.

Também hoje, às 21,30, mas no Porto, na sede do MDP, realiza-se um colóquio com a participação do dr. Ilídio Sardoeiro, subordinado ao tema «O ensino e a cultura popular na luta pelo socialismo».

Nele serão abordados problemas ligados à actual situação do ensino e a intervenção cultural que possa corresponder aos interesses do Povo português.

"Uma Noite na Ópera"

Esta tarde, às 18 e 30, e por iniciativa do Cine Clube Imagem, projecta-se no Grupo Desportivo do Carmo (Rua Nova da Trindade, 20, 1.º) «Uma noite na Ópera», interpretada pelos irmãos Marx.

EMPRESA DE PUBLICIDADE SEARA NOVA SARL

Rua Bernardo Lima, 42 r/c Lisboa

EXERCÍCIO DE 1976

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias cabe-nos apresentar-vos o Relatório, o Balanço e as Contas, relativos ao exercício social de 1976.

1 — Julgamos que a clareza dos números constantes do Balanço e do Desenvolvimento de Ganhos e Perdas exprimem, naturalmente, a realidade da gestão da Empresa pelo que nos abstemos de os analisar mais detalhadamente neste Relatório.

2 — De entre os acontecimentos positivos registados no decurso deste ano não queremos deixar de realçar a abertura da nossa Livraria (em Setembro) e a transferência de todos os serviços para novas instalações com a consequente racionalização do trabalho.

3 — Algumas limitações têm travado o necessário desenvolvimento desta Empresa. O próximo exercício deverá corresponder a algumas transformações essenciais, entre as quais são de realçar:

a) O aumento de capital para 1000 contos a ser subscrito em Maio de 1977 será um primeiro passo para dotar esta empresa com o capital social compatível com o seu movimento e necessidades.

b) Melhoria da comercialização das nossas edições não só pelo melhor aproveitamento do nosso ficheiro de assinantes como pela racionalização dos nossos serviços.

c) A transformação a empreender na Revista ao nível da direcção e corpo redactorial que eleve a sua qualidade e a insira num projecto unitário da esquerda portuguesa — com o consequente aumento de tiragem.

4 — As medidas enunciadas no ponto anterior não esgotam as possibilidades de expansão da Empresa. Nomeadamente será necessário aumentar o capital social para além de 1 000 contos e fazer as consequentes adaptações estatutárias.

5 — Contrapondo-se ao esforço de revitalização da Empresa surge-nos, já em 1977 mas com efeitos a partir de 1976, a falência do antigo distribuidor Manuel de Oliveira e Silva, Lda. com o qual mantínhamos elevado nível de compromissos bancários em que éramos intervenientes-sacadores. Desejando honrar os nossos compromissos fizemos entrega na Banca de um esquema de amortizações das elevadas responsabilidades existentes que corresponde às possibilidades reais da Empresa.

Esperamos confiadamente que a tradição de honestidade e as possibilidades de constante melhoria da Empresa mereçam da Banca a aceitação da proposta feita — condição para a sobrevivência e constante progresso da Seara Nova.

6 — Ao fecharmos o nosso exercício, apresentamos um saldo final na rubrica «Resultados», de 21 591$60, de lucro, o qual é, entretanto, ebsorvido pelos resultados negativos transitados do exercício anterior.

Propomos, assim, que seja integrado no saldo da conta de Lucros e Perdas, o qual passará, portanto, com o remanescente de Esc: 525 195$97.

Lisboa, 29 de Março de 1977
A DIRECÇÃO

BALANÇO EM 31/12/76

ACTIVO

DISPONÍVEL		
Caixa	221 156$50	
Bancos	145 952$18	367.108$68
REALIZÁVEL		
Accionistas c/ subsc. aumento capital	5 600$00	
Clientes	1 690 389$05	
Letras a Receber	318 911$20	
Devedores e Credores	682 687$00	2 697 587$25
DE EXPLORAÇÃO		
Edições (fundo editorial)	8 007 506$30	
Edições em curso	218 396$00	
Encargos não imputáveis Exercício corrente	2 514 607$55	
Mercadorias Gerais	121 657$40	10 862 167$25
DE TRANSIÇÃO E REGULARIZAÇÃO		
Devedores e Credores		1 283 979$30
IMOBILIZADO		
Instalações	631 464$70	
Móveis e Utensílios	597 610$90	
Título da Revista	500 000$00	
Trespasses	300 000$00	2 029 075$60
		17 239 918$08
SITUAÇÃO LIQUIDA PASSIVA		
RESULTADOS		
LUCROS E PERDAS		
Saldo de 1975	546.787$57	
Lucro de 1976	21 591$60	525.195$97
		17 765 114$05
CONTAS DE ORDEM		
Acções depositadas	20.350$00	
Cautelas depositadas	150 000$00	
Consignações de c/Própria	159 234$20	329 584$20
		18 094 698$25

PASSIVO

EXIGÍVEL			
a curto e médio prazo			
Livranças a Pagar		1 202 637$50	
Letras a Pagar		6 282 974$00	
Encargos a Pagar		21 987$80	
Fornecedores		2 620 662$00	
Devedores e Credores		1 215 323$85	
Credores por Direitos de Autor		851 222$30	12.194.807$45
a longo prazo			
Devedores e Credores		1 705 221$15	
Direitos de Autor s/existências armazém		1 968 761$65	3 673 982$80
de transição			
Subscritores de aumento capital			303 000$00
			16 171 790$25
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA			
CAPITAIS PRÓPRIOS			
Capital Social		200 000$00	
Fundo Reserva Legal		16 161$90	
Fundo Reserva Livre		30 000$00	
		246 161$90	
PROVISÕES			
para Devol. da Distribuidora	300 000$00		
para Deprec. Fundos e Quebras	400 375$30		
para Cobranças Duvidosas	169 038$90	869 414$20	
REGULARIZAÇÃO DO ACTIVO			
Reintegrações		477 747$70	1 593 323$80
			17 765 114$05
CONTAS DE ORDEM			
Credores por acções depositadas		20 350$00	
Credores por cautelas Depositadas		150 000$00	
Edições Consignadas		159 234$20	329 584$20
			18 094 698$25

DESENVOLVIMENTO DOS RESULTADOS

DÉBITO

CUSTO DAS VENDAS		
Livros	555 580$20	
Revista	1 070 114$70	
Livraria	379 576$70	2 005 271$60
Lucro bruto de exploração		4 712 444$90
		6 717 716$50
GASTOS GERAIS		4 705 801$70
CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS		25 085$00
PROVISÕES		
Para Devol. da Distribuidora	300 000$00	
Para Depreciação Fundo e Quebras	400 375$30	
Para Clientes Duvidosos	169 038$90	869 414$20
CLIENTES		
Falência MARCA		7 200$00
Regularização do Imobilizado e de Reintegrações		
Edição c/apreensão de livros	348 547$10	
Gastos Plurienais	348 679$10	697 226$20
		6 304 727$10
Lucro líquido apurado no Exercício		21 591$60
		6 326 318$70

CRÉDITO

VENDAS		
Livros	3 616 410$50	
Revista	2 375 308$90	
Livraria	409 212$50	6 400 931$90
RECEITAS E CUSTOS DIVERSOS		
Anúncios na Revista	263 760$60	
Desp. e Reembolsos Eventuais	14 534$20	
Autocolantes	26 277$00	
Direitos s/edições no estrangeiro e no País	12 212$80	316 784$60
		6 717 716$50
Lucro bruto de exploração		4 712 444$90
Credores p/Direitos Autor		
Anulação		1 852$00
Reavaliação do Activo Imobilizado		
Não corpóreo		
Título da Revista	300 000$00	
Trespasses	280 000$00	580 000$00
Anulação (legal) das Provisões 1975		
Depreciação do Fundo	72 555$60	
Clientes Duvidosos	60 715$60	133 271$20
Anulação de Reintegrações		
Título da Revista	200 000$00	
Gastos Plurienais	348 679$10	
Edição c/Apreensão de Livros	350 071$50	898 750$60
		6 326 318$70

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Srs. Accionistas — De acordo com as disposições legais em vigor e os estatutos da nossa empresa, reuniu o conselho fiscal da Seara Nova, a fim de apreciar o relatório e contas reelativos aos actos da gerência praticados pelo conselho de administração no decorrer de 1976.

Tivemos oportunidade de verificar:

1 — Que o balanço e contas exprimem com exactidão os competentes valores contabilísticos acumulados, satisfazendo todos os requisitos legais e estatutários:

2 — Que o conselho de administração apresentou para exame, sempre que lhe foram solicitados, os respectivos livros e registos contabilísticos e a respectiva documentação devidamente ordenada, também prestando os esclarecimentos necessários para que a missão do conselho fiscal fosse mais facilmente concretizada:

3 — Que os critérios adoptados na avaliação das respectivas contas foram os dos custos reais, pelo que os valores apresentados permitem uma avaliação exacta das contas do património e resultados:

4 — Que o conselho de administração, não obstante as dificuldades inerentes à falta de recursos próprios e a uma estrutura empresarial ainda não completamente adaptada às novas necessidades — o que faz com que a empresa atravesse um momento crucial da sua já longa existência — soube estar à altura das exigências, e mesmo tomar algumas medidas inovadoras, que consideramos positivas para o desenvolvimento da Seara Nova, como foi o caso da abertura da Livraria e da transferência de todos os serviços para novas instalações.

Assim, somos de parecer:

1 — Que aproveis o relatório e as contas:

2 — Que aproveis a sua proposta sobre a aplicação do lucro apurado no exercício que findou em 31 de Dezembro de 1976:

3 — Que aproveis um voto de louvor ao conselho de administração e a todos os colaboradores da Seara Nova pela actividade desenvolvida ao longo do exercício em apreciação.

Lisboa, 30 de Março de 1977
O CONSELHO FISCAL

Transferidos para Monsanto militantes da UDP detidos em Beja

Continuavam esta manhã detidos na Cadeia de Monsanto, em Lisboa, os doze militantes da UDP que elementos à paisana da PSP detiveram às primeiras horas da manhã de ontem nas suas casas, em Beja, materializando um mandado de captura colectivo passado pelo juiz da comarca local. De acordo com o parecer do dr. Agostinho de Sousa Inês, aqueles doze militantes são acusados de ofensas corporais voluntárias às autoridades e desobediência qualificada, actos que teriam sido cometidos durante um comício de propaganda eleitoral para a Presidência da República, realizado em Beja, com a participação do então candidato general Ramalho Eanes.

Os detidos, que segundo o parecer daquele causídico, terão de ficar na situação de prisão preventiva sem admissão de caução até ao julgamento, são os seguintes: Manuel Pegado, advogado, membro da Comissão Distrital da UDP e antigo delegado do Ministério do Trabalho que foi saneado após o 25 de Novembro contra a vontade dos trabalhadores; António Freitas, marceneiro, membro da direcção do Sindicato da Construção Civil de Beja; José Amílcar Garcia, operário da construção civil; Pedro Jorge Pegas, cantoneiro de limpeza; António Albino Julião, metalúrgico; José Matos Albino, operário; José Luís Ganhão, empregado das Finanças; Ambrósio Palminha, professor de Educação Física; Artur Cheira, pequeno comerciante; Joaquim António Cabrito e Domingos Castanha.

Na sequência da acção policial concentraram-se junto à cadeia de Beja centenas de populares e famílias dos detidos. À hora da saída do carro celular para Lisboa, o que viria a acontecer cerca das 15 e 30, esse número seria aumentado, levando uma força da Polícia de Intervenção a carregar sobre os manifestantes, de que resultaram vários feridos.

Referindo-se a este preocupante acontecimento, a UDP emitiu um comunicado em que considera como uma provocação o motivo alegado para as detenções, denunciando que «enquanto doze trabalhadores antifascistas são detidos injustificadamente e outros são espancados por exigirem a sua libertação, «pides», «bufos» e bombistas, podem aguardar os seus julgamentos em liberdade.»

Afirmando «que os métodos utilizados nas prisões trazem a marca de quem os ordenou», a UDP afirma que na ausência de um outro militante (o professor António Palminha) que também constava no mandato de captura, a PSP revistou a sua casa, tal como costumava fazer a PIDE.»

E o comunicado termina tecendo as seguintes interrogações:

«Por que é que enquanto o guarda pessoal de Eanes, que na campanha presidencial em Évora assassinou a tiro o Perário João Trindade, nem sequer ainda foi molestado, nem inquirido, nem preso, por que é que enquanto isso acontece se prendem trabalhadores cujo único «crime» foi estarem ao lado dos milhares de populares que em Beja se manifestaram contra um candidato presidencial que não era o dos trabalhadores? Por que é que enquanto as investigações contra os assassinos de Luís Caracol e do padre Maximino estão parados e os processos dormem nas gavetas da Polícia Judiciária, se apressam as autoridades a prender trabalhadores honestos e democratas?»

OS PROCESSOS DOS EX-"PIDES"

Advogado de Tinoco pede pena "generosa e benevolente"

Uma pena «generosa e benevolente» — eis o que o advogado Manuel Anselmo pede para o «pide» Tinoco baseando-se em pretensas qualidades pessoais do arguido e em ainda mais pretensos «serviços distintos altamente patrióticos». O fraseado foi ontem ouvido no 4.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa durante a sétima sessão do julgamento do torcionário. No dia 14, às 15 horas, conhecer-se-á a sentença.

Tinoco, na versão de Manuel Anselmo, terá sido toda a vida «um pai exemplar, cidadão afectuoso, de trato admirável para todos os que dele se acercavam, de sensibilidade moral digna de todos os elogios». Tortura da estátua, tortura do sono, sevícias avulsas em presos indefesos? «Abanões a tempo» — já lá dizia o dr. Oliveira Salazar. Ouve-se e passma-se.

A sessão de ontem começou com as alegações do promotor de Justiça, coronel Dias Morgado, que interpretou as queixas do libelo uma a uma. Seguiu-se o «show» oratório de Manuel Anselmo, com recurso ao estafado argumento de que a Lei nº 8/75 é inconstitucional — aliás uma outra da Junta de Salvação Nacional confirmaria isso mesmo, defendeu o causídico.

Quanto a Tinoco, o vero Tinoco, pois teve um «óptimo passado». A atestá-lo estariam juntas de freguesia, «padres e muitas outras pessoas». Algo, porém, o perdeu. Que seria? A «má vontade das pessoas que prendeu». Ah, «cidadão afectuoso»...

Tinoco, ainda durante a sessão, leu uma defesa escrita. Meia hora de prosa auto-apologética. Pouco antes Anselmo juraria: «Como advogado não venho para aqui fazer política!»

A António Maria Cardoso, Peniche, Caxias, o Tarrafal, S. Nicolau — nada disso existiu. Boatos apenas.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS COM A IMPRENSA

Empresas continuam a subfacturar enquanto responsáveis são absolvidos

No Orçamento Geral do Estado não estão previstas verbas para pagamento de indemnizações, mas isso deve-se, segundo declarou o secretário de Estado do Tesouro, dra. Maria Manuela Morgado, na Conferência de Imprensa ontem promovida pelo Ministério das Finanças, ao facto dessas indemnizações serem pagas em títulos e no primeiro ano nenhuma obrigar ao reembolso do capital. «Há apenas que pagar os juros. Mas como não haverá títulos em circulação antes de 1978, não haverá que pagar juros», sublinhou a responsável por aquele departamento governamental.

A Conferência de Imprensa visava apresentar uma imagem operante da equipa das Finanças mas os resultados não foram muito compensadores. Apesar de frequente ajuda do ministro, os responsáveis dos vários departamentos, excepção feita para os da Guarda Fiscal, — os mais concisos e objectivos — todos os outros se mostraram incapazes de transmiti essa imagem e de responder com segurança a muitas das perguntas formuladas.

O director-geral das Alfândegas apresentou números e realizações mas, a uma pergunta sobre as mercadorias que ficam nos armazéns das empresas até ao desembaraço fiscal e se fazia ideia do número de bilhetes de despacho de importação, relativos a essas mercadorias que ainda se encontram por liquidar, limitou-se praticamente a afirmar que está em curso «legislação para travar este descalabro», mas a verdade é que este problema não nasce apenas da falta de legislação adequada.

Outra pergunta sobre os milhares de carros de matrícula estrangeira que circulam no País conduzidos por pessoas que residem e exercem actividades profissionais em Portugal obteve resposta idêntica: «Estamos a envidar esforços para evitar». O ministro Medina diria mais acrescentando a informação de que o funcionário da Direcção-Geral das Alfândegas, que desenvolvia grande actividade nesse campo, em consequência das ameaças recebidas, teve um enfarte de miocardio, mas ninguém explicou que apoio teve esse funcionário e se tudo isso não seria provavelmente resultante dele conduzir isolado uma luta contra a corrupção. O ministro revelou ainda que o Ministério das Finanças está a fornecer diversos serviços oficiais com os carros apreendidos. Aqui o mérito é para a Guarda Fiscal que nos últimos tempos apreendeu dezenas de milhares de contos de carros que circulavam ilegalmente.

Outro aspecto focado pelos jornalistas na conferência de Imprensa dizia respeito às práticas de subfacturação e sobrefacturação muito usadas especialmente pelas multinacionais. O director-geral das Alfândegas confessou que não têm possibilidades de controlar os valores declarados e Medina Carreira adiantou que alguns casos tinham sido detectados «mas inesperadamente os infractores foram absolvidos».

Quanto à Previdência, agora integrada no Orçamento Geral do Estado, as suas dívidas continuam a aumentar e atingem neste momento cerca de 12 milhões de contos.

«Estava previsto para 1977 a recuperação de 10,5 milhões de contos — esclareceu o secretário de Estado do Orçamento — Admite-se que tenham sido recuperados 2,5 milhões apenas. Isto deve-se ao facto de não se terem encontrado os esquemas que permitam às empresas pagar. Estava previsto um sistema de créditos às empresas para elas poderem pagar mas esses contratos de viabilização têm estado atrasados.»

HERANÇA ASSECA NO BRASIL

Duas centenas de portugueses vão ser beneficiados

Cerca de 200 portugueses contam-se entre os herdeiros de uma fabulosa fortuna, que inclui propriedades em mais de 20 municípios do Estado brasileiro do Rio de Janeiro e cuja origem remonta aos fins do século XVI.

A fortuna foi deixada pelo sexto visconde de Asseca, cujos direitos têm vindo a ser investigados por um grupo de advogados que desde Agosto, procedem a pesquisas no nosso país. A herança, legada por D. António Correia de Sá, falecido em 1844, no Brasil, tem um valor incalculável e abrange terras espalhadas pelas regiões da Gávea, Tijuca, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, Iguaçu e Campo de Goitacazes.

A notícia da herança foi trazida a Portugal por um grupo de advogados brasileiros especialistas em processos antigos e colheu de surpresa os herdeiros que desconheciam que tivessem terras no Brasil. Foi entretanto elaborada a árvore genealógica de D. António Correia de Sá, sexto visconde de Asseca, descendente de Salvador Correia de Sá, que foi governador do Rio de Janeiro em 1594.

Os advogados que iniciaram as pesquisas em Portugal em Agosto passado, partem dentro de dias para o Brasil dando por concluída a primeira fase do processo, a tratar agora com as autoridades brasileiras. De acordo com os advogados Nildo Martini e Edson Soares, as autoridades brasileiras estariam interessadas em descobrir os proprietários dos terrenos «a fim de procederem à recolha dos impostos».

"A NINGUÉM É INDIFERENTE O QUE SE PASSA NO ENSINO"

Professores manifestam-se com apoio da Intersindical

Continuação da pág. 1

No passado dia 28 de Outubro reuniram-se no Liceu Camões cerca de 50 Conselhos Directivos da Zona da Grande Lisboa, convocados pelo Sindicato dos Professores, com o fim de analisarem a situação nas escolas resultante do catastrófico funcionamento do processo de colocações e sobre tal tomarem posição. No decorrer da reunião foi aprovada a constituição de uma comissão de seis Conselhos Directivos com o objectivo de solicitarem uma entrevista aos secretários de Estado da Administração e Equipamento Escolar e da Orientação Pedagógica. A audiência foi solicitada para as 15 horas do passado dia 2 de Novembro devendo estar presentes, além dos referidos secretários de Estado, os directores-gerais do Ensino Básico e Secundário. A Comissão dos Conselhos Directivos viria a ser recebida quatro horas depois pelos dois secretários que se recusaram a ouvi-la. Informa o comunicado do Sindicato dos Professores. «Em termos autoritários e intimativos, o secretário de Estado, Almerindo Marques, depois de negar a representatividade dada pela reunião dos conselhos directivos à comissão ali presente, e pondo em causa o direito de o sindicato convocar reuniões de conselhos directivos, identificou nominalmente os presentes ameaçando-os de processo disciplinar por terem afirmado que existiam «graves anomalias» no processo de colocação de professores». E prossegue o comunicado: «A uma pergunta sobre a possibilidade de o MEIC desfazer os erros e repor a justiça nas colocações sem a colaboração dos conselhos directivos o secretário de Estado da Administração Escolar disse: «O MEIC logo responderá».

Esta recusa do MEIC ao diálogo, a forma como os conselhos directivos (não) foram recebidos pelos secretários de Estado — socorrendo-nos de novo do comunicado do sindicato — «mostra claramente que o MEIC começa a ter consciência de não ter sido capaz de cumprir as promessas feitas ao país sobre o início do ano lectivo em condições normais e o reconhecimento de não conseguir resolver correctamente os inúmeros problemas que este sistema de colocações determinou». Também sobre o assunto o MEIC se pronunciou numa extensa e confusa nota, em que após sumariar todo o processo em que o pedido de audiência esteve envolvido, e como «considera haver em tal procedimento um conjunto de irregularidades cuja responsabilidade importa apurar, vai ser instaurado processo disciplinar».

MANIFESTAÇÃO DE HOJE

É neste espírito que os professores vão descer hoje à rua, conscientes e já com provas de que o MEIC se continua a furtar ao diálogo e não quer assumir as inteiras responsabilidades do desastroso processo de colocações que ainda não terminou e das falsas promessas feitas através da TV de que o ano escolar começaria normalmente no princípio de Outubro.

À manifestação aderiram também os trabalhadores do MEIC que através das comissões sindicais da Direcção-Geral do Equipamento Escolar, Direcção-Geral do Pessoal e Administração e Direcção-Geral da Educação Permanente, apelam para uma participação maciça na manifestação de hoje, já que a luta dos professores e trabalhadores dos serviços centrais é a mesma.

Igualmente o Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Lisboa apela para que os seus associados participem na manifestação, com a qual se solidariza.

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P

Empresa Pública

DIRECÇÃO OPERACIONAL DE EQUIPAMENTO E PRODUÇÃO

OFICIAIS MAQUINISTAS NAVAIS

Admite para condução de grupos térmicos nas Centrais de Tapada do Outeiro (arredores do Porto), Carregado, Barreiro e Setúbal.

OFERECE-SE:

— **Remuneração compatível com a função a desempenhar**

— **Regalias Sociais**

— **Horário semanal de 42 horas em turnos.**

Resposta por carta com curriculum completo, incluindo idade, classificações escolares, experiência e ordem de preferência pelas centrais, à EDP (Av. Infante Santo, 17-4.º-Lisboa-3), até às 18 horas do dia 11 de Novembro de 1977.

NOTA: Os candidatos que já tenham feito a sua inscrição na Empresa, devem, no caso de estarem interessados, responder a este anúncio.

EM ALVALADE DO SADO

"Passos de Lenine" ameaçada de desaparecimento

Um pedido de reserva em nome dos herdeiros do agrário Francisco António Botelho na Cooperativa Agro-Pecuária «Passos de Lenine» em Alvalade do Sado, vem pôr em causa não só os postos de trabalho de 22 trabalhadores como ainda a existência da própria cooperativa. A reserva abrange 529 hectares que coincidem com as herdades de Vale de Santiago e Caruncholas.

Os trabalhadores da Cooperativa «Passos de Lenine» que tomaram conhecimento desta determinação do MAP no passado dia 31 de Outubro acusam os agrários Botelho de sabotagem económica. Segundo afirmam no relatório enviado à Comissão de Gestão Transitória do Perímetro de Rega de Campilhas e Alto Sado, a família Botelho em 1974 deixou morrer 18 vacas à fome e deu o leite dos vitelos aos cães. Por outro lado no tempo dos agrários apenas eram cultivados entre 40 a 50 hectares de terra.

Entretanto os trabalhadores da cooperativa aumentaram o efectivo pecuário de 99 cabeças para 213 e pensam semear este ano 280 hectares de terra.

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL

Reestruturação da Indústria Seguradora

COMUNICADO

A Assembleia Geral Extraordinária dos Trabalhadores de Seguros do Sul, reunida em 28/10/77, tomando como base de discussão, o projecto do INS decidem que na **Reestruturação da Indústria** fiquem consignados os seguintes princípios:

1. Garantia efectiva do direito ao trabalho e ao salário por forma a que não possam resultar despedimentos, suspensões, redução de direitos, reformas e reclassificações compulsivas;
2. Aceitação dos critérios que conduziram à constituição dos Grupos propostos pelo INS, com desaparecimento da «imagem de marca» das Companhias, repudiando simultaneamente a aprovação de qualquer projecto que não seja previamente submetido à apreciação dos trabalhadores;
3. Não aceitação da separação da Açoreana do restante conjunto de Seguradoras Nacionalizadas, devendo a mesma ser integrada num dos Grupos a formar;
4. Criação de novas estruturas no sector nacionalizado, assegurando uma cobertura regional completa e a descentralização administrativa com a consequente alteração jurídico-administrativa das Seguradoras Nacionalizadas na sua forma actual, com vista a uma integração programada nessa nova estrutura;
5. Elaboração pelo INS do Projecto de Estatuto das Empresas Nacionalizadas que deverá ser presente à apreciação dos Trabalhadores de Seguros com prazo de discussão nunca inferior a 30 dias;
6. Elaboração pelo INS do Projecto de Estatuto das Empresas Mistas e Estrangeiras com vista a enquadrar a sua actividade no mercado nacional. Este Projecto será, tal como o anterior, sujeito a discussão pelos trabalhadores de seguros;
7. Implantação do regime de obrigatoriedade do seguro de R. C. Automóvel;
8. Criação de coberturas de seguros social e economicamente indispensáveis ao desenvolvimento das explorações agrícolas respondendo às necessidades dos trabalhadores da agricultura e dos pequenos e médios agricultores;
9. Resolução, em termos sociais, dos Mediadores de Seguros, a contemplar na descentralização administrativa da nova estrutura, defendendo o pleno emprego dos que trabalhem a tempo inteiro e os seus eventuais trabalhadores, como um dos contributos para pôr fim à concorrência;
10. Eliminação imediata de todas as formas de concorrência com proibição de transferências, uniformização de tarifas, coberturas e processos de regularização de sinistros, delimitação rigorosa do âmbito de actividade das Companhias Mistas e Estrangeiras e sua subordinação aos objectivos definidos para a actividade seguradora;
11. Revisão da restante legislação sobre seguros;
12. Criação de Centros de Apoio à actividade seguradora, nomeadamente:
    a) Prevenção e Segurança
    b) Análise de Riscos e Tarifação Especial
    c) Estudos e Aperfeiçoamento de Novas Coberturas
    d) Peritagens
    e) Estatística
    f) Informática
    g) Cobranças
13. Criação de Empresa Pública de Saúde de Seguros que terá a seu cargo todos os meios de tratamento, reabilitação e recuperação de todos os sinistrados, independentemente da Seguradora a que estejam vinculados pelo contrato de seguros;
14. Criação do operador do canal único de resseguro abrangendo também as Companhias Mistas e Estrangeiras, que proceda ao intercâmbio do resseguro com o estrangeiro baseado na reciprocidade e no interesse mútuo, particularmente através da criação do Plano Nacional;
15. Criação de uma Companhia Única do Ramo de Vida, com transferência para essa Empresa de todos os seguros actualmente existentes nas Empresas Nacionalizadas;
16. Planificação global das necessidades e acções de Formação tendo em vista a reconversão profissional;
17. Criação de um serviço de Formação Profissional sob a égide da Escola Nacional de Seguros a criar no mais curto prazo;
18. Integração do sector na Planificação Económica Nacional;
19. Garantia efectiva do direito dos trabalhadores a controlarem a gestão de todas as seguradoras e dos seus órgãos de coordenação, através do livre acesso a toda a documentação e informação e da denúncia de irregularidades;
20. Defesa das nacionalizações como conquista irreversível dos trabalhadores no caminho da transformação dos Seguros em meio de utilidade social;
21. Gestão do sector nacionalizado orientada para a prevenção e segurança dos riscos a que estão sujeitos os trabalhadores, melhorando a assistência médico-hospitalar e actualizando as pensões dos sinistrados, garantindo coberturas adequadas a prémios baixos nos seguros que preencham necessidades prioritárias individuais ou sociais;
22. Gestão do sector nacionalizado com base, não na procura do lucro como objectivo mas no equilíbrio económico e financeiro baseado no princípio de que os défices de exploração dos seguros de carácter prioritário serão cobertos pelos de carácter supérfluo;
23. Manutenção do actual horário de trabalho.

Mais decidem os trabalhadores de seguros:

a) Exigir que nenhuma legislação sobre a actividade seguradora seja promulgada sem a consulta e participação prévia dos trabalhadores de seguros, a fim de estes poderem tomar posição final sobre essa mesma legislação;

b) Reafirmar inequivocamente a sua disposição de lutar por todos os meios para que as grandes linhas aprovadas na Assembleia Geral sejam respeitadas por qualquer reestruturação que se venha a efectuar, através de formas de luta a aprovar oportunamente em Assembleias Gerais, e particularmente de lutar contra quaisquer despedimentos ou ataques às nacionalizações, venham eles sob que forma vierem, especialmente sob a utilização do Fundo de Desemprego ou da criação do Quadro Geral de Adidos para o sector de Seguros.

A DIRECÇÃO

Durante a cerimónia, ontem ao fim da tarde, na embaixada francesa

FRANÇA DISTINGUE INDIVIDUALIDADES PORTUGUESAS

Vasco da Gama Fernandes recebeu medalha de ouro

Na Embaixada de França, o presidente da Sociedade de Encorajamento ao Progresso, professor Leopold Escande, entregou ao dr. Vasco da Gama Fernandes a Medalha de Ouro-1977, com que foi agraciado, por aquela sociedade, o presidente da Assembleia da República. Presentes à cerimónia, o chefe do Governo, Mário Soares, os ministros Henrique de Barros e Jorge Campinos e representantes dos vários grupos parlamentares, convidados pela Embaixada: Salgado Zenha e António Arnaut, do PS, Nuno Rodrigues dos Santos, do PSD, Carlos Brito e José Vitoriano do PCP, e Sá Machado do CDS. Nos salões da Embaixada, entre outras personalidades destacadas da vida social e política, encontravam-se o presidente da Câmara Municipal de Lisboa e alguns deputados do PS, além dos já citados. Notada também a presença do almirante Pinheiro de Azevedo.

A concessão da medalha de ouro a Vasco da Gama Fernandes como «justa homenagem prestada a uma obra e a uma vida excepcional» e a «um grande amigo de França», foi ainda justificada pelo presidente da Sociedade de Encorajamento ao Progresso, pela «coerência, independência e coragem» com que o laureado sempre defendeu os seus ideais.

Ao agradecer a distinção, o presidente da Assembleia da República fixou-se «na última motivação, ou seja a de ser um grande amigo de França, qualidade que reivindico com o maior orgulho», conforme afirmou.

Durante o seu discurso, o homenageado evocou «a solidariedade honrosa do Governo da República Portuguesa que decidiu a intervenção de Portugal nos campos de batalha de 14-18», a qual «por si só nobilita estadistas republicanos da estirpe de Bernardino Machado, Afonso Costa, Teixeira Gomes, Norton de Matos e João Chagas entre muitos outros». Recordou depois o facto de, «no próprio dia em que as tropas de Hitler atravessavam as fronteiras de França» ter organizado «em Leiria, com amigos meus, uma sessão de homenagem ao povo invadido», sublinhando mais adiante que «houve, na verdade, neste país, uma resistência que nunca claudicou, antes se aprofundou a despeito das perseguições e sevícias policiais. E nessa resistência se inseriu a esmagadora maioria dos portugueses livres que jamais se conformaram com o regime vigente, antinacional e antieuropeu».

Durante a cerimónia realizada na Embaixada de França foi também entregue a medalha de prata dourada da Sociedade de Encorajamento ao Progresso ao dr. Vasco Taborda Ferreira.

AS COMEMORAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

"15 dias da URSS em Lisboa"

De entre as realizações promovidas pela Comissão Nacional das Comemorações do 60.º Aniversário da Revolução de Outubro, avulta a exposição que, até ao próximo dia 15, estará patente ao público na Galeria Nacional de Arte Moderna (Mercado do Povo), sublinhou um dos elementos daquela Comissão, Armando Myre Dores, num encontro informal com os jornalistas, a que estiveram presentes organizadores da exposição e funcionários da Secretaria de Estado da Cultura que coadjuvaram na montagem do certame.

Através da fotografia «o público interessado poderá acompanhar todo o caminho percorrido pelo povo soviético desde a Revolução de 1917, a tenacidade e heroísmo de que ele foi capaz até conseguir as grandes conquistas sociais e económicas, culturais e científicas de hoje. Não se trata de uma exposição estática» — vincou ainda Myre Dores. A ela se poderá chamar «15 Dias da URSS em Lisboa» — acrescentou.

Efectivamente, para lá da fotografia, há o disco, o livro, a filatelia, o filuminismo, o cinema, música, e «slides» das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Além disso, todos os dias terão lugar realizações tendentes a mostrar as realidades e o modo de viver do povo soviético. Hoje mesmo, às 21,30 horas, Aurora Murteira e Waldemar Quaresma falarão da «Economia na URSS». Gina de Freitas, José Gomes Ferreira, Silva Graça e Vasco Pinto Leite falarão amanhã às 15 das suas impressões de viagem pelas Repúblicas Soviéticas. O dia 5, porém, será mais incisivamente marcado pela Festa da Amizade Luso-Soviética que terá lugar à noite no Pavilhão dos Desportos.

Voltando às realizações previstas para o Mercado do Povo, refiram-se os colóquis sobre as organizações sociais na URSS e sobre «Lenine e as Forças Armadas Soviéticas», respectivamente à tarde e à noite do próximo domingo. Durante a próxima semana, outros temas serão abordados. Entre eles a «Importância da Revolução de Outubro na Organização Sindical», a «Ásia Central», a «Ucrânia», e ainda a educação infantil, a cooperativização da agricultura, a juventude e o desporto. Esta série de realizações terminará no dia 15 com um colóquio acerca da «Política Externa de Paz da União Soviética». Nos dias 5, 6 e 13 as tardes serão especialmente dedicadas às crianças.

Durante o encontro de ontem com os jornalistas, Victor Koshevoi, da TASS, agência soviética, que participou sobretudo na mostra fotográfica, formulou votos por que a exposição tenha um bom acolhimento do público português e o conselheiro da Embaixada da URSS em Lisboa, Yuri Beguichev, referiu-se ao interesse que envolve o mútuo conhecimento entre os povos e a importância do diálogo, sempre frutuoso. Anunciou que o material da exposição será confiado à Associação de Amizade Portugal-URSS, que a poderá apresentar noutras localidades.

Tanto o diplomata soviético como a Comissão Nacional das Comemorações agradeceram a colaboração prestada pela Secretaria de Estado da Cultura, a qual significou citando palavras de Beguichev, «boa fé e disposição de colaborar no intercâmbio cultural luso-soviético».

DIA 19, EM LISBOA

Manifestação contra política actual

. As Uniões dos Sindicatos e as Cinturas Industriais de Lisboa e Setúbal e os secretariados das Empresas Intervencionadas e das Empresas em Autogestão convocaram para o próximo dia 19, «uma jornada de unidade e luta com início no Marquês do Pombal, às 15 e 30, seguida de manifestação e concentração no Terreiro do Paço».

Com esta jornada de luta, os trabalhadores de Lisboa e Setúbal manifestar-se-ão «contra os despedimentos, pelo direito ao trabalho; contra a repressão, pelas liberdades sindicais; contra o aumento do custo de vida; pela defesa das conquistas alcançadas; pela independência nacional».

A decisão de convocar esta manifestação foi tomada em reunião daqueles organismos, «a fim de analisar a evolução política, económica e social do País» e na sequência de plenários da CGTP-IN, da CIL e da CIS.

«Da análise feita na reunião» — afirma-se no comunicado — «concluiu-se que o actual Governo continua a ofensiva contra as conquistas e os direitos dos trabalhadores, violando o consagrado na Constituição da República e esquecendo os compromissos assumidos perante os trabalhadores e o povo português, o que traz como consequência o agravamento das condições de vida dos trabalhadores e o agravamento da situação económica pondo em causa a independência nacional».

Reintegrações na Tabaqueira originam paralisação progressiva

. Os trabalhadores da Tabaqueira EP vão paralisar uma hora por dia a partir da próxima segunda-feira, dia 7, numa tentativa de levar o Ministério da Indústria e Tecnologia a receber as estruturas suas representantes: nomeadamente a Comissão Sindical, como foi hoje divulgado em conferência de Imprensa.

A medida integra-se num processo de luta que a Comissão Sindical da Indústria do Tabaco vem desenvolvendo, após a emissão pelo MIT de um despacho determinante de integração na Tabaqueira EP de 44 trabalhadores portugueses administrativos que com estatuto de emigrantes laboram actualmente na Sociedade Ultramarina de Tabacos, em Moçambique.

Os 44 trabalhadores têm condições para continuar em Moçambique, não havendo, segundo se afirmou esta manhã na conferência de Imprensa, intenção do Governo moçambicano de os afastar da SUT, onde até são necessários. Pretendem regressar a Portugal com a garantia de que vão ser integrados nas mesmas categorias profissionais, auferindo os mesmos ordenados (de 8 a 84 contos, pois a lista integra quadros altamente colocados) e com direito à reforma.

A sua média de idades é de 45 anos, pelo que os encargos com pensões de reforma não estão longíquos.

Os trabalhadores da Tabaqueira EP nada têm quanto a estes tabalhadores mas entende que a SUT, sua actual entidade patronal, deve assumir os encargos que lhe compete, em vez de serem transferidos para a Tabaqueira EP. Os trabalhadores calculam que os encargos para esta última empresa, com a integração dos 44, orçamentarão os doze mil contos. Para mais alguns destes 44 não têm correspondência de funções na Tabaqueira, como é o caso do chefe de vendas.

O aumento de encargos aliado a proposta de aumento de 230 contos da receita fiscal do tabaco, o que por sua vez provocará um aumento de cerca de 40 por cento em maço de tabaco, e uma quebra de vendas, faz prever uma situação de destabilização da empresa que muito preocupa os trabalhadores quanto ao seu futuro.

Os trabalhadores, que fizeram já várias diligências para serem ouvidos no MIT sem qualquer resultado, acusam este Ministério de agir com má fé, pois tomou decisões sem consultar os trabalhadores

GESTÃO DA PREVIDÊNCIA

Procedimento do MAS motiva protestos da Inter

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, em comunicado ontem distribuído, repudia vivamente as arbitrariedades cometidas pelo secretário de Estado da Segurança Social, exonerando representantes do movimento sindical das CA das instituições de previdência» e «protesta energicamente, junto do MAS pelo facto de não dar cumprimento ao D.-L. 124/77».

«Perante o silêncio e a recusa ao diálogo com o movimento sindical nesta matéria, a CGTP-IN responsabiliza o Governo pelo agravamento da situação financeira da Previdência e pelas inevitáveis consequências para os utentes, em especial os mais desfavorecidos e exige do ministro dos Assuntos Sociais, uma posição conforme com a Constituição» e com o referido decreto.

O boicote do Governo à participação do movimento sindical nas instituições de Previdência acentua-se no caso no Instituto de Gestão Financeira.

O Decreto-Lei 124/77, que regulamenta a constituição e funcionamento do Instituto até à constituição do Conselho de Gestão, num prazo de 90 dias, estabelece que seis representantes das associações sindicais deverão ter assento no referido Conselho. Mas, na verdade, já passaram 120 dias...

Aliás, a própria Constituição, no artigo 63, ponto 2, diz: «Incumbe ao Estado organizar, coordenar e subsidiar um sistema de segurança social unificado e descentralizado, de acordo e com a participação das associações sindicais e outras organizações das classes trabalhadoras.»

NA COPAM

Clima de terror instaurado pelo patrão

. Os Sindicatos ligados aos trabalhadores da Companhia Portuguesa de Amidos — Copam — os delegados sindicais e a Comissão de Trabalhadores da empresa vão reunir-se esta semana, a fim de decidirem medidas para tentar eliminar o clima de terror que o patrão (a quem a empresa foi devolvida) criou, nomeadamente no que diz respeito a suspensões e despedimentos de trabalhadores.

Ascende a seis o número de despedidos e a 14 o de trabalhadores suspensos, enquanto outros estão a ser alvo de processos disciplinares, sem suspensão. Outras medidas de repressão estão a ser entretanto postas em prática pelo patrão Carmona e Costa, numa tentativa de reconstituição do clima de antes do 25 de Abril. Assim, a Comissão de Trabalhadores é ameaçada de cada vez que emite um comunicado e os trabalhadores que entram na empresa sobraçando «muitos papéis» são chamados, a fim de se evitar eventual acção activista.

Os trabalhadores são também chamados individualmente e interrogados sobre várias questões relacionadas com a greve passada e com paralisações futuras que eventualmente venham a efectuar-se.

Por outro lado, o patrão alterou os postos de trabalho, o que contribui para agravar o clima de descontentamento e o funcionamento da empresa.

Os cerca de trinta mercenários (recrutados, sabe-se de fonte segura, na Associação dos Ex-Comandos) contratados pelo patrão Carmona e Costa continuam a cumprir as funções de que foram incumbidos, uns como informadores e elementos da «segurança» do patrão, outros a ocupar mesmo postos de trabalho. Um está até a desempenhar o lugar de encarregado, cargo que na Copam leva tradicionalmente algum tempo a conseguir.

"Beija-Flor" não paga

. Encontram-se há cinco meses sem salários, os 60 trabalhadores da fábrica de calçado «Beija-Flor», em Avintes, Gaia abandonada pelo patrão.

Segundo apurámos, na origem do abandono da empresa pela entidade patronal, estão questões meramente familiares, considerando os trabalhadores que não podem por estes motivos ser prejudicados nos seus direitos.

Embora os trabalhadores ocupem as instalações, as máquinas estão completamente paradas já que quer a água quer a luz foram cortadas, estando, assim, a fábrica impossibilitada de laborar.

Estava marcada para ontem uma reunião na delegação do MT para análise desta situação. Todavia, não se efectivou por falta de comparência do representante da entidade patronal que alegou desconhecer a sua realização.

Os operários mantêm-se, entretanto, dispostos a continuar a sua luta até que o problema se resolva.

"Carta Aberta" contestada em Aveiro

Os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Comércio do Distrito de Aveiro foram fortemente criticados pela sua actuação, particularmente desmobilizadora, em reunião efectuada no dia 28, em S. João da Madeira, para alteração dos actuais estatutos.

Esta reunião, como acontecera anteriormente, acabou por não discutir a ordem de trabalhos, em virtude de a Assembleia não registar a presença de pelo menos 10 por cento dos associados, «quorum» que os estatutos impõem quando se trata de alterações estatutárias.

Contudo, os 300 associados presentes decidiram aproveitar a reunião para discutir os principais problemas do sindicato. Foi então que surgiram os ataques à direcção do sindicato que tem apoiado as «iniciativas» da chamada «Carta Aberta».

Entre as principais acusações formuladas, com fortes aplausos, contam-se as do papel desmobilizador, o fraco trabalho sindical desenvolvido e a subserviência ao Governo, que mais não tem feito que atacar os trabalhadores.

A Assembleia repudiou, também, a prática antidemocrática seguida pela direcção, contestando vivamente as respostas demagógicas e desabridas de um dos directores presentes, que se mostrou pouco receptivo às críticas que lhe eram feitas.

EM ASSEMBLEIA GERAL

Trabalhadores do Comércio aprovaram orçamento

. Os trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa aprovaram, ontem, à noite, no decorrer de uma Assembleia Geral Extraordinária, realizada no Pavilhão dos Desportos, o orçamento extraordinário para o seu Sindicato, relativo ao segundo semestre do ano em curso — informa a ANOP.

O documento apresentado pela Direcção, foi aprovado na generalidade, com uma única alteração na especialidade, no que se refere ao reforço do auxílio a prestar ao Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio, que foi fixado em 500 mil escudos.

A aprovação de um orçamento do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa já não acontecia há dois anos, uma vez que, em 1976, não chegou a ser discutido e no primeiro semestre deste ano foi rejeitado pela Assembleia.

Entretanto, após a discussão daquele primeiro ponto da ordem de trabalhos, a Assembleia foi interrompida, prosseguindo na próxima quinta-feira, com início às 21 horas, no mesmo local.

Nessa altura, será posto à discussão o segundo ponto, que abordará, entre outros, os problemas dos despedimentos, da quotização e da contratação.

Pub

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

— MANIFESTAÇÃO, SEXTA-FEIRA, 4, 19 H —

— MARQUÊS DE POMBAL —

— Na consciência de que a política de colocações do MEIC, além de provocar todo o processo caótico do início do ano escolar, corresponde a uma deliberada atitude de pôr no desemprego milhares de professores:

— Considerando que essa política corresponde à prática seguida pelo patronato e pelo próprio Governo e que se têm traduzido em despedimentos, recondução dos patrões nas empresas autogeridas e intervencionadas:

— Considerando que a política de Ensino, os despedimentos, o caos no processo de colocações e as irregularidades nele verificadas se reflectem na educação dos filhos dos trabalhadores, nos estudantes e na população em geral:

— Considerando ainda que face ao aumento do custo de vida e à ofensiva da direita e do patronato, os despedimentos de professores traduzem um comportamento e uma prática do Governo que afecta todos os trabalhadores e estudantes.

As estruturas sindicais e de trabalhadores e a Associação de estudantes abaixo-assinados apoiam a manifestação convocada por iniciativa do Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa, para Sexta-Feira, 4, 19 horas, com concentração no Marquês de Pombal.

NÃO AO DESEMPREGO, ENSINO PARA TODOS!

TRABALHADORES EM LUTA, ENSINO DEMOCRÁTICO!

ESCOLAS COM PROFESSORES PARA TODOS OS TRABALHADORES!

CONTRATO COLECTIVO PARA TODOS OS PROFESSORES!

PROFESSORES TÊM RAZÃO — EXIGEM NEGOCIAÇÃO!

DIREITO AO TRABALHO — FIM AOS DESPEDIMENTOS!

GESTÃO DEMOCRÁTICA SIM — GESTORES NOMEADOS NÃO!

ASSINAM: Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul.
A. E. Faculdade de Letras de Lisboa
A. E. ISCTE
Secretariado das Empresas Intervencionadas
Secretariado de Trabalhadores Estudantes Ensino Secundário de Lisboa)
A. E. Faculdade de Ciências
A.E. Instituto Superior Técnico
Comissão Intersindical de «O Século»
Secretariado dos Trabalhadores da Comunicação Social
A.E. do ISCAL
Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública (Zona Sul)
Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa

Pub

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.°-D. — LISBOA 1
TELEFONES 41751 — 535547

MOÇÃO

Os Enfermeiros, sócios do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, reunidos em Assembleia Geral Extraordinária no Hospital D. Estefânia, em 27/10/77, face à actual situação sindical do País, decidem

1 — Repudiar a repressão e brutalidade com que ultimamente vêm actuando as forças de Segurança, única maneira de governar contra a vontade dos trabalhadores.

2 — Saudar a resistência e a luta patriótica dos trabalhadores da Reforma Agrária, das Empresas intervencionadas, autogeridas ou Cooperativas, e dos Sindicatos que os representam, na defesa dos seus postos de trabalho e da economia nacional, contra as acções sabotadoras levadas a cabo pelos inimigos do povo.

3 — Reafirmar perante os órgãos do Poder que as soluções a encontrar para a crise económica, social e política do País terão de passar pela perspectiva constitucional, respeitando a vontade e os interesses dos trabalhadores.

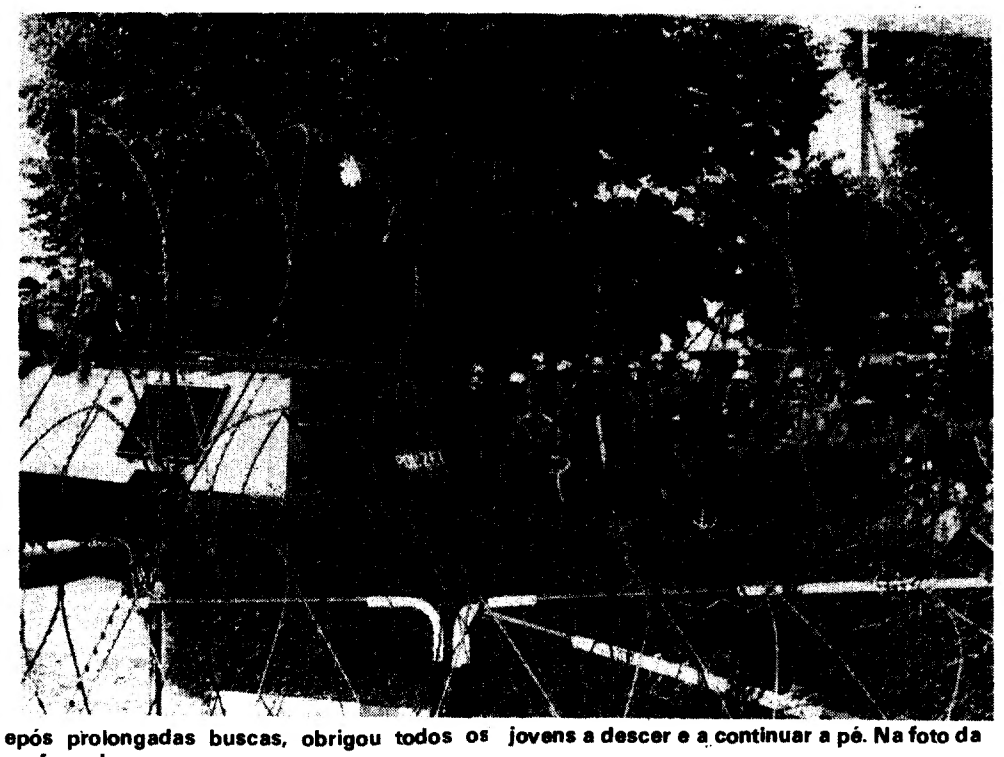
4 — Apelar para a unidade de todos os trabalhadores em redor dum objectivo comum, lutando por melhores condições de vida, e por uma Sociedade onde não existam exploradores nem explorados.

5 — Exigir dos órgãos do Poder medidas que satisfaçam os trabalhadores e os interesses patrióticos, no respeito integral do espírito da Constituição da República Portuguesa, que aponta claramente para uma Sociedade Socialista.

6 — Que esta Moção seja divulgada nos jornais diários — "o diário", "Diário de Lisboa" e "Diário Popular".

Lisboa, 27 de Outubro de 1977

UNIDOS VENCEREMOS!



Perto da fronteira holandesa, em Kalkar, a polícia fez mesmo parar um comboio, e, após prolongadas buscas, obrigou todos os jovens a descer e a continuar a pé. Na foto da direita: flores no arame farpado

ACENTUA-SE NA EUROPA O MOVIMENTO ANTINUCLEAR

Congresso dos socialistas holandeses já exige o encerramento das centrais

Estão actualmente a funcionar na Europa Ocidental 78 centrais nucleares. 69 estão em construção já adiantada. Já foram feitas encomendas, estão prestes a ser concedidas licenças a dezenas de outras centrais já projectadas. Os perigos que vêm ameaçar as populações não preocupam a indústria nuclear nem os governos dos diferentes países: a inquietação e os protestos das populações são negligenciados, ou, no caso contrário, utilizam-se contra eles as bonitas palavras, as mentiras ou o engano e — quando isso não basta — põem-se em acção as forças policiais. Estado nuclear significa estado policial — e isso entra cada vez mais na consciência das pessoas e acaba de ser provado, uma vez mais, em Brockdorf, Grohnde e, recentemente, em Kalkar, na RFA, em Gósgen, na Suiça, em Seabrook, nos Estados Unidos, em Malville, em França...

A indústria atómica e os governos esperam poder obrigar o movimento antinuclear a renunciar à acção, através do terror policial. Em vão. Este movimento toma cada vez mais um carácter de massas e intensifica o seu alistamento e a sua capacidade de resistência militante.

A ameaça colectiva e as experiências colectivas neste plano fazem nascer uma consciência internacionalista crescente, que se exprime numa solidariedade concreta: na colaboração dos opositores franceses e alemães nas regiões de Wyhl, Marckolsheim e Fessenheim; no apoio de opositores belgas durante a acção contra a central suiça, em Gosgen; na acção colectiva de opositores antinucleares suecos e dinamarqueses contra a central atómica de Barsebäck (no sul da Suécia) — e finalmente na participação e mobilização internacional contra as «supergeradoras» ou «reactores de neutrões rápidos», em Malville (França) e em Kalkar (RFA).

O movimento antinuclear não tem somente um terreno de acção em quase todos os países da Europa Ocidental. Toda a Europa Ocidental se tornou o palco colectivo do movimento.

O desenvolvimento progressivo deste movimento antinuclear talvez signifique o reforço das tendências democráticas e progressistas na Europa Ocidental.

— 2 — Notas históricas sobre a origem do movimento anti-nuclear.

Em 1970, quando o Conselho da Europa designava este ano como «o Ano da Protecção à Natureza», já havia em vários países grupos para a defesa do meio ambiente. Até agora não tiveram eco. Os defensores da natureza quase nunca foram escutados nem pela imprensa nem pelas autoridades.

Em países como os Países Baixos, a Bélgica e a Alemanha Ocidental, os primeiros grupos para a protecção à natureza formaram-se por vezes no seio da organização de estudo da natureza ou da ornitologia (estudo das aves). As primeiras acções orientavam-se principalmente para a protecção de certas espécies de animais ou de paisagens.

Depois de 1970 alguns partidos políticos começaram a dar-se conta do proveito eleitoral que podiam tirar da inquietação quanto ao meio ambiente, e daí as «reivindicações verdes» começarem a aparecer nos programas.

Na maioria dos casos só se tratava de promessas vagas, ou, de vez em quando, organizavam-se comissões. Por fim, criou-se em diferentes países um Secretariado de Estado do Meio Ambiente. Mas, as mais das vezes, tudo parava aqui, até porque a autoridade de um tal Secretariado de Estado era mínima e subordinava-se sempre a ministérios poderosos como o dos Assuntos Económicos, da Indústria, das Obas Públicas, etc.

Os defensores da natureza continuavam a ser um grupo isolado... até ao momento em que a energia nuclear surgiu em cena. Melhor, a energia nuclear já era um velho problema, mas o desenvolvimento desse problema só se tornou fortemente actual depois de 1973, depois da crise petrolífera.

«A maior parte das pessoas morre na cama; logo uma cama é mais perigosa do que uma central nuclear.»

Na Bélgica, por exemplo, a investigação no respeitante à energia atómica teve início há 25 anos, mas o desenvolvimento da rede de centrais nucleares só entrou em acção no início dos anos 70.

Entretanto a Euratom tornava-se um elemento importante, senão decisivo, na promoção da energia nuclear. Através da CEE, esta instituição introduzia iniciativas neste plano e fornecia os créditos necessários para a construção das primeiras centrais.

A opinião pública reagiu pouco.

No entanto, a inquietação aumentava devido a alguns acidentes — como na Dinamarca, quando uma fuga numa empresa nuclear inglesa causou uma contaminação radioactiva no gado e no leite de uma vasta região.

Em todo o caso, os produtores de electricidade fizeram e continuaram a fazer o possível para deter o monopólio da informação. A pouco e pouco essa atmosfera de segredos que acompanha todas as decisões respeitantes à energia atómica começava a tornar-se suspeita, sobretudo porque a planificação, e até mesmo a construção de centrais nucleares, é sempre mais acelerada.

Ora o número de opositores activos também aumentou.

Os defensores da natureza em geral considerados como «suaves», acabam de reagir com muito maior dureza contra a surdez das autoridades e contra a repressão e as intimidações que por vezes encontram, por ocasião de manifestações pacíficas ou simplesmente lúcidas.

Para mais, encontraram aliados entre os grupos de orientação política — na sua maioria organizações de esquerda que têm muitos jovens nas suas fileiras. Assim se introduziu uma análise do problema que tem em conta relações de força capitalistas. As recentes noções acerca das empresas multinacionais (a sua importância nas decisões político-económicas, a sua corrida para a renovação tecnológica a fim de preservar o seu nível de lucros) combinados com a consciência de uma opção pela sociedade atómica e irreversível, tudo isso contribuiu para fazer da energia nuclear um ponto de programa e de acção para um número crescente de organizações de esquerda.

Um ponto de discussão importante no movimento antinuclear é questão de táctica e das formas de acção.

Algumas manifestações pacíficas foram dispersadas por uma força policial nunca vista. Capacetes e máscaras antigás foram considerados armas, e confiscados pela polícia em Kalkar, na zona fronteiriça entre os Países Baixos e a Alemanha Federal, em 24 de Setembro de 1977. Foram utilizadas granadas chamadas antiguerrilha, de força limitada e que causam mutilações graves (pés e mãos arrancados). Estas granadas causaram, em Malville, a morte de Vital Michalon.

A construção de centrais atómicas continua, porém, livremente, sem debates parlamentares nem consultas prévias à população.

Nestas circunstâncias, cada vez mais opositores à energia nuclear unem-se sob a divisa: «Onde a injustiça nasce, a resistência é um dever.» A oposição democrática contra as centrais nucleares vinca o facto de o direito à resistência poder e dever tornar-se uma obrigação moral que ultrapassa a legalidade formal. É essa também a sua justificação para a ocupação das instalações das centrais.

BÉLGICA E PAÍSES BAIXOS

Na Bélgica há actualmente três centrais nucleares em acção (Doel I, II e Tihanger I). Estão mais cinco previstas e, para mais, o governo fornece 14 por cento do financiamento para a construção da «supergeradora» experimental de Kalkar (participação estatal para os diferentes países, num total de 88 por cento: 70 por cento para a RFA, 15 por cento para os Países Baixos e 1 por cento para o Luxemburgo).

No entanto, o movimento antinuclear só agora começa a organizar-se. A primeira manifestação importante decorreu em 1 de Outubro de 1977 em Antuérpia e teve um êxito razoável. Estiveram presentes várias delegações do exterior (Países Baixos, França, Grã-Bretanha e RFA).

Em todo o caso, o debate político ainda nem começou No máximo, acabam de se pôr os primeiros problemas no seio de alguns partidos (problemas que não são, necessariamente a condenação da energia nuclear). Depois insistiu-se para que fosse introduzido um período de reflexão de dois anos, durante o qual cessaria a construção de centrais nucleares.

Nos Países Baixos o movimento já está numa fase muito mais avançada. O LEK (Comité Nacional da Energia) que agrupa vários comités de acções e partidos políticos coordena o movimento antinuclear desde Janeiro de 1976. Antes já havia vários grupos regionais a favor da protecção do meio ambiente e, principalmente, contra a energia atómica. Às vezes obtinham êxitos notáveis, como por exemplo, a acção exemplar de autolimitação das taxas de electricidade — por altura de um imposto de 3 por cento levantado pelo governo a fim de poder financiar a participação holandesa no projecto de Kalkar.

Durante o seu último congresso (16 de Outubro de 1977), o PVDA (Partido do Trabalho, Partido Socialista) pronunciou-se formalmente pela segunda vez contra a energia nuclear e pelo encerramento das duas centrais que, neste momento, já funcionam nos Países Baixos.

Durante o precedente congresso do PVDA os dirigentes do partido tinham declarado que não se consideravam ligados por essa decisão de base do partido. No entanto, dessa vez, o primeiro-ministro Joop den Uyl, aderiu a tal tomada de posição.

O debate parlamentar acerca da energia atómica está, em todo o caso, anunciado para os meses próximos e, entretanto, também começou o debate público sobre os elos existentes entre a energia nuclear e a investigação nuclear com objectivos militares.

LÍBIA É MEDIANEIRA

Conflito do Sara Ocidental entra na via diplomática

. Com a Frente Polisario a dizer que não está em conflito com a França e que, ao contrário, está aberta a qualquer negociação directa, ao mesmo tempo em que as chamadas «fontes bem informadas» excluem a possibilidade de uma intervenção militar francesa no Sara Ocidental, pelo menos num futuro imediato, o dia de ontem caracterizou-se por intenso vaivém diplomático que teve Paris como centro de movimentações.

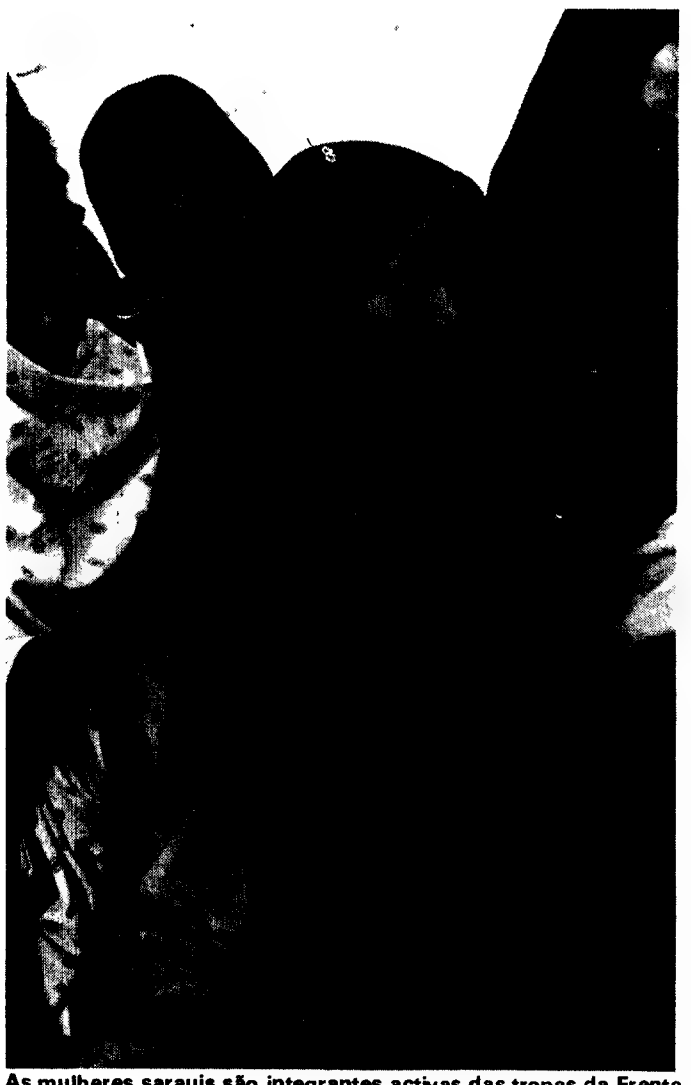
O ponto alto desses contactos ocorreu à noite, no Eliseu quando Valery Giscard d'Estaing se envntrou com o comandante líbio Abdessalam Jalud, dado que Tripoli se ofereceu para mediar a resolução do problema. Jalud é membro do Secretariado do Congresso Popular Geral Líbio e chegou a Paris no fim da tarde depois de uma permanência de 24 horas na Argélia onde se encontrou duas vezes com o presidente Houari Boumedienne a quem entregou uma mensagem de Muammar El Kadhafi.

Ainda em Argel, o mediador líbio, que era acompanhado pelo ministro saraui Mohamed Lamin, manifestou o apoio do seu país a Argélia «nas suas posições militantes» e condenou as ameaças de intervenção na região, numa clara alusão à França.

Por outro lado, o Comité Internacional da Cruz Vermelha anunciou que um dos seus altos funcionários pretende deslocar-se a Argel ainda esta semana e aí entrar em negociações com dirigentes sarauis a fim de organizar visitas aos treze raptados franceses, «pivots» aparentes de uma possível intervenção militar da França no Sara Ocidental.

Ao mesmo tempo, o Conselho de Ministros argelino, tomava «um certo número de decisões», mas não foram divulgadas quais. Esta reunião, de carácter extraordinário, presidida pelo próprio Boumedienne, abordou exclusivamente a situação na região à luz dos últimos acontecimentos. Entretanto, sabe-se que a Argélia reiterou, junto ao Comité de Descolonização da ONU «a sua disponibilidade para favorecer uma solução satisfatória que é desejada legitimamente pelas famílias dos prisioneiros franceses».

Pelo seu lado, a Espanha, ex-potência colonizadora do Sara Ocidental, e que entregou o território para a administração conjunta marroquina-mauritana no ano passado, disse que deixou de ter responsabilidade em qualquer assunto que envolva a região, facto considerado «espantoso» pelo jornal oficial argelino «El Mouhajid». Felipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE, entretanto, pediu a intervenção das Nações Unidas no Sara, em telegrama enviado ontem. O mesmo político, enviando outro telegrama à Embaixada da França em Madrid manifestou a sua «profunda preocupação» diante da eventualidade de um ataque armado francês no Magrebe.



As mulheres sarauis são integrantes activas das tropas da Frente Polisario e participam em pé de igualdade com os homens na luta pela libertação do Sara Ocidental. Caso os pára-quedistas franceses saltem sobre o território, encontrarão pela frente mais este obstáculo, já muito conhecido dos soldados invasores de Marrocos e da Mauritânia: mulheres que preferem a metralhadora à submissão

RODÉSIA

Carver ("Oh, yes!") discute transição com Muzorewa em "manif"

. As conversações entre enviados de paz da Inglaterra e da ONU e funcionários do Governo rodesiano foram alargadas para inclusão de temas constitucionais compreendidos nos planos anglo-americanos para uma solução entre negros e brancos. O comissário britânico «lord» Carver e o representante especial da ONU, o general indiano Prem Chand, avistaram-se já com chefes militares e funcionários civis rodesianos. Tratou-se de um encontro de três horas. Uma fonte afecta às conversações afirmou: «Falou-se, sobretudo, em assuntos não militares, relacionados com preparativos para a transição. Os debates incluiram a resposta a algumas das questões levantadas pelos rodesianos há algum tempo».

Repórteres perguntaram a «lord» Carver se estavam a ser feitos progressos.

«Lord» Carver foi muito lacónico. Disse: «Oh, yes!»

. Mais tarde, o comissário britânico afirmaria não se ter avistado com Ian Smith. Declarou: «Não sei se conferenciarei com ele ainda hoje. Parto amanhã de Salisbúria».

Por sua vez, o enviado da ONU limitar-se-ia a dizer que as conversações prosseguiam «em clima de boa disposição».

Foi noticiado, entretanto, que um outro grupo de negociadores britânicos, dirigido por um alto funcionário dos negócios Estrangeiros, John Graham, chegaria ainda hoje a Salisbúria. Objectivo: um exame pormenorizado sobre o plano anglo-americano, com as autoridades rodesianas. Assim sendo, a presença de Carver e de Prem Chand revestir-se-ia de um preciso significado: a formalização de que o mundo ocidental (acentuado com a presença da ONU) não suporta mais o regime minoritário de Ian Smith.

«Incidentes» durante a estadia de Carver e Prem Chand: mais de três mil africanos afectos a Muzorewa, manifestaram-se contra a presença do primeiro; e Muzorewa «lui même», numa conferência de Imprensa, acusou a Grã-Bretanha de querer entregar o Governo maioritário da Rodésia aos dirigentes da «Frente Patriótica» (Nkomo e Mugabe).

Entretanto, os mortos continuam: um comunicado oficial de Salisburia dá conta de 13 pessoas abatidas a tiro — oito guerrilheiros e (pelos seus companheiros vivos) cinco brancos.

EMBARGO DE ARMAS

Países africanos vigiam cumprimento por decisão da ONU

O acordo conseguido entre ocidentais e africanos, no Conselho de Segurança, sobre as modalidades de um embargo obrigatório nos fornecimentos de armas à África do Sul, é um acontecimento político de primeiro plano, pois poderá pôr termo à degradação da situação na África Austral. Esta é, pelo menos, a opinião generalizada nos meios diplomáticos da ONU.

Trata-se de um acordo de uma extrema severidade em relação à África do Sul devido à repressão sangrenta que o País pratica com o fim de manter o seu sistema racista de «apartheid».

O embargo que lhe é aplicado no fornecimento de armas é obrigatório em direito internacional, e, nas negociações que se desenrolaram entre africanos e ocidentais, os primeiros ficaram encarregados de vigiar o seu cumprimento.

O embargo aplica-se não apenas aos fornecimentos propriamente ditos de armas de todo o tipo, mas também à concessão de licenças de fabrico de armas na África do Sul.

Moshe Dayan ameaça com nova guerra

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, afirmou ontem em Beercheva que existe um risco real de nova guerra no Médio Oriente, a não ser que se consigam verdadeiros progressos no sentido duma solução pacífica. Estas afirmações de Dayan, que parecem um truísmo, devem, no entanto, ser interpretados, relacionando-as com outras ontem proferidas pelo general israelita na reserva Benjamin Peled.

Segundo Peled, a política de Israel em caso de nova guerra, consistiria em levar o inimigo a uma tal posição que este não pudesse esperar mais vantagens nenhumas pela via política. Os observadores aproximam estas declarações das notícias vindas recentemente a lume no jornal «The Washington Post», segundo as quais Israel estaria a preparar uma ofensiva-relâmpago para destruir os Exércitos sírio e egípcio, de modo a assegurar 10 anos de paz para o Estado judaico.

Enquanto isto, o ex-secretário norte-americano de Estado, Henry Kissinger, perante o Congresso Mundial Judaico, reunido em Washington, declarou-se contrário à criação de um Estado palestiniano autónomo, o qual, segundo ele, constituiria uma ameaça para a paz no Médio Oriente.

Por outro lado, a Reuter informa que monsenhor Capucci, arcebispo católico de Jerusalém, que se encontra preso em Israel sob a acusação de fornecer armas aos guerrilheiros palestinianos, partirá dentro de 48 horas para o Vaticano. Ontem as notícias diziam que Capucci se recusava a sair da prisão, se não pudesse permanecer em Israel.

Finalmente ontem a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP) publicou um comunicado no qual informa que o grupo chefiado por Wadih Haddad foi expulso da organização em Fevereiro de 1976. A expulsão deveu-se ao facto de esse grupo se ter recusado a acatar a decisão então tomada pela FPLP de pôr termo aos desvios de aviões.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter, Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

60.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Apelo aos trabalhadores soviéticos e a todos os povos do mundo

Em reunião solene efectuada no Kremlin e dedicada ao 60º aniversário da Revolução de Outubro foram aprovados dois apelos dirigidos, um, ao povo soviético, e o outros aos povos, parlamentares e governos de todo o mundo. O primeiro apelo recorda os «titânicos esforços e sacrifícios» dos últimos 60 anos e exorta os trabalhadores da URSS a aumentar a produção e melhorar a qualidade do trabalho. O segundo exorta os participantes estrangeiros a tudo fazerem para deter a corrida aos armamentos a criação de novos meios de destruição de massa e para iniciarem um processo de redução do armamento e das Forças Armadas.

Estes dois apelos e as reacções favoráveis que tem encontrado em todo o mundo a proposta de Leonid Brejnev no sentido de suspender os ensaios nucleares na totalidade (incluíndo os que visem fins pacíficos) foram completamente obscurecidos pela querela do «eurocomunismo», que, segundo certos observadores ocidentais, se agravou quando o dirigente do PC Espanhol, Santiago Carrillo, foi impedido de subir à tribuna e pronunciar o seu discurso.

Segundo Pierre Le Gall da AFP, a tensão entre os «eurocomunistas» e os restantes partidos comunistas foi sensível ao longo das duas jornadas da reunião solene do Palácio dos Congressos do Kremlin. Enrico Berlinguer, dirigente do PCI, expôs as tesses do «eurocomunismo», salientando o desejo da criação de uma sociedade socialista «pluralista», onde seriam respeitadas as liberdades «civis e religosas» e mantido o carácter não ideológico do Estado. Segundo a AFP, esta declaração foi recebida com murmúrios, reprovatórios e os aplausos finais foram frios e de pura cortesia. Contudo, Berlinguer avistou-se depois com Brejnev, e o PCP emitiu um comunicado onde fica bem vincada a solidariedade que une os dois partidos e a concordânica dos seus pontos de vista em todos os problemas internacionais.

No tocante ao PCF (outro partido que segue as teses «eurocomunistas») os observadores salientam a ausência do secretário-geral, Georges Marchais, tanto das comemorações de Moscovo como das que no próximo dia 7 se vão realizar em Paris.

Brejnev atacou as teses «eurocomunistas» no seu discursos na sessão solene de abertura das comemorações, considerando os observadores que esta foi a condenação mais autorizada até hoje feita na URSS contra o «Eurocomunismo». Outros oradores que subiram à tribuna lançaram também críticas abertas às mesmas teses.

Contudo, o acontecimento mais sifnificativo foi o que se passou com Santiago Carrillo. O dirigente do PCE deu o seu discurso a traduzir e depois, segundo di, não foi chamado à tribuna. No final da sessão foi, no entanto, declarado que os oradores que não tinham podido discursar, poderão fazê-lo noutras sessões e os seus discursos serão transmitidos pela Imprensa.

Carrillo, que hoje regressa a Espanha, não o fará. Significatikmente, um jornalista da AFP, Pierre Cayrol, considera que o incidente de Moscovo equivale à «reabilitação» do PCE junto do eleitorado espanhol, que, desde o franquismo, considera os comunistas «a soldo do Kremlin». Isso mesmo entende Carrillo, que comentou: «Isto far-me-á ganhar votos nas eleições municipais».

Aspectos das comemorações do aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, no ano passado, na Praça Vermelha, em Moscovo. (Foto «Novosti»)

PINOCHET E VIDELA COM PROBLEMAS

"El Teniente" parada no Chile greves alastram na Argentina

A grande maioria dos trabalhadores da «El Teniente», a maior mina de cobre do Mundo, próxima à cidade de Rancágua, iniciou uma greve exigindo aumentos salariais. Segundo se soube em Santiago, o governador da provincia reuniu-se com dirigentes sindicais afectos à ditadura para tentar resolver o problema, mas os trabalhadores negam-se a ouvir os dirigentes oficiais que tentam «esclarecer» a situação. Estes propostos de Pinochet já confessaram que «há um clima de inquietação na mina» e que «era conveniente aumentar os salários». Por sua vez os verdadeiros representantes dos trabalhadores advertiram os generais de que era melhor para todos analisar correctamente a situação dos mineiros antes que tudo se complicasse.

O Chile produz um milhão de toneladas de cobre por ano. O que corresponde a 55 por cento das suas receitas. A «El Teniente» é a maior das quatro mais importantes minas subterrâneas de cobre chilenas onde trabalham oito mil operários que produzem, anualmente, 250 mil toneladas de minério. Esta é a primeira grande greve no sector cuprífero depois da ascenção do fascismo no Chile.

ARGENTINA

Por outro lado, continuam hoje paralisados os serviços de transporte ferroviário e do Metropolitano de Buenos Aires, com linhas de autocarro a aderirem, progressivamente à greve. Em Rosário, a segunda cidade de Argentina, as greves também alastram. Na capital do país, cinco dos seis ramais ferroviários estão parados e o Metro trabalha irregularmente.

Greves ou paralisações parciais, também começaram a eclodir entre o pessoal de obras de saneamento, portuários, trabalhadores da Junta Nacional dos Cereais e da Electricidade. A estes, juntam-se os que trabalham nos bancos nacionalizados, companhias de petróleo, hospitais, correios e estabelecimentos comerciais, que, actualmente, recebem um salário equivalente a 60 dólares, (2.400 escudos) por mês.

Este é o primeiro grande surto grevista enfrentado por Videla e pela sua Junta fascista, quando a inflação promete alcançar os 150 por cento, este ano.

Enquanto os organismos atingidos pelas paralisações ameçam com despedimentos sem indemnização e a «Lei de Segurança» contra os grevidtas pode penalizar a cada um com até 10 anos de detenção, um activista sindical foi morto, ontem, quando incitava os ferroviários a não cederem. Este facto faz prever um recrudescimento das paralisações. O assassínio do activista é da responsabilidade das «forças da ordem» e a ditadura tentando intimidar os trabalhadores deu ordens à Rádio para transmitir a notícia da morte do trabalhador a cada 30 minutos.

Franceses vão votar nos dias 12 e 19 de Março

As eleições legislativas destinadas a renovar integralmente a Assembleia Nacional Francesa (491 deputados) decorrerão de 12 a 19 de Março de 1978 — como decidiu o Conselho de Ministros, que ontem se reuniu sob a presidência do primeiro-ministro Raymond Barre.

Sabia-se já que as eleições decorreriam em Março, pois, nos termos constitucionais, têm de se efectuar nos sessenta dias que precedem o termo do mandato de cinco anos dos deputados. A campanha eleitoral abrirá no dia 20 de Fevereiro.

Estas eleições são aguardadas com enorme expectativa tanto em França como no estrangeiro, pois poderão marcar uma viragem decisiva na história do povo francês. Se, tal como tudo fazia prever, a esquerda se apresentar unida às eleições, na base de um programa comum (que foi elaborado em 1972), então os franceses entrarão por via parlamentar numa etapa de transição para o socialismo. O caso do Chile foi, segundo alguns observadores, uma jogada dos EUA, que teve em vista não apenas aquele país sul-americano, mas sobretudo a Itália e a França. Havia que fazer desanimar todos quantos apostassem na capacidade de um regime burguês parlamentar para se ultrapassar a si próprio, dando abertura ao caminho do socialismo.

As dificuldades que a esquerda francesa agora conhece demonstram como é difícil o caminho que todos consideravam praticamente garantido em França depois da vitória tangencial de Giscard nas últimas eleições presidenciais e do avanço impressionante da esquerda unida nas últimas eleições para as autarquias locais.

Hoje poucos acreditam que a esquerda se apresente unida às umas em Março próximo.

O PCF desencadeou uma campanha de esclarecimento a nível nacional e continua a fazer revelações embaraçosas para o PSF, como a que o jornal «L'Humanité» apresenta hoje: segundo o órgão comunista, dirigentes do PSF e do Movimento dos Radicais de Esquerda (o o outro parceiro do programa) jantaram no dia 28 de Setembro deste ano com representantes do patronato francês e um alto funcionário da presidência da República. Participaram no jantar: Robert Fabre, dos Radicais, André Bouloche, do PSF, Yves Cannac, funcionário da PR e diversos dirigentes de empresas cuja nacionalização é prevista pelo programa comum.

O PSF vê-se, entretanto, a braços com uma grave crise interna, proveniente da sua ala esquerda (CERES). Ontem à noite um representante da CERES propôs à direcção do seu partido que fizesse concessões ao PCF, em especial no tocante às nacionalizações, aos salários e aos impostos. Tudo se poderá, no entanto, clarificar, dentro de dois dias, quando o PSF reunir a sua convenção nacional.

INGLATERRA

Eleições gerais em 78?

O primeiro-ministro britânico James Callaghan, prepara-se para convocar uma eleição geral no próximo ano, pensa-se nos meios políticos de Londres depois do discurso do trono pronunciado pela rainha Isabel.

Em conformidade com a tradição constitucional, este discurso, lido pela soberana, foi redigido pelo primeiro-ministro e constitui a exposição do programa do Governo para os próximos doze meses. Dois elementos retiveram em especial a atenção, tanto dos parlamentares como dos observadores: foi dada ênfase à necessidade de se atribuirem poderes regionais à Escócia e ao País de Gales, bem como à eleição do Parlamento europeu por sufrágio directo.

Eis os principais temas do discurso do trono da rainha Isabel II: 1 — Rodésia: a Grã-Bretanha continuará a procurar uma solução pacífica e o Governo está preparado para apresentar no decurso da nova sessão do Parlamento um projecto de lei destinado a permitir à Rodésia o acesso à independência na base das propostas anglo-americanas. 2 — Europa: o projecto de lei sobre as eleições directas no Parlamento Europeu vai ser apresentado de novo. 3 — Pescas: o Governo de Londres continuará a agir para que sejam feitas reformas fundamentais na política comunitária das pescas. 4 — Irlanda do Norte: a Grã-Bretanha está decidida a combater o terrorismo e procurará estabelecer um governo local que seja aceite pelas duas comunidades. 5 — Política Regional: o Governo britânico continua firmemente comprometido na sua política de estabelecer assembleias legislativas na Escócia e no País de Gales.

KOL
MAPLES
NOVOS MODELOS
A PREÇOS SOCIAIS
ABERTO ATÉ ÀS 23 H
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87-89
Tel. 77 96 43 · LISBOA

BOLÍVIA

Ex-presidente Salinas desmascara "eleições"

O antigo presidente boliviano Luís Adolfo Siles Salinas considerou uma «farsa» a próxima convocatória eleitoral na Bolívia.

«Todos sabemos o que o Governo do general Banzer vai fazer. Realizará uma falsa amnistia, permitirá que participem partidos mais ou menos controlados, sem dar tempo a que as forças democráticas se organizem para poderem participar em igualdade de circunstâncias, nas eleições» — salientou Siles Salinas.

O antigo presidente boliviano, que chegou a Washington depois de ter sido retido por duas vezes em La Paz, quando se dispunha a abandonar a Bolívia, encontra-se na capital norte-americana, a fim de manter contactos com membros da administração e do congresso e com várias igrejas dos Estados Unidos.

Numa conferência de Imprensa, Siles Salinas descreveu a situação do seu país, dizendo haver «ordem sem lei, paz sem liberdade e trabalho sem justiça».

Ao fazer o balanço das pressões «externas e internas», que obrigaram o Governo do general Banzer a convocar eleições, precisou que, por vezes, é melhor «um acto imoral realizado às claras do que aqueles que se escondem com supostas formas democráticas».

Siles recordou que no Chile o general Pinochet anunciou eleições para 1991, que no Equador a Junta Militar pretende também convocá-las e que um processo idêntico se verifica no Peru.

Ao descrever este processo, o político bloviano não escondeu a sua preocupação face à «aprovação» que o anúncio de algumas destas eleições suscitará na Secretaria de Estado norte-americana.

O antigo presidente boliviano salientou ainda que a falsa democracia era o pior inimigo para a causa da liberdade, visto que desperta o cepticismo entre os sectores mais idealistas da juventude.

Entretanto, o general Hugo Banzer revelará no próximo dia 9 a forma pela qual o regime militar autoritário se converterá numa «democracia»: anuncia o «Diário» de La Paz.

Nessa data, Banzer anunciará oficialmente a realização de eleições em Julho de 1978.

O Governo anuncia a «democratização» para 1980, mas insistentes rumores acreditam que essa data será antecipada.

Banzer será candidato à presidência «proposto» pelos «camponeses» de Chuquisaca, do sul do País.

Os bispos católicos solicitaram a amnistia dos presos e exilados políticos, para evitar que a «democratização» seja marcada por confrontações.

Amnistia em Espanha abrange militares

O Tribunal militar de Madrid decidiu libertar 53 objectores de consciência, aplicando assim a recente lei de amnistira, soube-se, ontem, através de fonte bem informada.

Por outro lado, acrescenta a mesma fonte, um certo número de polícias e militares, a maior parte dos quais condenados por delitos de sedição, vão também beneficiar da amnistia. Assim sucede quanto aos polícias armados e guardas civis condenados em Julho último por um Tribunal de Guerra de Madrid, por insultos a um superior. Estes membros das forças policiais tinham organizado uma manifestação, em Dezembro de 1976, em frente do Ministério do Interior, para protestarem contra as medidas disciplinares inflingidas a vários dos seus camaradas. Nessa manifestação, a primeira manifestação de polícias ocorrida em Espanha em quarenta anos, um polícia esbofeteara e atirara por terra o general Chicharro, sub-director da polícia armada.

Sete soldados de um regimento de Aranjuez, perto de Madrid, igualmente condenados por sedição e recentemente colocados na situação de liberdade provisória, serão também amnistiados, o mesmo sucedendo aos jornalistas processados ou condenados por delitos políticos e aos militares da União Militar Democrática, que foram condenados e expulsos das Forças Armadas.

Em contrapartida, um Conselho de Fuerra deve reunir em breve, a fim de julgar dois oficiais da Força Aérea, membros da União Militar Democrática ainda em exercício, os capitães Dominguez e Herrero Roble.

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A RESPEITO DO RESPEITO

Ele há temas de respeito
porque saber respeitar
não é só levar a peito
o jeito de a gente estar.

Do respeito me diziam
em tempos que já lá vão
ser um valor tão seguro
que até dava posição.

Posições se conquistaram
à custa desse respeito
feito de pompa e verniz
e de trajos a preceito.

Servia então o respeito
para alguns verem mantido
o lugar e a riqueza
que nunca tinham merecido.

Sempre que eles passavam
eram vénias, chapeladas.
Que bonito era o respeito
das pessoas educadas!

Só que por trás do respeito
muita coisa se escondia
era a fome, a incerteza
tanta barriga vazia!

E o respeito era o palácio,
a gravata, o pão-de-ló
Um respeito que era feito
de coisas de meter dó.

Mas do dó nasceu a raiva
e com respeito aos senhores
foi-se perdendo o respeito
foram minguando os louvores.

Foi Abril e o respeito
tornou-se uma coisa assim
tão feita de cravos frescos
tão de cheiro a alecrim.

Que o respeito se fez trigo,
riso, seara, oficina
inundou praças e campos
encheu a escola e a mina.

Louvámos então a festa
de ver a casa mudada
havia enfim o respeito
pela gente explorada.

E o respeito foi nós vemos
durante meses a fio
espigas de Maio florindo
velas de esperança no rio.

Uniu-se o povo em redor
por saber forte a razão
que o fez dar a Abril um nome
nome de Constituição!

Mas já muito respeitados
regressavam do Brasil
os donos desse respeito
que não queria ver Abril.

E sem respeito por quem
com suor escreve o futuro
lhes darão fábricas, terras
lhes prometeram o juro.

Mas eu juro que a respeito
dos maus tratos que nos dão
Abril será o respeito
pela nossa Revolução.

(**Alberto,** concorrente C da **Cornélia** de 31 de Outubro).

AGAPITO VÊ-SE AFLITO

Lucilina — Canta, canta, meu Agapito.
Agapito — Mas eu quero sozinho cantar.
Lucilina — Tu sozinho vês-te aflito
Canta em coro se queres triunfar.

Agapito — Canto só, já disse, já disse,
Lucilina — Mas tu tens de cantar em conjunto.
Agapito — Que maçada, que chatice,
o melhor é mudarmos de assunto.

Lucilina — Canta em grupo Agapitozito.
senão toda a gente se afasta.
Agapito — Eu já disse que canto sozinho.
Lucilina — É altura de dizer: Basta!

O MOTE E A QUADRA

I

Todos dizem proceder
na melhor das intenções
O que havemos de fazer
pra calar os aldrabões?

(**Ana Maria Gaspar**, Cornélia de 31 de Outubro).

II

Salvámos este País
de perigo, subversões
humilhámos e matámos
na melhor das intenções.

(**Lucilina Correia Santos,** Cornélia de 31 de Outubro)

III

Há desemprego e regressam
ao País os figurões.
Mas quem manda diz que é tudo
na melhor das intenções.

(**Alberto,** Cornélia de 31 de Outubro).

DEFINIÇÃO

Tu és parvo da cachola
e andas muito convencido.
O amor é uma bola
é o xis do totobola
sem vencedor nem vencido.

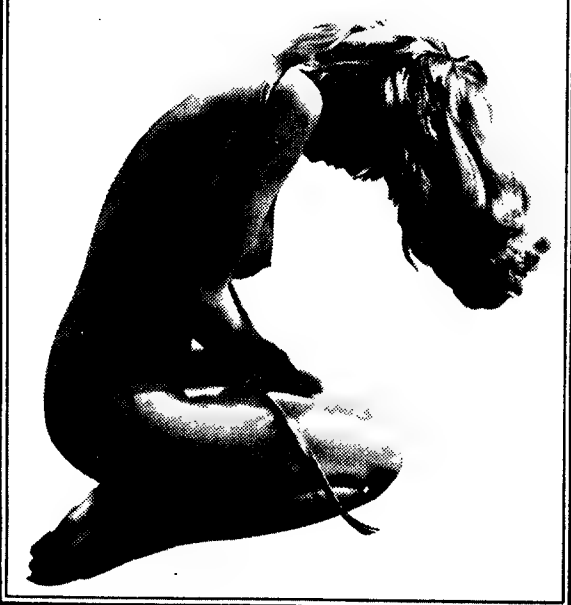
(**Lucilina e Vítor Sobreiro,** Cornélia de 31 de Outubro).

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
8.ª SEMANA
CINE-ESTÚDIO LIDO EUROPA MONUMENTAL

Por imposições contratuais, este filme terminará a sua triunfal carreira de estreia no cinema MONUMENTAL: a partir da sessão das 19.00 h, do dia 11 do corrente.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
*Ter. a Sáb. às 21.45 h.
Dom. às 17 h.
O VENTO nas RAMAS do SASSAFRAS
DE R. OBALDIA
Esc. C. AVILEZ
Na SOC NAC. BELAS ARTES
R. Barata Salgueiro
T. 4 12 93
SUBSÍDIO DA SEC

SÁBADO · 5 DE NOVEMBRO, ÀS 21.10 H.
R.T.P. · 1.º PROGRAMA
SHOW PEPSI
PEPSI
MALVINA TONICO BASTOS
ELISABETH SAVALLA FULVIO STEFANINI
CHICO ANÍSIO
O MAIOR CÓMICO BRASILEIRO
ESPECTÁCULO GRAVADO NO TEATRO MONUMENTAL
DIA 4 DE NOVEMBRO, ÀS 22 H.

quarteto 4.ª SEMANA
de uma maneira ou de outra
todos têm o seu castigo
A PUNIÇÃO
la punition
Karin Schubert • Georges Geret
um filme de PIERRE-ALAIN JOLIVET

EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS DOPERFILME

Hoje

Um cavalo em casa

I PROGRAMA

1.º Período

15.15 Abertura e Curso de Monitores
17.55 Fecho

2.º Período

18.30 Abertura e Telejornal — 1.ª edição
18.35 Um Cavalo em Casa — (5.º episódio)
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Arte e Intervenção
20.00 Telejornal — 2.ª edição
20.35 Gabriela — Episódio no.º 123 da Telenovela baseada na obra «Gabriela, Cravo e Canela», de Jorge Amado
21.10 Boletim Meteorológico
21.20 Conjunto folclórico da Bulgária
22.10 Concerto Playell — Trio «Arquiduque» op. 97 de Beethoven
22.55 Telejornal — 3.ª edição
23.20 Fecho.

II PROGRAMA

21.20 Telejornal — 2.ª edição. Em diferido do I Programa
21.30 Gabriela — (Repetição do episódio n.º 58)
22.05 O Pão que o Diabo Amassou — (3.º episódio). Intérpretes: Henri Virlojeux, Veronique Silver, Sylvia Liakhoff. Realizador: Serge Moati. «Para evitar os orfanatos às suas irmãzinhas, Clotilde e Toinon, Cathie decide criá-los...»
23.55 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS
GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA.
DESTAQUES
I PROGRAMA
Conjunto Folclórico da Bulgária
(21.20)
II PROGRAMA
O Pão que o Diabo Amassou
(22.05)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **14.00**: Abertura e Telejornal - 1.ª edição; **14.15**: Ida e Volta; **14.45**: O Povo e a Música; **15.10**: Os Melchiores; **15.35**: Animação; **16.05**: Os Waltons - Zangas em Família; **16.55**: Telejornal - 2.ª edição; **17.05**: Jogos sem Barreiras, **18.30**: Magazine; **19.30**: EsPaço 1999; **20.30**: Telejornal - 3.ª edição; **21.10**: Chico Anízio em Lisboa com a participação esPecial de Elizabeth Savalla e Fulvio Stefanini, a Malvina e o Tonico da Telenovela Gabriela; **22.15**: Telejornal - 4.ª edição; **22.30**: Sábado esPecial com o filme de grande metragem «A Morte na Noite Gelada»; **23.50**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Gabriela (rePetição); **21.35**: Telejornal; **22.05**: O Roubo do Colar de Figueiredo de Barros; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

FILMES LUSOMUNDO

BRUTAIS! SELVAGENS! HERÓIS!

ROD TAYLOR
YVETTE MIMIEUX
JIM BROWN em
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
— DARK OF THE SUN —
KENNETH MORE / Arg. de QUENTIN WERTY e ADRIAN SPIES
Realizado por JACK CARDIFF · Produzido por GEORGE ENGLUND
PANAVISION and METROCOLOR MGM
A PARTIR DE HOJE
Às 21.30
PATHÉ
não aconselhável a menores de 18 anos

Redacção de "O Chato" manda 3.000 boletins para a "Cornélia"

Acontecimento no Porto: a redacção de «O Chato», semanário de humor, resolveu atacar a «Cornélia» com armas e bagagens, mandando 3000 boletins distribuídos por equipas. O objectivo, segundo texto que nos foi enviado em tempo, seria o de «salvar o programa».

«O Chato» considera que há a pontar à «Visita da Cornélia» uma «manifesta falta de qualidade e representatividade». Como está «preocupadíssimo com a cultura corneliana», avança para o concurso com as seguintes equipas (ou alternativas), a saber: Equipa A, Manuel de Sousa/Maria Margarida; Equipa B, Onofre Varela/Lucília Costa; Equipa C, Mário Vaz/Maria Odete, ou Mário Vaz/Maria Armanda Bryton. As duas primeiras dispõem de mil boletins cada uma para eventual sorteio, enquanto as duas alternativas da Equipa C têm 500 boletins cada uma.

«A Cornélia, depois do destino da Gabriela, é um dos mais importantes problemas nacionais» — diz a gente de «O Chato», que denomina os seus concorrentes de última hora como «a vanguarda salvadora» do concurso. Aliás, dois dos possíveis apurados, Maria Odete e Manuel de Sousa, são respectivamente apelidados de «profissional de salvação artística» e «herói de salvação nacional». Por outro lado a dita «vanguarda» constituiu-se em comissão «reorganizativa e valorativa dos concursos feitos à base de vacas, javalis, grilos e outros animais cornudos».

Onofre Varela, ajudado por uma «secretária», preenche, cola e prepara-se para enviar os 3000 boletins

Rojdestvensky vai reger Sinfónica da BBC

LONDRES, 4 (R) — A BBC (British Broadcasting Corporation) nomeou o destacado maestro soviético Gennadi Rojdestvensky chefe da sua Orquestra Sinfónica.

Será o primeiro russo a conduzir uma orquestra britânica e o contrato é por três anos. O primeiro concerto será dado em Setembro de 1978.

O maestro soviético esteve entretanto em Londres com a mulher, a pianista Viktoria Posthikova.

Antigo maestro-chefe do Teatro Bolshoi e da Orquestra da Rádio e Televisão soviéticas, tem sido o principal maestro da Filarmónica de Estocolmo desde 1974.

COLISEU

ÚLTIMOS DIAS
Espectáculos
às 16h e 21.45h
Sábado e Domingo
3 espectáculos
às 14.30, 17.15 e 21.45h

DOMINGO
ÚLTIMO DIA

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ
tel. 77 09 69

grupo 4
APRESENTA
A SÁTIRA MUSICAL
OS MACACÕES
de ARY DOS SANTOS AUGUSTO SOBRAL FERNANDO TORDO PAULO DE CARVALHO e PEDRO OSÓRIO
encenação de MORAIS E CASTRO
Subsídio da S E C
13 anos

Com:
Henriqueta • Irene • Rui
Paulo • Tordo • Luísa
Osório • Gomes • Cavaco

3.as, 4.as e 5.as-feiras: às 21.45
6.as-feiras: 20.30 e 22.45
Sábados: 15.30, 20.30 e 22.45
Domingos: 15.30 e 20.30

UM ESPECTÁCULO INDISPENSÁVEL

TRINDADE-Inatel
O público exige
O SANTO INQUÉRITO
de A. DIAS GOMES
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
3º MÊS
"INDISPENSÁVEL" C. Porto-D.L.
Todas as noites às 21.30
Domingo às 16 e às 21.30
Segunda: Descanso
até 17 de novembro
GRUPO DE CAMPOLIDE

TEATRO ABC
TELEFONE 36 67 45
Hoje, às 20.30 e 22.45 h
Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas
Descanso às 4.as feiras
A POPULAR REVISTA
Ó DA GUARDA

OCTÁVIO e JÚLIO CÉSAR em «O Jácome» e «O Estivador»
Anabela
Octávio de Matos
Herman José
Natália de Sousa
Fernanda Borsatti
Júlio César
Vasco Rafael
BALLET
ABC DANCER'S

SCOPE FILME
Uma história completamente NOVA!
Caí um avião no Atlântico.
Uma ratoeira submarina
para os passageiros vivos!
AEROPORTO 77
— AIRPORT '77
SUSPENSE MÁXIMO!

com JACK LEMMON
LEE GRANT · BRENDA VACCARO · JOSEPH COTTEN
OLIVIA de HAVILLAND · DARREN McGAVIN · CHRISTOPHER LEE
GEORGE KENNEDY · JAMES STEWART
Produção de WILLIAM FRYE · Realização de JERRY JAMESON
Argumento de MICHAEL SCHEFF e DAVID SPECTOR · História de H A L CRAIG e C KUENSTLE
Inspirado no filme Aeroporto baseado na novela de ARTHUR HAILEY
Efeitos Especiais de ALBERT WHITLOCK · Technicolor Panavision
UNIVERSAL/CINEMA INTERNATIONAL CORPORATION
ROMA
O ESPECTÁCULO DO ANO!
2.ª SEMANA!
EDEN
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

festival
CHARLOT
OBRAS-PRIMAS DO CINEMA, ESCRITAS, PRODUZIDAS, REALIZADAS E INTERPRETADAS POR
CHARLES CHAPLIN

Dia 5 de Novembro
LUZES DA CIDADE
Dia 6 de Novembro
A QUIMERA DO OURO
Dia 7 de Novembro
TEMPOS MODERNOS
Dia 8 de Novembro
UM REI EM NEW YORK
Dia 9 de Novembro
O DITADOR
Dia 10 de Novembro
O HOMEM MAIS ENGRAÇADO DO MUNDO
1 filme por dia
CALEIDOSCÓPIO
4 sessões diárias
PARA TODOS

Cenas & Cenários

● «GABRIELA» NA TV ANGOLANA

A telenovela brasileira «Gabriela», produzida pela «TV Globo», começou ontem a ser transmitida pela Televisão Popular de Angola.

A TPA, que emite diariamente apenas durante cerca de três horas, é captada ainda só na cidade de Luanda em áreas próximas.

«A navalha na carne», a estrear em breve

● «A NAVALHA NA CARNE» ESTREIA SÓ NO DIA DEZ NO QUARTETO

A OTC Oficina de Teatro e Comunicação informa que, por motivos de ordem técnica, a estreia da peça «A Navalha na Carne», de Plínio Marcos, só será realizada no dia 10 à meia-noite na Sala Dois no Quarteto.

Também sera realizada, no dia nove (quarta-feira) a antestreia para os convidados dos órgãos de Comunicação Social.

Uma cena do último trabalho do grupo Faz-Tudo

● «NASCIMENTO, ASCENSÃO E GLÓRIA DO MENIMO ANTÓNIO»

O grupo Faz-Tudo apresenta o espectáculo «Nascimento, Ascensão e Glória do Menino António, Dirigente por Mérito Próprio» na cooperativa Climatec, à Av. 24 de Julho, 160. Subsidiado pela Fundação Gulbenkian, o espectáculo tem músicas de José Mário Branco e é apresentado hoje, amanhã e domingo, pelas 21.30 horas.

● ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES BEETHOVENIANAS

No próximo sábado efectua-se no Teatro de S. Luiz, às 18 horas, o concerto sinfónico de encerramento em Lisboa das comemorações dos 150 anos da morte de Beethoven, organizadas pela Radiodifusão Portuguesa, com a colaboração das Embaixadas da República Federal Alemã e dos Estados Unidos da América, do Instituto Alemão e da Câmara Municipal de Lisboa. A Orquestra Sinfónica da RDP será dirigida pelo maestro Othmar Maga, com o solista Gary Graffman, em piano, no seguinte programa beethoveniano: Abertura Leonora nr 3, Concerto nr 3 e Sinfonia nr 3 (Heróica)

TEAR (de Arcozelo) avança na animação cultural

PORTO, 4 — O TEAR (Teatro-Ensaio de Arcozelo), integrado no Gupo Recreativo e Desportivo da Boavista da Estrada, Vila Nova de Gaia, vai estrear amanhã «O Mercado» de Edward Bellamy, concretizando assim um objectivo de dinamização cultural que há algum tempo se propôs desenvolver.

A propósito do espectáculo e das perspectivas que com ele se abrem falámos com Rui Silva, animador principal do grupo, que nos salientou o seu empenho e o dos restantes elementos em fazer um teatro que «exprima as realidades sociais do meio e reflicta as aspirações populares».

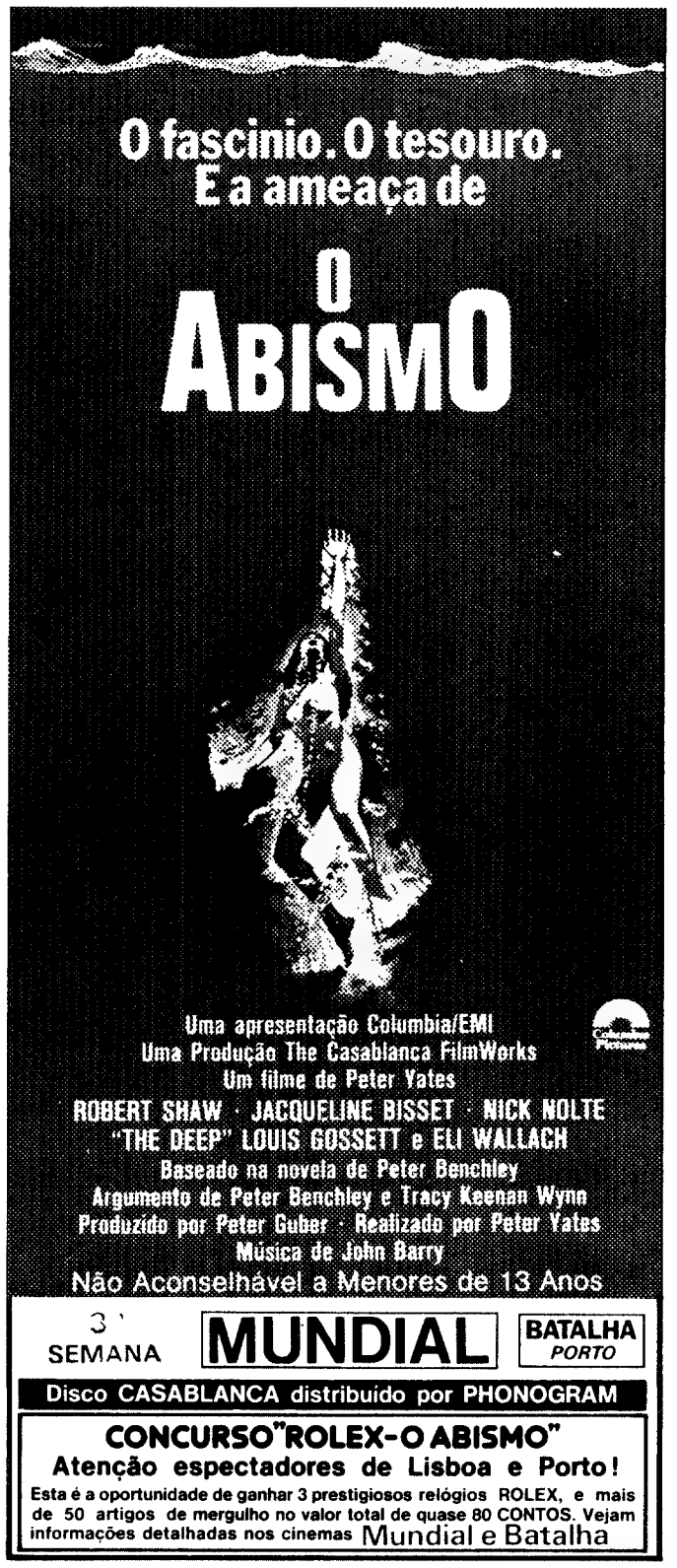
O espectáculo constitui uma colagem de textos que integra, para além do «O Mercado», citações de Declaração Universal dos Direitos do Homem, o «Operário em Construção» de Vinicius de Moraes, e ainda textos didácticos que abordam o surgimento e desenvolvimento do capitalismo.

Embora o teatro constitua a actividade principal do grupo, outras iniciativas têm sido desenvolvidas no sentido de activar a população de Arcozelo. Além da projecção de filmes para crianças e adultos. O TEAR, tem estado empenhado na montagem de uma biblioteca que conta já com 80 volumes.

"Santo Inquérito" continua no Trindade

O espectáculo que o Grupo de Teatro de Campolide tem vindo a apresentar, «O Santo Inquérito», continuará no Teatro da Trindade até ao dia 17.

A peça, que deveria ter sido retirada de cena, continuará no palco por imposição do público e por compreensão do INATEL que alterou a sua programação para o mês de Novembro, de modo à poder ceder a sala.



Juniores de futebol no "Mundial"

Portugal encontra-se já inscrito juntamente com outros países europeus, para o 2.º Campeonato Mundial de Juniores em Futebol, com eliminatórias a iniciar no próximo ano e fase final (em 1979) «provavelmente» disputada no Japão.

Encontram-se inscritos, entre outros, a Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, Chipre, Dinamarca, Inglaterra, Finlândia, França, RFA, Países Baixos, Noruega, Polónia, Portugal, Roménia, Suécia, Suiça, Turquia, URSS, País de Gales, Jugoslávia e Hungria.

Quanto aos participantes africanos estão a Argélia, Camarões, Etiópia, Gâmbia, Guiné-Bissau do Marfim, Kenya, Líbia, Madagascar, Malawi, Mali, Ilhas Maurícias, Marrocos, Nigéria, Senegal, Togo, Tunísia e Uganda.

A Ásia tem inscritos 19 países: Bahrein, Brunei, Hong-Kong, Índia, Indonésia, Irão, Israel, Japão, Jordânia, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Malasia, Filipinas, Arábia Saudita, Singapura, Sri-Lanka, Síria, Tailândia e Yemene do Sul.

Inscritos da América do Norte e do Sul e Caraíbas, Dezanove países: Antigua, Bermudas, Canadá, Costa Rica, República Dominicana, Guatemala, Granada, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Antilhas Neerlandesas, Nicarágua, Panamá, Porto Rico, El Salvador, Surinam, Trinidad e Estados Uidos.

Inscritos da América do Sul, dez países: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colombia, Equador, Paraguai, Perú, Uruguai e Venezuela.

Pela Oceânia estão inscritos três países: Austrália, Taiwan e Nova Zelândia.

ARTUR JORGE INACTIVO

Artur Jorge, «capitão» do Belenenses, só voltará ao futebol na próxima temporada: operado ontem (pelo dr. Camacho Vieira) a tibia e peróneo da perna direita, fracturados no treino do passado dia 1 (acidente e choque com o colega Alhinho) terá de esperar pela nova época para retomar aos estádios.

ANTÓNIO GARRIDO VETADO

O Atlético resolveu vetar o juiz António Garrido, sugerindo à Comissão Central de Árbitros, que não volte a nomear o leiriense para jogos na Tapadinha.

SPORTING: ELEIÇÕES À PORTA

Não se prevêem alterações visíveis no elenco directivo do Sporting, cujas eleições estão marcadas para 31 de Janeiro de 1978. De acordo com João Rocha, «será feita uma remodelação com processos diferentes dos utilizados, mas os dirigentes deverão ser os mesmos, embora possam vir a ocupar outros postos». Referindo-se à demissão de João Aranha, do cargo de chefe do Departamento de Futebol, João Rocha afirmou que aquele elemento continuará ligado ao Sporting como seu delegado na Constituição da Liga dos Clubes Profissionais de Futebol. Entretanto, não se realizará a deslocação da equipa, de futebol do Sporting à Guiné-Bissau, pelo menos para já. É de admitir a sua concretização no final deste ano.

BOAVISTA TEM BAIXA

O «team» do Boavista com uma baixa no «plantel»: fissura do peróneo direito, vai encaminhar para o «estaleiro» o defesa Alberto.

SIMÕES VENDE FUTEBOL

Decididamente, a nova etapa da carreira de Simões, pode ter sido aberta na Madeira: alinhando pelo Nacional, ajudou o emblema a vencer, o União por 6-3.

Carneirinho: mais um brasileiro no futebol belenense

REAL : 127-71 AO GINÁSIO

Basquete português a zero

Na Figueira da Foz (Ginásio-Real Madrid) e na cidade alemã ocidental de Leverkusen (Bayer-Dudelange, do Luxemburgo) disputaram-se ontem os jogos da 4.ª jornada (1.ª da 2.ª volta) da «Taça dos Campeões Europeus» de basquetebol (grupo B). As turmas espanhola e alemã ficaram mais distantes na classificação dos outros dois grupos: e garantiram (já) a sua passagem à fase seguinte, ao triunfarem nos desafios de ontem.

O fabuloso Real Madrid, com quase todas as suas «estrelas» (só faltou o veterano Luyk) deu novo testemunho, na Figueira da Foz, das suas enormes potencialidades. Não é possível estabelecer confrontos entre aquele conjunto de vedetas e o campeão de Portugal. O resultado (127-71) foi ainda mais desnivelado do que o da primeira «mão», em Madrid (128-76). A turma madrilena, de resto, nem necessitou de uma entrega total à luta. Nos últimos minutos o seu técnico substituiu os jogadores considerados mais «rodados» (na equipa todos são muito bons) e, aí, o Ginásio amenizou o desnível pontual que, anteriormente, era ainda maior. Um abismo: em capacidade técnica, táctica e física, entre as duas formações.

O Ginásio não tem gente com envergadura física para este tipo de jogos. Todavia, a equipa figueirense movimentou-se com vivacidade e evidenciou alguns pormenores de boa técnica, mostrando-se (mesmo) um conjunto bastante homogéneo, mas carece de elementos altos para a luta das tabelas. Aqui, o busílis.

O jogo no liceu da Figueira da Foz, que se encontrava completamente cheio. Árbitros: Richard Pearce (inglês) e Georges Marcel (francês).

Ginásio: Almeida (6), Jóia (20), Eustácio (14), Samuel (15), Dionísio (16) e Vieira.

Real Madrid: Brabender (10), Walter Szerblak (36), Corbalan (5), Rullan (6), Joohn Cougran (22), Vicente Ramos (2), Cabrera (4), Puente (8), Romay (7) e Prada (27).

REMO CRESCE E APARECE

Representações portuguesas nos "Internacionais" de França

O remo português vai estar presente na próxima edição dos Campeonatos Internacionais de França (5 de Maio de 1978), com um conjunto de tripulações cujo planeamento, preparação e selecção estarão a cargo da FPR e da sua Comissão de Técnicos.

Aqueles Campeonatos, organizados pela Federação Francesa de Remo, todos os anos em Maio, na cidade de Vichy, foram escolhidos para iniciar uma presença que se pretende regular em competições internacionais, em virtude de o seu nível competitivo, embora elevado (trata-se do principal acontecimento do calendário francês, e um dos principais do calendário europeu), não ser considerado incompatível com as possibilidades de tripulações nacionais preparadas especificamente para o efeito. De resto, será a primeira vez que, entre nós, se programa antecipadamente a preparação de uma representação de Remo visando um objectivo internacional. Os fins perseguidos pela FPR (Federação Portuguesa de Remo), com esta iniciativa ligam-se fundamentalmente, à propaganda interna da modalidade, procurando-se também estimular os clubes, técnicos e atletas para um trabalho mais profundo e constante ao nível do seu treinamento. Os Clubes foram já informados de quais os tipos de barcos e as categorias em que nos faremos, em princípio, representar. Em Fevereiro terão lugar as primeiras provas de observação e selecção de remadores, as quais passarão então a ser periódicas e acompanhadas de instruções técnicas pormenorizadas, até a um estágio final que antecederá os Campeonatos.

Relativamente a técnicos, pode já dizer-se que a FPR vai realizar no final de Novembro e no princípio de Dezembro dois cursos de «treinadores de clube», que decorrerão em Lisboa (de 26/11 a 2/12) e no Porto (de 11 a 16/12), destinados a técnicos das Zonas Sul e Norte, respectivamente. Procura-se assim, dar sequência ao Seminário de Técnicos que teve lugar em Lisboa, no passado mês de Janeiro, e no qual foram mais uma vez salientadas as enormes carências técnicas do remo nacional e a urgência de acções de formação.

O nosso remo vai, entretanto, crescendo. A esse propósito, a direcção da FPR aceitou a filiação de um novo Clube que se dedica exclusivamente à prática do remo. Trata-se do «Náutilus Clube de Regatas», que tem sede nas Caldas da Rainha. Simultaneamente, o Ginásio Figueirense, colectividade que ao longo de muitos anos deu o seu melhor concurso ao progresso e desenvolvimento da modalidade, tendo posteriormente abandonado a prática da modalidade, regressou na época passada às regatas, tendo o seu pedido de nova filiação sido também aceite pela Direcção da FPR.

Recentemente deu entrada na Federação o pedido de filiação de outro novo Clube, o «ARCO» (Associação de Remadores para a Competição), de Viana do Castelo, que, após o cumprimento de algumas formalidades, ingressará também no círculo das agremiações viradas para a prática do remo.

ONDE UMA JUNTA MILITAR "GOVERNA"

Polícia argentina mata ex-futebolista?

O diário «El País», da cidade de Rosário Argentina, informa que o ex-futebolista Waldino Aguirre não morreu devido a ataque cardíaco, mas em consequência de golpes recebidos no Comissariado da Polícia, quando foi detido. A versão dada pelas autoridades policiais é que encontram presos para averiguações.

Aguirre, ídolo de Rosário Central, deu-se na última sexta-feira em Rosário, a 500 quilómetros de Buenos Aires. O ex-futebolista foi detido na madrugada de quinta-feira, numa rusga policial, no Bairro de Saladiollo, e conduzido ao Comissariado da Polícia.

O diário «La Tribuna» associou-se, entretanto, à denúncia do «El País» assegurando que se distinguem vários hemato mas na face do morto e que quatro polícias estão a ser alvo de um inquérito.

AÍ HÁ CINCO PRESOS

Foram presos dois oficiais da Polícia argentina, dois agentes e um médico, em consequência das torturas que infligiram ao futebolista Waldino Aguirre que veio a falecer, como é do conhecimento internacional.

Aguirre, jogador de primeiro plano no «Rosário Central», da Primeira Divisão do Campeonato Argentino de Futebol, foi preso juntamente com outras pessoas, no Bairro Operário de Bajo Saladillo, na quinta-feira da semana passada, protestando contra a actuação policial na repressão a trabalhadores.

Na esquadra foi (violentamente) agredido pelos agentes, após o que foi encarcerado, tendo morrido sem qualquer assistência. O médico da Polícia afirmou no seu relatório que a morte se deveu a **paragem cardíaca** (!).

O «caso» causou viva indignação na opinião pública, e os protestos foram de tal ordem que um juiz ordenou a abertura de um inquérito. A autópsia efectuada constatou «numerosas lesões no crânio e no corpo, rebentamento do fígado e várias costelas fracturadas».

VOLEIBOL

Porto-Real Madrid: amanhã, nas Antas

O F C do Porto vai participar, pela 6.ª vez, na «Taça dos Campeões Europeus» de voleibol, tendo como adversário da presente edição na 1.ª eliminatória, o Real Madrid.

O jogo da primeira «mão» disputa-se amanhã (às 21 e 30) no pavilhão gimnodesportivo do Estádio das Antas, que se espera registe avultada afluência de público. Os êxitos da equipa de futebol «transmitem-se» por vezes a outras modalidades e, vivendo o futebol dos azuis e brancos «um momento de grande euforia, é crível que a enorme falange de adeptos se interesse também pelo voleibol.

O Real Madrid, no pensamento de alguns responsáveis do F C do Porto, é dominável. **«Dar tudo»** neste jogo é conseguir um resultado encorajador para o encontro da 2.ª «mão», é pensamento que domina o treinador-jogador do F C do Porto, prof. Moreira.

A equipa madrilena tem prevista para a tarde de hoje a sua chegada ao Porto. Recolhe ao hotel onde observará um período de repouso até cerca das 20 horas e, à noite, efectuará uma sessão de treino no recinto onde se efectuará o encontro.

BOXE

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

(HOJE, às 21.45)

Está-se a poucas horas do maior acontecimento desportivo

★

ORLANDO JESUS (Português) — FRANÇOIS ANICHE (Francês)

Num combate que ia se discutir por toda a Lisboa!

★

OSVALDO LOPES (Português) — DON ANGEL (Espanhol)

Esta sessão será cronometrada de forma a terminar a horas que o público tenha os transportes assegurados

...E não será televisionada

Os poucos bilhetes que restam, estão à venda na Agência dos Restauradores, e a partir das 17.000 horas no Pavilhão dos Desportos

Suspensas rigorosamente as entradas de favor

MOTOS RAIMUNDO

Harley Davidson de 125, 175 e 250. Scooters Vespa de 50, 125 e 150. Motorizadas de todas as marcas. Grandes descontos para revenda. Prestações até 18 meses de prazo. Duas oficinas para assistência. Mais de 37 anos de actividade. Mais de 20.000 unidades vendidas. Garantia absoluta de acessórios.

RUA ESCOLA NORMAL, 114 Tel. 31 15 10 PORTO

Cinto com cartuchos de caça faz parar o Benfica

De Copenhaga, no regresso a Portugal, a turma futebolística do Benfica viu-se envolvida num sério problema: a bordo do avião em que viajava para a capital portuguesa (aeronave da SAS) as hospedeiras encontraram cartuchos de caça, num dos bancos traseiros. Imediata (mas discretamente) dado o alarme, o avião parou a rota em Amesterdão, onde foi evacuado e passado a «pente fino» por agentes da Polícia holandesa especialistas em detectação de explosivos.

Durante uma hora, os passageiros (toda a equipa do Benfica, homens da Informação e alguns acompanhantes) estiveram retidos numa zona do aeroporto, após o que, findas as buscas e apenas tendo sido detectado um cinto de senhora com cartuchos de caça, os passageiros tornaram a seguir viagem sem que alguém conseguisse descortinar a quem pertencia a estranha encomenda...

Joe Louis: entre a doença e a miséria

O antigo campeão do Mundo dos «pesos pesados» Joe Louis foi ontem operado no Hospital Metodista de Houston, a um aneurisma da aorta torácica. A intervenção foi praticada pelo dr. Michael Debakey, um especialista de renome mundial.

Louis suportou perfeitamente a operação e está a repousar, sob vigilância médica.

O antigo pugilista (que tem 63 anos) tinha sido admitido há dez dias num hospital de Las Vegas. Queixava-se de dores no peito. A conselho do cantor Frank Sinatra, que assumiu a responsabilidade da maior parte das despesas, Joe Louis foi transferido para Houston. A operação teve por finalidade substituir uma parte da aorta torácica onde se formara um saco aneurismal, bolsa que resulta do enfraquecimento da parede da artéria. Esta doença pode ter consequências fatais.

Joe Louis é agora empregado num grande hotel de Las Vegas e está sem vintém.

Natural de Alabama, Joe Louis deteve o título mundial durante mais de onze anos, defendendo-o com êxito 25 vezes. Joe Louis conquistou o cetro em 22 de Junho de 1937, quando venceu (por KO ao oitavo assalto) Kames Braddockin, em combate disputado no Comiskey Park, de Chicago. Em 1949, retirou-se como campeão, sem ter conhecido a derrota. Todavia, não se afastou definitivamente dos ringues. Em 1950, tentou recuperar o título, mas foi batido aos pontos, em quinze assaltos, por Ezzard Charles, no Yankee Stadium de Nova York.

Embora tenha ganho mais de 4,5 milhões de dólares na sua carreira, Joe Louis atravessa actualmente tremendos problemas financeiros.

Feirense: convive para Alvalade

"NACIONAL": JOGOS ANTECIPADOS

Sporting-Feirense é amanhã

Amanhã, às 15 horas, no Estádio de Alvalade, teremos o único encontro da I Divisão antecipado. Contendores: Sporting (claro) e Feirense, que com três pontos marcha na cauda classificativa.

Entretanto, no atinente aos outros «Nacionais», temos como antecipados os seguintes embates:

II DIVISÃO — Sanjoanense-Rio Ave e União de Lamas-Vianense, na Zona Norte; Estrela de Portalegre-Sporting da Covilhã, Marinhense-União de Tomar, e S. L. e Cartaxo-Leiria e Marrazes (em Vila Chã de Ourique), na Zona Centro, Olhanense-Odivelas, na Zona Sul, todos às 15 horas.

III DIVISÃO Ouarteirense-União Sport, Esperança, de Lagos-Silves, ambos às 15.

JUNIORES — FC do Porto-Chaves, às 15; Famalicão-Boavista, às 15 e 30, Oliveirense-Nelas, Benfica-Portimonense e Vitória de Setúbal-Os Unidos, às 15; Famalicão-Boavista (em Rio Bração), às 15 e 30. Quanto aos vários nacionais de domingo, houve algumas alterações de horário e campos. II DIVISÃO - Juventude-Nacional, às 14. III DIVISÃO Naval-Ançã, em Febres, às 15. JUNIORES Varzim-Vitória de Guimarães, no campo de treinos, Académico-União de Lamas, em Santa Cruz, às 10 e 30; Belenenses-Sporting, no campo de treinos, às 10 e 30.

Eusébio: o crepúsculo

Sair a tempo tornou inesquecíveis grandes figuras dos palcos desportivos, fazendo-os «lenda» na memória de milhões. Arrastar, penosamente, o eco da fama antiga, em troca de meia dúzia de aplausos meramente protocolares, é sinal de tragédia, de insensatez, de ingenuidade ou incapacidade mental para um período de séria reflexão e adeus às ovações, ao fascínio, à glória.

Custa-nos a notícia: Eusébio Ferreira da Silva, o maior futebolista da Europa nos tempos em que Pelé dominava as Américas e com o português jogava as cristas pelo ceptro do maior marcador de golos, acaba de ser recusado pelo Desportivo de Chaves, após se ter submetido a «exame» num jogo particular dos flavienses com o Sporting de Braga.

O mais famoso futebolista destas bandas, agora com 30 e tal anos num activo cheio de lesões, completamente destroçado pelas muitas violências físicas a que foi submetido, tem viajado por esse mundo (México, Estados Unidos) mostrando os restos do seu futebol, outrora de eleição, pujante, lindo, apaixonante. Hoje, uma ruína, um descalabro, o fim de um nome e de um prestígio.

Até o Desportivo de Chaves lhe deu com a porta na cara: fez 240 contos de bilheteira à custa de mostrar Eusébio no circo, e depois disse que não às parcas pretensões do moçambicano (15 contos por jogo a realizar, deslocações e estadias pagas).

De mala na mão, generoso e simples como sempre foi, pobre rapaz que poderia ter sido milionário grande, Eusébio anda por aí, em carruagem de terceira, enquanto Pelé viaja em supersónicos, animado pelo fogo dos turbilhões de dólares bem fáceis.

Eusébio: apenas e só (já) uma evocação?

. Um homem no declive, a caminho do fundo da rampa?

. Alguém que merece uma resposta: quem ajuda (hoje) o maior de ontem?

. Quem impede (urgentemente) que ele fique fora do panteão da fama?

Neves de Sousa

Olimpíadas: questões e candidaturas

LAUSANA, Suíça — Outubro (ANOP) — Por Geoffrey Miller, da Associated Press — A figura de maior destaque a nível de dirigentes do atletismo mundial preveniu que essa modalidade desaparecerá dos Jogos Olímpicos se for feita qualquer tentativa para reduzir o número de provas. «O nosso desporto é os Jogos Olímpicos tal como os gregos os inventaram» — sublinhou Adrian Paulen, o holandês que preside à Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF). «O atletismo é o centro dos Jogos Olímpicos. Não tomaremos em consideração qualquer sugestão para que seja reduzido o número das nossas provas. «Compreendemos que um tal plano pode vir a ser apresentado. Se isso suceder será o fim da nossa Federação nos Jogos Olímpicos».

As declarações de Adrian Paulen foram feitas à entrada para a reunião entre dirigentes do Comité Olímpico Internacional e responsáveis das 26 Federações Internacionais que controlam o desporto nos Jogos Olímpicos. A «Comissão Programática» do COI, que estuda presentemente aquilo que muitos apelidam de «O gigantismo das Olimpíadas», recomendou no início deste ano a manutenção dos Jogos de todos os desportos. Neste momento, todavia, estuda outras possibilidades de os tornar mais pequenos.

O presidente da Comissão, o hungaro Arpad Csanadi, afirmou recentemente que «uma das possibilidades é conceder uma parte das provas a cada Federação e deixar ao critério da Federação decidir quais as provas que devem ser eliminadas. «Estamos a estudar a hipótese, mas não tomaremos uma decisão senão quando tivermos de apresentar contas do nosso trabalho ao COI, na sua sessão anual, em Atenas, no mês de Maio do próximo ano». Apenas o COI, o organismo supremo dos Jogos Olímpicos, pode tomar a decisão final.

Foi já deliberado que a actual estrutura dos Jogos não sofra alteração para as manifestações de 1980 — as Olimpíadas de Verão em Moscovo, e as de Inverno no Lago Plácido, em Nova Iorque. Mais de duas centenas de medalhas de ouro foram entregues em Montreal, o ano passado. A «Comissão Programática» falou em reduzir esse número a 180 e na consequente redução à população das aldeias olímpicas.

«Pessoalmente, não acredito que qualquer das federações leve isso em linha de conta» — observou Paulen. Thomas Keller, presidente da assembleia geral das Federações Internacionais (GAIF), observou que se trata de «um assunto explisivo. Outras federações, além da de atletismo, revoltar-se-iam se tal acontecesse. Poderá ser de futuro um problema muito grave».

A cidade norte-americana de Los Angeles é a única candidata para a organização dos Jogos Olímpicos de Verão de 1984, enquanto quatro países se ofereceram para realizar os de Inverno anunciou um porta-voz do Comité Olímpico Internacional (COI). Além das já conhecidas candidaturas das cidades de Sapporo, no Japão, e de Gotemburgo, na Suécia, surgiram, no último dia de inscrições, as candidaturas da cidade de Saravejo, na Jugoslavia, e do Comité Olímpico Francês (COF).

O COF indicou dois locais possíveis a região de Monte Branco, em Chamonix, ou a região dos Três Vales, Chourchevel, Meribel e Bellevile. «Apesar de o Comité Francês ainda não ter escolhido o local exacto, a sua candidatura foi aceite» disse o porta voz do COI.

O presidente do COI, Lord Killanin, manifestou-se «desapontado pelo facto de apenas uma cidade se ter candidatado aos Jogos de Verão, sublinhando que «isso não o surpreendia». A escolha definitiva das cidades organizadoras será feita no decorrer da reunião do COI, em Atenas, em Maio do próximo ano. É a primeira vez na história do movimento olímpico que apenas uma cidade se candidata para organizar os Jogos de Verão.

Los Angeles, que organizou a X Olimpíada, em 1932, será a cidade eleita para 1984 se o COI assim o decidir na reunião de Atenas. Apenas uma cidade (Teerão) mostrou interesse em montar os Jogos de Verão de 1984, mas problemas políticos levaram os dirigentes iranianos a não levar por diante o projecto de candidatura.

Killanin afirmou que outras cidades não chegaram sequer a pensar no assunto, assustadas com os custos de investimento. A candidatura da cidade de Saravejo para os Jogos de Inverno surpreendeu os membros do COI, na medida em que era aguardada a inscrição da Checoslováquia. Um porta-voz do COI disse que o Governo da Checoslováquia não tinha possibilidades de suportar os encargos referentes à organização dos jogos.

"MUNDIAL"-78: O OUTRO LADO DO COURO

Comités de acção exigem boicote da selecção sueca

. Dois grupos que se opõem aos Governos do Chile e da Argentina pediram à Suécia para não disputar o Mundial» de futebol no segundo daqueles países. Os suecos rejeitaram, todavia, o pedido. Os comités de solidariedade com o Chile e a Argentina anunciaram terem-se unido para impedir que os suecos participem naquela competição: «Consideramos que a Suécia não deve participar num espectáculo para a Junta Militar», afirmou o grupo.

Mas Tor Brodd, presidente da Associação Sueca de Futebol, declarou que o país participaria, respeitando as regras estabelecidas pela Confederação Sueca do Desporto. «Segundo as regras adoptadas no último Congresso da Confederação, somos obrigados a cumprir um torneio que já iniciámos, seja ele mundial, europeu, olímpico ou uma competição da Taça Davis.»

A suécia, como anteontem noticiámos, ficou oficialmente qualificada para a Taça Mundial, no sexto grupo, quando a Suíça bateu a Noruega por 1-0. O grupo de protesto anunciou que organizaria manifestações em todo o país para alertar o povo sueco em relação às actividades políticas na Argentina.

George Ericson, o treinador nacional, pediu o apoio do país inteiro para a preparação da sua equipa para a Argentina. «Peço a ajuda de todos para termos a possibilidade de criar uma equipa forte para a Argentina», disse Ericson, acrescentando: «Uma equipa forte facultará à Suécia muitas relações públicas ali. Na Suécia somos campeões mundiais em apontar aos outros países os seus erros. Não somos campeões em mais nada.»

. O sindicato dos jogadores declarou que seguiria as recomendações da Associação Sueca de Futebol. «Se a Associação disser que não jogamos, ficamos em casa. De outra maneira, vamos jogar», disse um porta-voz.

Mas o **Comite de Acção** formado há dias não desiste, e convidou o povo sueco a protestar contra a repressão exercida pelo regime militar argentino, colaborando para o efeito no boicote do Campeonato Mundial de Futebol. «Os jogadores suecos», precisa um comunicado do Comité, «não devem ajudar a Junta a organizar essa vasta empresa publicitária, pois atrás dos cordões da Polícia que protegerão os estádios e os espectadores esconde-se o terror.» O Comité propõe-se por outro lado solicitar a adesão dos partidos políticos, sindicatos e organizações religiosas a esta campanha de informação e de acção mundial.

O Campeonato do Mundo de Futebol, custará à Argentina um dispêndio de 400 milhões de dólares, equivalente ao custo de uma central hidroeléctrica. Esta informação foi dada pelo presidente do Ente Autárquico do Mundial-78 (EAM-78), general Antonio Merlo, durante uma exposição realizada na «Pena el Ombu», entidade integrada por empresários e políticos.

O general Merlo disse que os investimentos totais previstos ascendem a 410 milhões de dólares e que os ingressos previstos apenas somam 18 milhões. O défice que causará ao país o Mundial» representa 50 por cento do superavit» comercial de 1976, e cerca de 15 por cento das suas importações do mesmo ano.

A realização do «Mundial» na Argentina «é uma decisão política do Governo», disse Merlo, «pois virão ao país 35 mil turistas, e 1500 milhões de pessoas verão o torneio pela Televisão em todo o mundo, o que permitirá uma «conveniente difusão da 'realidade' argentina».

A Argentina não deseja criar dificuldades à Imprensa ao pedir preços elevados pelas suas instalações, no Campeonato Mundial de Futebol — declarou entretanto o vice-presidente do Comité organizador. Carlos Alberto Lacosta respondia, desta forma, a uma queixa conjunta por parte de certo número de agências de informações sobre as exigências económicas que se fazem na Argentina para a utilização dos estádios do Campeonato Mundial

Lacosta acrescentou que parecia existir um «mal entendido», e afirmou o interesse da Argentina em que a fase final do Campeonato do Mundo conte com uma informação adequada.

Hóquei menos tempestuoso

. O hóquei patinado parece em fase menos incandescente, após o denominado «Movimento dos 13» ter resolvido suspender o bloqueio aos não aderentes às suas ideias. Assim, enquanto vê quatro equipas serem arredadas da competição com base em faltas de comparência (Paço de Arcos, Salesiana, Oeiras e Cascais), o «Torneio de Abertura» prossegue com uma jornada marcada para esta noite (a partir das 20 e 15) no pavilhão do Dramático de Cascais. Dois jogos planeados: Sotto Mayor-Parede e Benfica-Estremoz. Por seu turno, até ao momento continua marcada outra ronda dupla para Alvalade, também esta noite: encontros CUF-Académica da Amadora e Sporting-Campo de Ourique.

De malas aviadas para a estranja, duas formções: a Associação Desportiva de Oeiras vai, a partir de 10 do corrente, exibir-se na Alemanha Federal. Quanto à Juventude Salesiana, não se importa de excursionar a terras da segregadora África do Sul: o passeio é uma forma de definição das suas atitudes.

astrólogo sidio
Resolve qualquer que seja o seu problema
Especialista em casos espirituais, amor ou negócios. Tel. 774343.

VENDE-SE
Órgão Hammond 1×5 profissional. Leslie Hammond 760. 1 ano de uso. Motivo de retirada. Falar com Luís, das 19 às 24 horas. Telefone 0021-22336. Valença.

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infante 16, 55-C — Lisboa

COMPANHIA DAS LEZÍRIAS

Sindicato e Comissão Administrativa discutem a paralisação

A fim de ser discutida a paralisação que envolve cerca de 420 trabalhadores da Companhia das Lezírias, a comissão administrativa desta empresa convocou os Sindicatos representativos dos trabalhadores para uma reunião que tem lugar, esta manhã, em Lisboa.

A propósito da paralisação, iniciada na quarta-feira passada, a comissão administrativa da Companhia das Lezírias divulgou um esclarecimento no qual salienta o «esforço» despendido na reestruturação da empresa do qual, segundo o documento, resultou a criação de mais postos de trabalho. De acordo com o mesmo texto os encargos totais com o pessoal (trabalhadores no activo, reformados e viúvas de ex-trabalhadores) evoluiram de 19.664 contos anuais em 1973, para 63.300 previsão orçamental em 1977.

Acrescenta-se ainda que a comissão administrativa, desde o início da sua actividade, «dedicou a maior atenção à política salarial» tendo procedido a um reajustamento de salários no sector dos trabalhadores agrícolas que assim ficaram a receber ordenados superiores aos estipulados nos diplomas da regulamentação de trabalho dos Sindicatos de Santarém e Lisboa.

Por outro lado a comissão administrativa justifica os recentes aumentos de salários nos sectores mais privilegiados — o que motivou a paralisação — como «a adopção de um esquema com melhor definição de funções e responsabilidades». Sublinha ainda que o critério seguido assentou nos «princípios da uniformização de vencimentos para trabalhadores em igual categoria e funções, na reclassificação ajustada ao efectivo labor desempenhado, retribuição equitativa face a horários ou responsabilidades e atribuição de férias e subsídios de 30 dias a todos».

Barreto e CAP discutem política agrária

Depois de ter recebido ontem, uma delegação do CDS, chefiada pelo engº Carvalho Cardoso, o ministro da Agricultura e Pescas avista-se hoje com uma delegação da CAP (Confederação dos Agricultores de Portugal).

Estas reuniões que António Barreto tem vindo a efectuar com partidos e organizações de carácter técnico agrícola, visam a discussão de questões de política agrária.

Aliás a Federação das Associações de Agricultores do Alentejo, ligada à CAP, divulgou um comunicado no qual a propósito da promulgação da «Lei Barreto», afirma que para esta «ter aceitação pública» é necessário que se ponha termo a situações «como as que consentem que a alguns reservatários sejam entregues reservas de 70 mil pontos, e a outros agricultores com os mesmos direitos, áreas correspondentes a 25 mil pontos, 30 mil ou mesmo 42 mil pontos».

Cooperativa de Alpiarça ameaçada

Os trabalhadores da Cooperativa de Produção Agrícola «Quinta de S. João», Em Alpiarça, foram ontem informados pelo CRRA de Santarém que esta herdade iria ser entregue à antiga proprietária depois de se proceder ao anulamento da sua expropriação.

Em plenário efectuado ontem os trabalhadores decidiram não aceitar a decisão do MAP não só pela injustiça que ela reflecte como até pelo facto de terem posto a herdade, antes abandonada, a produzir convenientemente.

Entretanto as comissões directivas de todas as UCP's do oncelho promovem hoje pelas 21 horas uma reunião a fim de tomarem uma posição conjunta sobre o caso. E amanhã às 10 horas terá lugar novo plenário na cooperativa para que todos os trabalhadores sejam informados das decisões tomadas hoje à noite.

Ainda não foi marcada data para a entrega da herdade mas os trabalhadores sentem-se preocupados perante a ameaça de desemprego que sobre eles pesa.

E. AS AS· DARO DE S ROA· dd· p SO BRE POE FERRE RA, d TA DA ESTACÃO

CANEÇAS

MANUEL DUARTE SACAVÉM

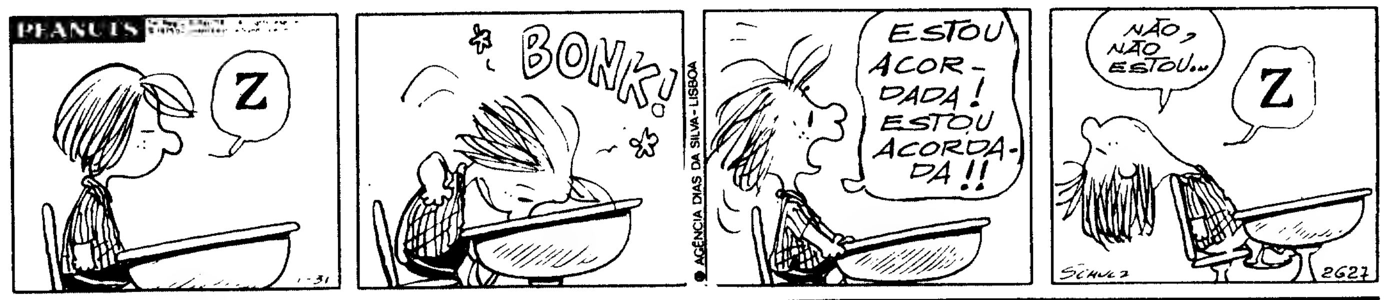
AGRADECIMENTO

Seus irmãos, tia e cunhada agradecem reconhecidamente a todos os amigos e camaradas que de qualquer forma manifestaram a sua solidariedade.

BRISTOL CONNECTICUT

MARIA VANDA MENDES NUNES DE CARVALHO

Seu marido Juarez de Carvalho, filhas Carla e Jaqueline, seus pais Maria Luísa Mendes Nunes e Orlando Teixeira Nunes, sua irmã Olga Maria Nunes Caxias e marido, sua irmã Virginia Maria Mendes Nunes e mais família participam o seu falecimento ocorrido em 1/11 no Hospital de Hartford Connecticut.



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE BEJA

Execução da sentença n.º 40/D/74, da 2.ª Sec.

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Beja, e na execução de sentença que Urbano, Irmãos, Lda, com sede em Beja move contra Maria Francisca Perdigão Larguinho, viúva e outros é **citada** DULCE DA PIEDADE PUCARINHO casada, residente em parte incerta, com última residência conhecida em Alcácer do Sal (dos autos não consta a última residência exacta conhecida), para dentro do prazo de DEZ DIAS, finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação deste anúncio, declarar, por simples requerimento, se o prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Alcácer do Sal sob o n.º 6304, a fls. 112 v.º do Livro B-14 e inscrito da matriz predial urbana da freguesia de Santiago sob o art.º 106 (artigo 148), que se encontra penhorado nos autos acima identificados lhe pertence, sob a cominação de que se nada disser ou declarar que o bem lhe não pertence, o registo provisório da penhora efectuada, se converter em definitivo

Beja, 22 de Outubro de 1977

O Juiz de Direito
(As.) Agostinho de Sousa Inês

O Escrivão de Direito
(As.) José Estêvão Lima Pereira

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.ª Vara

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 2.ª secção da 2.ª Vara Cível de Lisboa e nos autos de Acção Ordinária que João Rodrigues Durão, casado, comerciante, Maria Celeste Fernandes Durão, casada, doméstica, e Ana Paula Dinis, solteira, estudante, todos residentes na Rua Francisco Sanches, 124-2.º andar, em Lisboa, movem contra DENIS MAURICE HENRI, casado, engenheiro maquinista, natural de Bruxelas-Bélgica, actualmente ausente em parte incerta, e, com última residência conhecida que foi na Rua Carrilho Videira, 10-1.º andar, Esq.º nesta cidade, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio no jornal, citando o mecnionado réu para, dentro do prazo de 20 DIAS, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, os autos acima mencionados, nos quais os autores pedem que seja decretada a anulação de perfilhação efectuada pelo réu, bem como a concessão do benefício de assistência judiciária, com dispensa de pagamento prévio de preparos e do pagamento das custas

Lisboa, 27-10-1977

O Juiz Corregedor Auxiliar,
a) António Manuel de Lemos Garcia da Fonseca

O ajudante de escrivão
a) José Augusto Regalado

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.ª Vara

ANÚNCIO

2.ª publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da publicação do segundo e último anúncio

Execução de Sentença n.º 1681-A 1.ª secção

Exequente — FRANCISCO PIO SARAIVA BARROSO

Executado — LABORATÓRIO CIENTÍFICO DE COSMÉTICOS E PERFURMARIA SALUS, Lda.

Lisboa, 19 de Outubro de 1977

O Corregedor,
(a) IANOUEL SILBARCANT MILHANO

O Escriturário,
(a) Carlos Manuel Baptista

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco e chovia com alguma intensidade nas regiões do interior.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima **22,8º**

MONTALEGRE

Mínima **5,4º**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Oeste; possibilidades de aguaceiros em algumas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

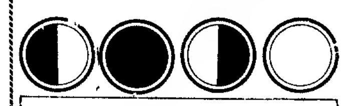
PORTO	13º
PENHAS DOURADAS	7º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	15º
ÉVORA	14º
BEJA	15º
SAGRES	19º
FARO	17º
PONTA DELGADA	11º
FUNCHAL	19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.24	**3,2 m**	1.33	**1,8 m**
21.15	**3,0 m**	14.29	**1,8 m**
Dia 5			
9.40	**3,2 m**	2.54	**1,8 m**
22.29	**3,1 m**	15.48	**1,7 m**
Dia 6			
10.51	**3,3 m**	2.54	**1,8 m**
22.29	**3,1 m**	15.48	**1,7 m**

AMANHÃ

NASCER AS 7.08
OCASO AS 17.32



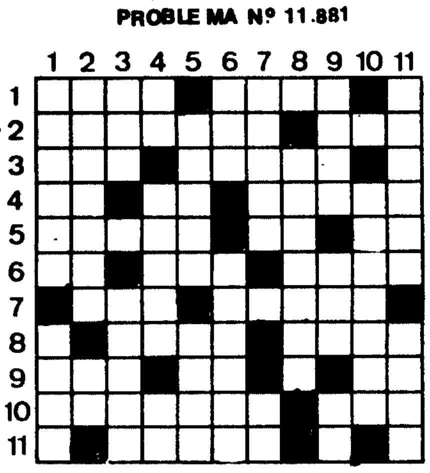
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA Nº 11.881

HORIZONTAIS:

1 Aquele que Além disso
2 Tecemos. Sistema montanhoso de Marrocos
3 Voz usual entre os índios e caboclos da Amazónia e que exprime espanto, alegria ou mofa. Esculta.
4 Batráquio Prefixo de privação Queimar
5 Encolerizado Isolado Prefixo de negação
6 Autores Sufixo que designa abundância Apelido
7 Ente Valente
8 Suga o leite materno Classe
9 Apelido Brisa. Suspiro
10 O mesmo que bateria Costume
11 Avivar o lume



VERTICAIS:

1 Tencionava. Percebe.
2 Bramiras Radio (s q)
3 Cidade dos Países Baixos. Envie para
4 Nota musical. Venera. Átomo
5 Menor quantidade. Oportunidade.
6 Pedras de moinho. Formaria as abas a
7 Vírgulas dobradas Brisa
8 Separara de outro
9 Senhoras. Antepassado. dade da antiga Caldeia
10 Vadias
11 Atesta Escudeiros

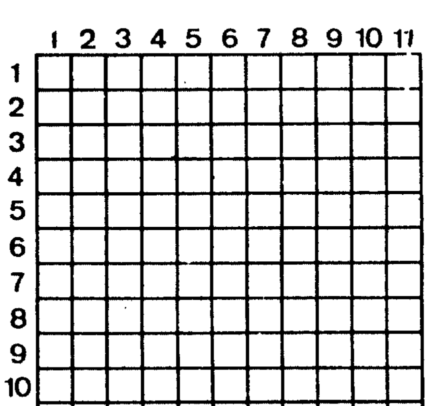
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA Nº 7942

HORIZONTAIS:

1 Chefe das antigas repúblicas italianas Guarda segredo
2 Lavrar Prendem com as gavinhas
3 Li Sentira desgosto (fig)
4 Preposição Cidade da antiga Caldeia Prata (s q.)
5 Velhaca Vendera a crédito
6 Tabernas Interjeição de dor
7 Um dos estados do Brasil Brisa
8 Fileira Cheiros
9 Valado Pequeno peixe brasileiro
10 Mãe de Ismael Retrucar
11 Residiras. Altar cristão



VERTICAIS:

1 Deusas. Estacionam
2 Sufixo que designa pequenez Inundo
3 Gálio (s.q) Começar
4 Época Pequeno símio do Brasil Cólera
5 Causas amuo a Prefixo de privação.
6 Rezar Máscara
7 Cidade de Portugal Alteza Serenissima.
8 Privais da vista Ilha inglesa no mar da Irlanda
9 Inunda Nome de mulher
10 Pátria Estrépito de desmoronamente Transpirar
11 Poisais no mar (o avião) Dia (Bras)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 11.880

HORIZONTAIS:

1 EM. NADA.
2 Brim Brocar
3 Ar Ir.a
4 Anas. Esmara
5 Mo. At Ce. Or
6 Touro
7 Ma. Réstia
8 Eu. FAZ JÁ
9 Rima Ur.
10 Atolo. Aceda.
11 Soror Salão

VERTICAIS:

1 Ob. Ama Eras
2 Urano MUITO
3 Eira. Ta. Mor.
4 Mm. São. Falo
5 Tira Or
6 Nb. Roeza.
7 Ariscos. Vãs
8 DORME. Traça
9 Acia Mi. El
10 Aaro Ajuda
11 Fr. Aro Arão

PROVÉRBIO: **Quem nada faz já muito dorme**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 7941

HORIZONTAIS:

1 Amago. Abata.
2 Ratar. Calam.
3 Piela. Atora.
4 Ne. Le.
5 Mago. Arra.
6 Casos. Maomé.
7 Ás. Sio. As.
8 Amarrem.
9 Gola. Mota.
10 Ocara. Banal.
11 Sarar. Asara.

VERTICAIS:

1 Arpa. Cargos.
2 Mai. Mas. Oca.
3 Atenas. Alar.
4 Galego. Mará.
5 Ora. Ossa. Ar.
6 Iró.
7 Aça. Amor. Ba
8 Batera. Emas.
9 Aloiro. Mona.
10 Tar. Ama. Tar.
11 Amas. Escala.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 67

Até às 22 horas

AEROPORTO — Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D (Tel. 722384).
ALBANO — Rua Escola Politécnica, 59 (Tel. 326750).
ALEGRIA — Est de Benfica, 180-A/B (Tel. 780511).
ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74 (Tel. 806360).
ANTUNES ROSAS — Praça Cidade do Luso, lote 199 (Tel. 313610).
CÂNDIDO MONTEIRO — Av. Almirante Reis, 121 (Tel. 45751).
CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C (Tel. 897958).
CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tel. 688857).
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (Tel. 843571).
FERNANDES Rua de S. José, 187 (Tel. 326476)
FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22 (Tel. 44995).
FONTOURA CARVALHO — Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075).
GRIJÓ R. do Grilo, 25 (Tel 385264).
HIGIÉNICA — Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361).
IBÉRIA — Rua Barão Sabrosa, 235-A (Tel. 728277).
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel 703393)
LISBONENSE — Rua Leão de Oliveira, 2-B Tel. 637020
MIRANDA — Vampo Pequeno, 36-B-C Tel. 770776.
MOURA — Trav. da Memória, 55 Tel. 630944.
NOVA IORQUE — Av. E.U. da América, 140-B. Tel. 760658.
PATULEIRA, H.ºs — Alameda Linhas de Torres, 262-B Tel. 790332
PENINSULAR — Campo Mártires da Pátria, 117. Tel 553308.
RUALTO, LDA — Rua Alto do Carvalhão, 5-A-B. Tel. 651721.
S. JOÃO DE DEUS — R. Pedro Ivo, 1-A-B. Tel. 725140.
TEIXEIRA LOPES — Rua Aurea, 154. Tel. 324816.
UNIVERSAL — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158.

Permanente

AEROPORTO — Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D. Tel. 722384.
HIGIÉNICA — Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361.
IBÉRIA — Rua Barão de Sabrosa, 235-A. Tel. 728277.
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393.
PATULEIRA, H.ºs — Alam. Linhas de Torres, 262-B Tel. 790332.
FONTOURA CARVALHO — R. Santos-o-Velho, 12. Tel. 662075.
PENINSULAR Campos Mártires da Pátria, 117. Tel. 553308.
RUALTO, LDA — Rua Alto do Carvalhão, 5-A-B. Tel. 651721.
UNIVERSAL — Rua Actor Taborda, 5-7. Telef 44158.
TEIXEIRA LOPES — Rua Áurea, 154. Tel. 324816.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Clabel — R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551). Permanente; **Amadora** — P 28 de Maio, 3-A (Telef 935518) Até às 22 horas
DAMAIA
D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
QUELUZ
Zeller — R. da República, 83 (Telef. 950045)
CACÉM
Garcia — Av dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Miranda Garcia — Est de Mem Martins, 173-B (Telef 2914103)
RIO DE MOURO
Riomouro Av Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef 2960194)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
COLARES
Abreja (Telef. 29088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores — R. António Granjo, 2 (Telef 2113161)
ALCABIDECHE
Carvalho — Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos — Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás — R. Costa Pinto, 184 (Telef. 243034). Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090). Até às 24 e das 0 às 9 horas
NOVA OEIRAS
Leal — Até às 21 horas
PAREDE
Grincho — Av. da República, 87 (Telef. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAREDE
Junqueiro — Mendes — Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira — (Telefs. 262313-267314). Até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS
Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141). Até às 21 horas; **Cascais** — R. Conde de Monte-Real-B.º Caixas (Telef. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — Gameiro — I António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)
ALMADA
Central — R. de Olivença, 11-B (Telef. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira — B.º de Moçambique, 84-B (Telef. 2040946)
BARREIRO
Mascarenhas Neto — R Almeida Garrett, 1 (Telef 2072554)
COVA DA PIEDADE
Atlântico — Av. D Rainha D Leonor, 45-A (Telef 2764466)
MOITA
União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (Telef 239025)
MONTIJO
Higiene — R José Joaquim Marques, 142 (Telef 2310370)
SESIMBRA
Leão — Av da Liberdade, 13 (Telef. 2233471)
SEIXAL
Soromenho — R. Paiva Coelho, 51 (Telef. 2218580)
COSTA DA CAPARICA
Higiénica — Av. da República, 23 (Telef. 2400020)

PORTO

Até às 22 horas

Pastelaria —, R. André de Resende, 92; **Almeida Cunha** — R. Formosa, 327; **Contumil** — R. do Contumil, 540; **Sampaio** — R. da Cedofeita, 636; **Vaz Teixeira** — R. do Heroismo, 56; **Costa Lima** — Av Boavista, 855; **Marques de Mendonça** — R. do Ameal, 251; **S. Jerónimo** — R Santos Pousada, 622.

Permanente

Oriental — R do Bonjardim, 727; **Cardona dos Santos** — R. D Manuel II, 90; **Birra** — P da Liberdade, 125; **Monte Cativo** — R do Monte Cativo, 444

COIMBRA

OLIVAIS — Rua Bernardo de Albuquerque, 159 — Tel 72904; **LOPES RODRIGUES** — R. Fernando Tomás, 41 Tel. 22634.

cinemas

ab CINE
Tel. 803055

Sala A
Não acons. men. 13 anos
13, 15, 17, 19 e 21,30 23.30
CHEGOU A HORA DE VINGANÇA
Sala B
A PRIMEIRA NOITE
12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 23.30
Grupo D. Maiores 18 anos
As 6.as feiras e sabados sessões as 24 h

ALVALADE
Tel. 897480 21.15

Hoje estreia às 21,15
O primeiro Western indiano!
A VINGANÇA DUM FILHO
Emoção! com Feroz Khan e Parveen Baby
não acons. men 13 anos
Hoje às 15.15 e 18.15
Ultimas exibições do filme
A COMPANHEIRA DA MINHA VIDA
Não acons men. 13 anos

APOLO 70
Tel 768310 Hoje estreia às 21.30 h

Lili Monori, Eva Ruttkai, Gyorgy Pogany em
A MULHER DO MARINHEIRO
Um filme de Zsolt Kézdi Kovács
Não acons men. de 18 anos
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Ultimas exibições do filme
O ENIGMA DE KASPAR HAUSER
Hoje às 24.00 h os grandes cineastas (18 anos)
A GUERRA ACABOU

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
A IRMÃ REBELDE
Inspirado na maravilhosa novela «A Irma de San Sulpício» com Rocio Durcal

BERNA
Tel. 776098 14.15, 17.45, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

Al Pacino - Robert Duvall, Diane Keaton, Robert de Niro
4.ª semana

O PADRINHO PARTE II

um filme de Francis Ford Coppola

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 14, 16.30, 19, 21.30

Não acons. a men. de 18 anos

James Mason, Susan George Perry King em
MANDINGO

Um filme de Richard Fleischer

CASTIL
Tel 530194 15, 18.30 e 21.30

Não acons a menores de 13 anos

Barbara Steisand Kris Kristo Hesson

NASCE UMA ESTRELA

Premiado com 5 Globos de ouro

5.ª semana

CONDES
Tel 322523 14, 16.30 18.45 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos

O EXPRESSO DE CHICAGO
c/Gene Wilder
em 2.ª semana
Arthur Miller
Colorido

EDEN
(Tel 320768) 14, 16.30, 19, 21.30

Jack Lemmon, Lee Grant, Branda Vaccaro, Joseph Cotten
AEROPORTO 77
2.ª semana
um filme de Jerry Jameson

Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30, 18.30 e 2130

Não acons. a men. 13 anos
007-AGENTE IRRESISTÍVEL
6.ª semana

ESTÚDIO 444
Tel 779095 15.30 18.30 e 21.45

Não acons. men 13 anos
NASCE UMA ESTRELA
Em 3.ª semana

IMPÉRIO
Tel 5551345 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons a men 13 anos
14-actores na odisseia mais espantosa
UMA PONTE LONGE DEMAIS
Colorido
Um espectáculo invulgar

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

Não acons. 13 anos

AS BELAS MULHERES DOS OUTROS

C/Jean Rockefort Claude Brosseur Cruy Bedos

MUNDIAL
Tel. 538743 14, 16.30, 19 e 21.30

ABISMO
3.ª semana
Não acons. men 13 anos
As 00.15 não acons men 18 anos
VEREDICTO

NIMAS
Tel. 574362 14,30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

ADOPÇÃO

Grande prémio do Festival de Berlim

ODEON
Tel 32 6283 Estreia às 21.15 h

Int. men. 18 anos

OS PARASITAS DA MORTE
(colorido)

PATHÉ
Tel 821933 A partir de hoje às 21.30

Brutais, selvagens, heróis!
O ULTIMO COMBOIO DO KATANGA
c/Rod Taylor, Yvette Mimieux e Jim Brown
Não acons. men 18 anos
Hoje às 14.15, 16.30 e 18.45
Ultimas exibiçoes do filme
DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

POLITEAMA
Tel 326305 14.15, 16.30 19 e 21.30 h

Não acons a men 13 anos

2 DIABOS À SOLTA

RESTELO
Tel 610375 Às 21 30h

Não acons. men 18 anos

CABARET — ADEUS BERLIM

ROMA
Tel 887778 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. a M. 13 anos
AEROPORTO 77
Suspense máximo!
com Jacá Lemmon Lee Grant

ROXY
Tel 42872 Estreia às 21 30 h

Int. men. 18 anos

MEU FILHO, MEU AMOR
c/Romy Schneider
Colorido

S. JORGE
Tel. 579144 15.15, 18 30 e 21 30 h

UMA PONTE LONGE DEMAIS
3.ª Semana
UMA PONTE LONGE DEMAIS

TIVOLI
T. 570595

Sessões às 15.15, 18.30, 21.30

Julie Andrews, Dick Van Dyke em
MARY POPPINS

Um filme de Walt Disney Productions
8.ª Semana
Para todos

NOVO CINE
Tel 840678 15.15 e 21.15

Av General Roçadas, 7 (A Sapadores)
Não acons a men. de 13 anos
Um conto das mil e uma noites!
AS AVENTURAS DE TAKLA KAN
Technicolor
Às 24 h não acons men 13 anos
VAMPIRA

D. JOÃO V DAMAIA
Tel 971794 Às 21.15 h

Não acons. a men 13 anos

CORRIDA DE LOUCOS
com Les Charlots

espectáculos

LISBOA/Teatros

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Santo Inquérito»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«O Pato»
TEATRO ABERTO
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Os Macacões»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»
TEATRO BAIRRO ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro de Carolina»
ADOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O da Guarda»
OLISEU
21.45 (6 anos)
«A Magia Internacional do Circo»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui Quem Manda sou Eu»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Alto e para o Baile!...»

LISBOA/Cinemas

EUROPA 21.15 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»
ROYAL
21.30 (13 anos)
«O comboio do inferno»
CAPITÓLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«Inibição»
CINE AUDITORIO
21.30 (13 anos)
«Ele aí está»
QUARTETO
Sala 1
21.00, 23.00 (18 anos)
«Dias Tranquilos em Clichy»
Sala 2
21.00 e 23.00 (18 anos)
«A Punição»
Sala 3
21.15 e 23.30 (18 anos)
«A Alice já não Mora Aqui»
Sala 4
21 e 23 (13 anos)
«Mónica e o Desejo»

MONUMENTAL
21.30 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois Maridos
OLIMPIA
Sessões permanentes (13 a)
«O Ultimo Tango em Acapulco»
LUMIAR
21.30 (14 anos)
«A maluquinha de Arroios»
CINEARTE
21.30 (18 anos)
«Tempo de massacre»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«O trono de fogo»
VOX
21.30 (13 anos)
«O Expresso de Chicago»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Rainha Ardente»
JARDIM
21.15 (13 anos)
«Assassinos de elite»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
Às 21.15 (6 anos)
«Zambo, o senhor da Selva»
ESTORIL
Palácio
Às 21.15 (18 anos)
«A Cidade dos anjos»
CASCAIS
S. José
Às 21.15 (18 anos)
«Cidade corrupta»
Oxford
21.30 (18 anos)
«Herança erótica»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cinestúdio
Às 21.30 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»
Recreios desportivos
Às 21.15 (18 anos)
«Arquivo secreto»
Lido
Às 21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
MEM MARTINS
Cine Chaby
Às 21.15 (18 anos)
«A cidade corrupta»
SINTRA
Carlos Manuel
Às 21.15 (18 anos)
«Os Assassinos não dormem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
Às 21.15 (13 anos)
«Os homens do Presidente»
Incrível
Às 21.15 (18 anos)
«Tommy»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
Às 21.15 (18 anos)
«Cambra»

PORTO/Teatros

TERÇO
22.45 (18 anos)
«O Pátio das Cantigas»
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Isto é que me dói»
ANTONIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«A teia»

PORTO/Cinemas

JULIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Espião sem Amanhã»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O Sexo Comanda»
S. JOÃO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»
CHAPLIN
21.30 (6 anos)
«A última loucura»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Viagem ao Inferno»
RIVOLI
21.45 (6 anos)
«Coronel - Agente Secreto»
CHARLOT
21.30 (18 anos)
«O Padrinho (2.ª parte)
SALA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«As criaturas»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Car Wash»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»
CARLOS ALBERTO
21.30 (13 anos)
«A canção da felicidade»
BATALHA
21.30 (13 anos)
«O Abismo»
COLISEU 21.30 (18 anos)
«1900» (2.ª parte)
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Genio do mal»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«1900» (1.ª parte)

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Exorcista II - Herege»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O vale das abelhas»
TIVOLI
21.30 (13 anos)
«A história D'O»

rádio

1.º Programa

18.00: Noticiário. Uma orquestra. **18.15**: Discurso directo (RDP-Centro). **18.40**: Música Portuguesa Instrumental **19.00**: «A Agricultura que nós temos». **19.45**: Música instrumental. **20.00**: Jornal da Noite. **20.30**: Conjuntos instrumentais. **21.00**: 8.º episódio do folhetim «Oliver Twist», de Charles Dickens, numa adaptação de Maria de Lourdes Vicente. **21.20**: «Contraponto». **23.30**: DesPorto no Mundo. **24.00**: Último jornal. **00.30**: Música Variada. **01.00**: «Música na noite» (RDP-Norte)

2.º Programa

17.50: Música de Câmara, Trio em mi bemol maior, op. 2 de Albert Roussel. **18.25**: Uma cantata de Bach. Cantata BWV 21 «Sinto-me muito angustiado». **19.15**: Solos de Cravo: Interpretação de cravista Igor Kipnis. **19.30**: «As Palavras dos músicos», pelo dr. João de Freitas Branco. **20.00**: Conjuntos de Câmara. Serenata n.º 1, em ré maior, K 100, de Mozart. **21.00**: Música Sinfónica. Abertura «O Corsário», de Berlioz. Suite «Os PLanetas» de Gustav Holst. **22.00**: «Hoje Respondemos por música», por António Vitorino de Almeida. **23.00**: Intercâmbio musical: TemPorada de concertos de 1976/77 da Rádio do Sarre. Tema e Variações Para grande orquestra op. 43-b, de Schoenberg e Concerto para orquestra de Bela Bartok. **24.00**: Música de Câmara de Mozart. Quarteto nº 23, em fa maior, K. 590 «Prussiano n.º 3». **00.30**: Canções de Grieg: Interpretação da soprano Kirsten Flagstad, acompanhada ao piano por Edwin McArthur. **01.00**: Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Contacto»; **18.20**: Títulos de Fórmula 1 **19.05**: Actualidade. **18.45**: Fórmula 1 **19.05**: Teatro trágico pelos Parodiantes de Lisboa. **19.20**: «Tempo Citroen» **19.30**: Trabalho de fundo. **20.15**: Antologia. **20.30**: Pesquisa. **21.00**: A música e as vozes. **21.30**: «Quando o telefone toca». **23.03**: Música para meditar. **23.20**: «Nocturno». **24.00**: Coimbra; Nocturno (continuação); **02.00**: Fecho.

3.º Programa

18.00: «Compasso» **18.15**: Sal e pimenta (repetição) **19.45**: Romance duma cidade. **20.10**: Aconteceu. **20.40**: Serviço de agenda. **20.45**: A Voz de esPerança. **21.00**: Fecho.

4.º Programa — Emissão Total em Estereofonia

19.00: «Em Órbita». **20.00**: «Forum» Realização de Jorge Lopes; **22.00**: «Auditório»; Música de jazz. Programa de Paulo Gil e Rui Neves **00.00**: «Prisma» Realização de Fernando Quinas. **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos. **18.15**: Igreja em notícia. Palavra do dia. **18.30**: Transmissão do terço do Exernato do Parque. **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da RR **20.00**: Objectivo. **20.45**: Apelos **21.05**: Programa da Liga dos Amigos da RR. **22.00**: Quando o telefone toca. **22.30**: Temas vivos. **23.30**: Actualidade Económica. **23.55**: Meditando. **01.00**: Rotação. **02.00**: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654631/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

O mirnofascismo

Num anúncio de página do diário da manhã «O Dia», Kaúlza de Arriaga vem fazer a sua própria promoção como chefe do MIRN, uma organização política de extrema-direita. O recurso à publicidade paga dá logo ideia da «importância» política do «Movimento Independente para a Reconstrução Nacional».

O antigo membro de um Governo de Salazar, a tanto a linha, permite-se falar em nome do País e da «opinião autêntica e actualizada dos portugueses» para, directa ou indirectamente, rejeitar a Constituição, a Democracia, o Socialismo, o Parlamentarismo e por aí fora.

Depois, Kaúlza autoproclama-se o chefe do «mirnofascismo» ou neofascismo português, tentanto criar um clima de ameaças e acusando o próprio Presidente da República por não ter assumido ainda a posição de «chefe» dos fascistas portugueses.

Kaúlza promete a «salvação». Kaúlza dá severos conselhos aos partidos de direita (CDS e PSD), Kaúlza cria o alarme e insinua que vai desembainhar a espada.

Kaúlza finge ignorar a representatividade dos partidos. Kaúlza procura passar por cima da existência dos trabalhadores. Kaúlza tudo faz para dar a impressão que «portugueses» é sinónimo de um grupo de «mirnofascistas».

Kaúlza é assim uma espécie de «chefe substituto»... de opereta. A tanto a linha, num anúncio de página do diário da manhã «O Dia».

MANUEL DE AZEVEDO

Conferência de Imprensa do MES

Recuperação capitalista dá desemprego e miséria

«Para o MES a actual crise política é a confirmação de que a via de recuperação capitalista aberta pelo golpe reaccionário de 25 de Novembro é incapaz de resolver problemas com que o nosso povo e o nosso país se defrontam» — palavras de Augusto Mateus, do Comité Central do Movimento de Esquerda Socialista, em conferência de Imprensa realizada esta manhã para divulgar as posições daquele Partido sobre a actual situação política e ainda para anunciar a próxima realização do III Congresso.

Falando sobre a crise política, Augusto Mateus afirmou ainda que «a política de recuperação capitalista só pode levar a uma crescente e intolerável submissão ao imperialismo e à fome, miséria e desemprego para o povo trabalhador».

Depois de considerar o Presidente da República como peça fundamental do actual regime, Augusto Mateus, disse, sobre o discuso de Ramalho Eanes na abertura da segunda sessão legislativa: «Não dizendo o que a direita reaccionária e fascista queria que ele dissesse, o Presidente da República não deixou de apontar os caminhos que a via do 25 de Novembro da recuperação capitalista exigem na actual situação: a imposição do pacto social aos trabalhadores portugueses».

«As razões de Eanes, afirmou mais adiante, «são as razões do Estado burguês que se quer consolidar e que constituem um forte impulso no avanço da unidade da burguesia».

Augusto Mateus defendeu depois que as soluções apresentadas pelos partidos de direita (a maioria presidencial) e pelo PCP (celebração duma plataforma com todos os partidos da burguesia), bem como a possibilidade de se abrir um novo período eleitoral não interessam aos trabalhadores, adiantando a proposta do MES — desenvolver a Resistência Popular Activa à recuperação capitalista, defendendo as conquistas de Abril contra o autoritarismo burguês.

A propósito foram referidas as recentes prisões de antifascistas em Beja, consideradas como «preocupante sintoma do refinamento do aparelho repressivo do Estado».

Referiu ainda que o MES nada fará para favorecer a queda do Governo PS em favor de um Governo mais à direita.

Sintetizando as posições do MES, referiu que aquele partido recusa o Pacto Social, condena as exigências do FMI em relação à situação económica e defende a resistência popular à política de recuperação capitalista patrocinada pelo imperialismo.

Defendeu ainda a realização na base do movimento sindical unitário, de uma «jornada nacional de luta», como contributo para a construção duma verdadeira alternativa ao actual poder.

Nuno Teotónio Pereira, também do CC do MES, anunciou a próxima realização do III Congresso do MES, cujos trabalhos preparatórios já se iniciaram e que prosseguirão com a realização de conferências regionais e nacionais sobre trabalho cultural, questão da mulher, Reforma Agrária, Habitação e questão sindical.

Figura de João de Barros é evocada esta noite

A acção de João de Barros no domínio do ensino, da política e da poesia será hoje, às 21 e 30 no Palácio Foz, alvo de uma homenagem promovida pelo secretário de Estado dos Desportos, durante a qual será apresentado o caderno FAOJ «Cidadão João de Barros», iniciativa da referida secretaria de Estado.

João de Barros foi Director Geral da Instrução Pública durante a I República e apesar de uma intensa actividade política nunca deixou e exercer as funções de professor liceal. As suas notáveis capacidades políticas determinaram a sua escolha para Ministro dos Negócios Estrangeiros.

A sessão será presidida pelo Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares e usarão da palavra os secretários de Estado dr. David Mourão Ferreira e Manuel Alegre, que falarão sobre o poeta e as sua obra; a escritora e jornalista Manuela de Azevedo, que abordará a perspectiva humana do homenageado, referindo especialmente os seus esforços para intensificar a aproximação cultural entre o Brasil e Portugal; o secretário de Estado de Orientação Pedagógica, dr. Romero de Magalhães, que se ocupará da acção educativa de João de Barros durante a primeira República, e, por último o filho do homenageado, prof. Henrique de Barros ministro de Estado. O actor Jacinto Ramos colabora também na sessão recitando poemas de João de Barros.

"ASSALTO" A UM BANCO

Levava pistola de alarme para exigir 20$00

Um jovem de 22 anos entrou esta manhã, pelas 11 e 25, na delegação do Banco Português do Atlântico no Rossio, encontou uma pistola de alarme às costas de uma cliente e exigiu como «resgate»... vinte escudos.

Depois a sua exigência subiu: queria mil escudos. A Polícia apareceu e o jovem afirmou que queria mesmo ser preso, porque gostava de filmes policiais. O «assaltante» foi imediatamente detido e levado para a esquadra mais próxima.

«Assalto» inédito de um jovem à delegação do BPA junto ao «Passo» no Rossio, apenas causou um pequeno susto e enorme aglomeração de curiosos. «Vinte paus, queria vinte paus? E não lhos deram?» exclamavam alguns observadores. «A quanto chegou a «desvalorização» dos nossos assaltos» — conclusão de um outro

O CASO DE CORROIOS

Despojos por identificar

Elementos da GNR de Paio Pires e da Polícia Judiciária continuavam esta manhã com buscas intensivas nas imediações de Corroios, em busca de pistas susceptíveis de conduzir à completa identificação dos despojos humanos encontrados num pequeno riacho da Quinta do Castelo, dentro de um saco de plástico.

Para além dos elementos que ontem referimos pouco mais há a adiantar. Os investigadores, baseados no parecer dos técnicos do Instituto de Medicina Legal, continuam, entretanto, convictos de que a vítima seria uma rapariga de quinze anos, com cerca de um metro e sessenta de altura, cujo corpo foi cortado com uma serra pelo assassino.

CP parou

Continuação da pág. 1

rência de outra» — no entender da CSN.

Segundo revelou ontem a Comissão Negociadora Sindical, a aplicação do «Pacote 2», na CP provoca um encargo anual de 600 mil contos, devido ao aumento do preço do gasóleo e das taxas de juro.

A proposta de revisão da ACT dos ferroviários, foi entregue ao Conselho de Gerência da CP em 15 de Abril e as negociações iniciaram-se no dia 5 de Maio.

No entanto, mais tarde, o Governo publicou um despacho interministerial proibindo aumentos salariais naquela empresa pública, desde que fossem obtidos sem sacrifício das regalias sociais dos empregados.

Mas os trabalhadores foram, entretanto, surpreendidos com a publicação de um Decreto-Lei que autorizou a concessão de um empréstimo no valor de 24 mil contos, «destinado exclusivamente a financiar despesas com técnicos estrangeiros que virão a Portugal aplicar os métodos capitalistas no sector de transportes ferroviários, quando, no nosso País, e na CP em particular, existem técnicos suficientes em qualidade e quantidade».

A luta pelo ACT tinha já originado uma paralisação de 15 minutos no sector ferroviário, no fim de Julho.

Trabalhos preparatórios do III Congresso da UDP

Conferências distritais e plenários de empresa têm preenchido os trabalhos de preparação do III Congresso da União Democrática Popular, que reunirá até ao fim do ano.

HOje devem reunir-se plenários dos CTT, da hotelaria e da Petrogal, realizando-se à noite, em Vieira de Leiria, uma reunião com trabalhadores de empresas intervencionadas com a presença do deputado Acácio Barreiros.

Os trabalhos preparatórios do Congressso da UDP vão prosseguir amakhã, com a realização de conferências das zonas de Vila Franca de Xira e Loures, às 10 horas, na Academia Sacavenense e da Área Urbana de Lisboa, na Voz do Operário, às 9 horas. Realizar-se-ão ainda dois comícios, na Nazaré e no Algueirão, às 16 e 21 horas, com a presença de Acácio Barreiros.

Para domingo está prevista a realização de conferências distritais em Setúbal, Santarém, Portalegre e Bragança, para além de diversos plenários de empresa.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE SETEMBRO:
43 800 exemplares
Hoje 24 páginas

Árabes: alternativa ao FMI?

Continuação da pág. 1

da oposição — daí as negociações em curso) e condicionando, além disso, numerosos empréstimos de outros países, como é o caso do «grande empréstimo» sujeito à «luz verde» do FMI.

Para a diplomacia portuguesa trata-se de demonstrar aos árabes que as relações com Israel são consequência inevitável do programa do Governo e da própria Constituição Portuguesa, mas que elas não implicam o apoio à política israelita, designadamente no delicado caso dos territórios árabes ocupados. Isto seria tanto mais viável neste momento quanto, não se encontrando já no poder o Partido Trabalhista israelita, diminuiram os vínculos que o Governo PS mantinha por via da Internacional Socialista, organização a que não pertence o partido Likud, que se encontra no poder, ao contrário do que sucedia com o seu antecessor.

Os contactos com países Árabes em Paris foram mantidos entretanto por João Lima, após o regresso a Lisboa de Mário Soares.

A par destes encontros, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros avistou-se ainda com o seu homólogo francês, Jean-François Deniau e, na qualidade de secretário de Estado da Emigração, com o encarregado francês daquelas questões, Lionel Stoleru.

Compre já a 200$00/m²
sem entrada inicial
e pague até 4 anos
terreno próximo da praia
Situado a sul do Tejo em zona turística abrangida por estudo oficial de urbanização.
Resposta ao APARTADO 1.408 • LISBOA 1

Nota à tome

SERVIR A IGREJA E PORTUGAL

Este o título no dito semanário «liberal e independente». De homenagem prestada em Braga «a um filho ilustre», transcrevemos: «... o cónego Melo, de seu nome completo Eduardo de Melo Peixoto, doutorado pela Universidade Pontificia de Salamanca em Direito Canónico, numa das mais prestigiosas figuras da Igreja portuguesa e um dos mais corajosos lutadores do negro período **gonçalvista**».

«Corajoso lutador» — expressão que nos parece pouco evangélica. Mas os homenageantes e o homenageado lá sabem das suas actividades canónicas do «negro período».

A GUERRA

A propósito da substituição do brigadeiro Pires Veloso no comando da Região Militar do Norte, «O Comércio do Porto» deu hoje conta de uma não estranha amargura. Em manchete lê-se: «Sacrificado aos desígnios duma nova burocracia militar? — Pires Veloso forçado a deixar o comando da RMN». Na notícia relativa ao assunto, aquele diário da manhã refere-se a «ataques da extrema-esquerda, incluindo comunistas e meloantunistas» de que Pires Veloso «se tornou o alvo preferido» e ainda á «intoxicação da opinião pública através dos meios de comunicação afectos à extrema-esquerda civil e militar, dando como certa a (então eminente, diziam) saída do comandante da RMN».

No editorial, o plumitivo Silva Tavares diz que «a situação é difusa», pois «dantes, sabia-se onde estava o inimigo, hoje, ele anda disfarçado no meio de nós». Silva Tavares alude ainda a «intenções não explicadas», rematando de uma forma bélica ao dizer que o Norte «não esquece» a frase de Pires Veloso proferida em 26 de Novembro de 1975: «esta guerra ainda não acabou».

Será ainda a voz do dono?

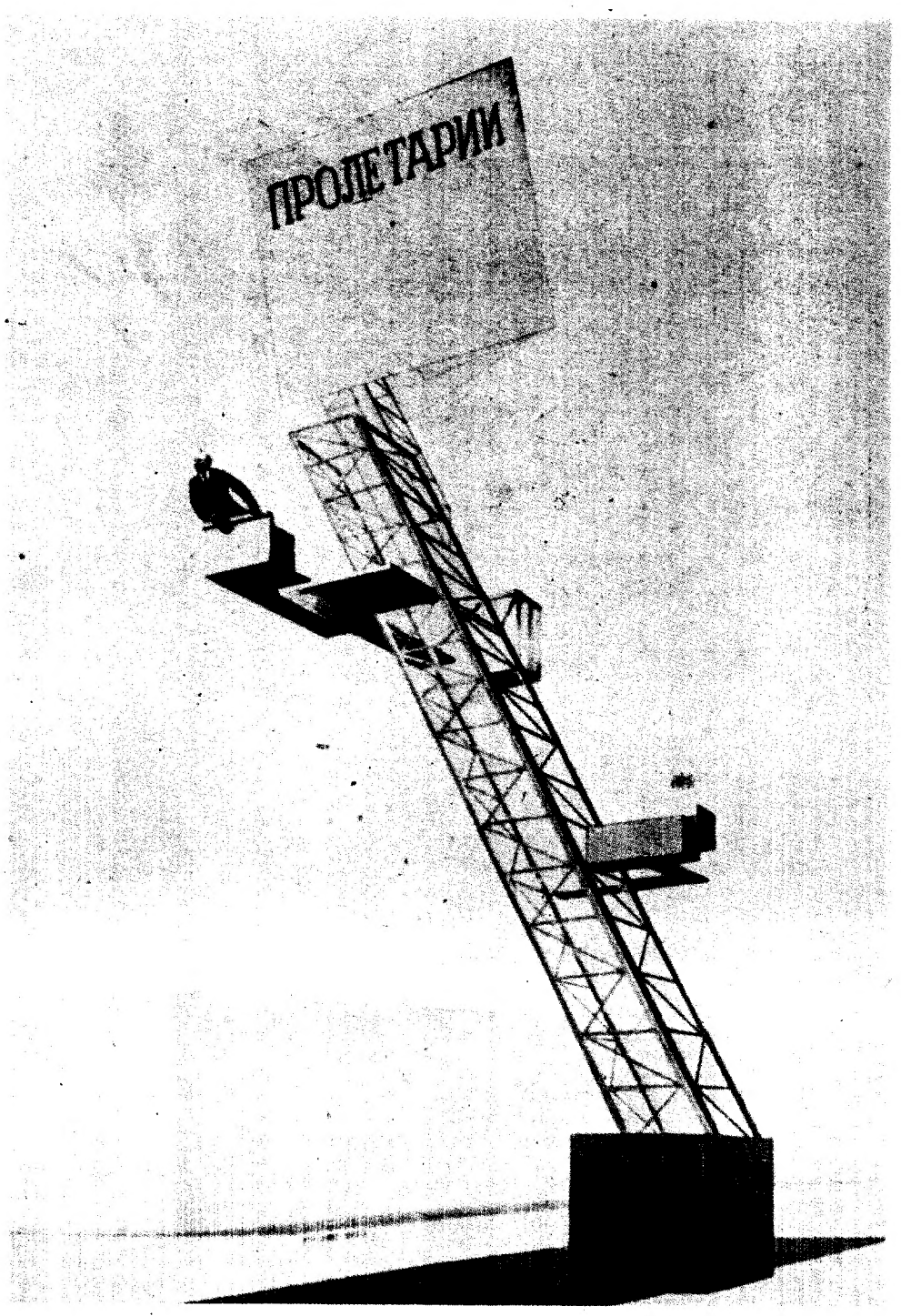
Ref.ª Comercial

EM VILAMOURA
POR 780 CONTOS

Mesmo no Centro do **Fabuloso Empreendimento Turístico — Residencial de Vilamoura**, entre os campos de Golf, direccionado para a MARINA, e com panorâmica vista de mar, situa-se o elegante **Conjunto «Le-Club»**.

Deste conjunto (com cinco tipos de diferentes projectos aprovados e à escolha dos interessados em moradias de requintado conforto, com grandes livings, lareiras, terraços e magníficos jardins individuais circundantes), vendem-se ao preço único de 780 000$00 os restantes lotes de terreno do Empreendimento «Le-Club».

Solicitar por postal ou carta informações ou reserva de compra. — nesta ocasião única com condições de pagamento a estabelecer e conformidade como programa financeiro dos interessados — ao procurador-geral do Conjunto Urbanístico «Le-Club», sr. Lúcio Marques, com escritórios na Praça do Chile, 15-1.º, Lisboa-1, e também em Vilamoura, mesmo no conjunto «Le-Club».



«O Tribuno do povo», de El Lissitzky, colagem com o retrato de Lenine

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CULTURA

Comemorar mais um aniversário da Revolução de Outubro é celebrar de novo o acontecimento histórico mais importante da nossa época, lembrar o seu significado e confraternizar com os que pensam não ser a existência de exploradores e explorados uma «ordem natural das coisas» e que — imodestamente citando um meu modestíssimo verso — «outro é o destino do homem»

A CONQUISTA DO PODER

A epidemia da superprodução num mundo em que se morria de fome, os progressos técnicos em contradição com a miséria daqueles que tornavam possível a sua utilização, o número crescente de operários da grande indústria com salários que os tornavam tanto mais pobres quanto mais riqueza produziam, assim se aprofundando o velho fosso entre as classes sociais, a guerra, enfim, como expediente inevitável para a conquista dos novos mercados, indispensáveis às potências de maior produção — eis a lava subterrânea que de há muito minava os alicerces da sociedade estabelecida. E foi a guerra de 14, com o seu número aterrador de mortos e estropiados, e as massas de jovens fardados arrastando-se, sob bandeiras diferentes, na lama das trincheiras, enquanto as famílias suportavam a fome nas cidades e nos campos devastados que trouxe essa lava à superfície. O grito de «guerra à guerra!» percorria a Europa. Na Alemanha, desde 1915 que Liebknecht, Ledeburo e Rosa Luxemburg organizavam os partidos operários e se manifestavam a favor da paz. Em França, os professores primários sindicalizados reclamavam uma acção «para entendimento da CGT com as organizações operárias dos países beligerantes e neutros»: a guerra, «longe de ser exclusivamente a guerra do imperialismo germânico contra a Europa, é apenas o resultado de todos os imperialismos nacionais que intoxicam todos os Estados, grandes e pequenos». Em Berna, Clara Zetkin manifestava a mesma convicção na Conferência Internacional das Mulheres Socialistas e o Congresso do Partido Social Democrata russo declarava a falência da II Internacional e a necessidade de ser criada a III Internacional. Em 1917, há, na Alemanha, greves de milhares de operários nas fábricas de munições e, em França, amotinações de soldados. Em Julho e Outubro, a ânsia de Paz manifesta-se em conferências de veemente oposição à orientação dos vários governos: «Soou a hora do começo da luta comum em todos os países pelo advento da paz e da liberdade dos povos pelo proletariado socialista. O meio de lá chegar é a greve internacional e simultânea das massas» — o que Jaurès preconizara no início das hostilidades, mas nunca se deu. E, nesse mesmo Outubro, foi na Rússia, nesse extensíssimo país do Leste, o mais atrasado da Europa, que o protesto atingiu o ponto máximo, numa explosão indomável que iria responder à situação desastrosa a que o Mundo chegara e, nacionalmente, ao impasse repressivo da política de Kerenski. Com a violência que Marx previra, embora não ali. Ali, onde já não havia canhões, nem munições, nem sequer espingardas que chegassem para continuar a guerra e, ainda menos, vontade de continuá-la. O custo de vida aumentava sempre, o desemprego alastrava (30 por cento na população operária), na própria capital havia fome. Em toda a parte, nos teatros, nos cafés, nas ruas, se realizavam comícios, poetas declamavam poemas de revolta. As metalúrgicas do governo nos telhados as ruas principais não evitavam as manifestações, gritando «Pão! Pão!». Nem que os grevistas confraternizassem com os soldados e estes viessem a apoderar-se dos depósitos de armas e munições e as voltassem contra quem os comandava. Logo depois de Trotski, Lénine regressa do exílio e orienta a rebelião, reclamando a terra para os camponeses, as fábricas para os operários, a paz para os soldados. Aceita a paz em condições naturalmente desfavoráveis (a paz «infame», como ele próprio disse, que lhes foi «ditada com as armas na mão» e assinada «de dentes cerrados»), mas a rebelião é já revolução. Por toda a parte se constituem conselhos de delegados de camponeses, operários e soldados: os sovietes. «Todo o poder aos sovietes!» eis a palavra de ordem. É uma onda imensa de uma humanidade explorada, secularmente desprezada, espezinhada, que, da miséria das cidades e dos campos sem fim, da ameaça das forcas e dos degredos na Sibéria, se ergue para uma vida nova e varre tudo à sua frente. Essa onda irresistível que John Reed descreveu nos **Dez dias que abalaram o Mundo** e porá a flutuar, não só por algum tempo, como já acontecera em S. Petersburgo nas manifestações de Dezembro de 1876, mas definitivamente e num sexto do Globo.

Confirmava-se o que um historiador previra muito antes da Revolução: «A Rússia é um imenso berço completamente em desordem, no qual se debate e balbucia o futuro do Mundo».

O QUE QUERIA A REVOLUÇÃO

O facto fundamental a considerar, natutalmente, é que 1917 não foi uma revolução meramente política, com o fito de substituir um governo por outro ou de operar certas alterações mais ou menos importantes na sociedade existente, mas o de transformá-la totalmente e com isso fazer nascer, como Gorki diria, «um novo sol no coração do homem». Tratava-se de conseguir o que outras revoluções tinham em vão tentado, como a da Comuna de Paris, agora numa escala bem mais vasta e em circustâncias mais propícias, embora assaz difíceis: arrancar o poder das mãos dos que faziam dos homens acessórios de máquinas e mercadoria lucrativa e pô-lo nas mãos dos que trabalham.

O seu projecto — fins e meios — estava já traçado por aqueles que haviam descoberto que «a história de toda a sociedade até aos nossos dias é a história da luta de classes», que os antagonismos existentes nas nações e entre elas não poderiam resolver-se «sem estilhaçar toda a superestrutura das camadas que constituem a sociedade oficial» e que «a emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos próprios trabalhadores», daqueles que «nada têm a perder senão as suas próprias algemas». No seu **Manifesto**, Marx e Engels tinham escrito em 1847 que os comunistas «proclamam abertamente que os seus fins só podem ser alcançados pelo derrube violento de toda a ordem social passada». E, por isso e para isso, lançaram o seu célebre apelo: «Proletários de todos os países, uni-vos!»

Derrube violento que não tinha como objectivo apenas — nunca será demais sublinhá-lo, sublinhemo-lo sempre — substituir uma classe por outra no poder, inverter a situação, mas transmar a sociedade inteira, com Engels deixou bem claro, por exemplo, no prefácio à edição inglesa, de 1888, do **Manifesto**: «Chegou agora o momento em que a classe oprimida (o proletariado) não pode libertar-se do jugo da classe exploradora e dominante (a burguesia) sem libertar ao mesmo tempo e definitivamente a sociedade inteira de toda a exploração, de todas as diferenças de classes e de todas as lutas de classes». Esse momento, ou o primeiro passo deste momento histórico, chegou vinte e nove anos depois, em Outubro de 1917.

Obra de gigantes é o que a história desses dias, desses meses, desses anos nos revela. E, através de toda a espécie de durissimos conflitos inevitáveis, através da guerra civil, da fome, da pilhagem, do caos generalizado, uma visão firme que os ilumina e os domina e conseguirá triunfar das questões internas e externas, o bloqueio económico e dos exércitos estrangeiros (ingleses, franceses, japoneses, alemães, americanos, romenos, gregos), que, directa ou indirectamente, durante três anos, tentaram invadir o extensíssimo território onde a guerra civil prosseguia e aqueles «que só tinham as suas próprias algemas a perder» ousavam destruir a «ordem» capitalista reinante em todo o resto do Mundo.

De gigantes, porque nenhuma revolução pode ser obra dum homem ou de alguns, e muito menos a revolução socialista: «a emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos próprios trabalhadores». Organizados, naturalmente, e auto disciplinados. Mas é impossível esquecer

MÁRIO DIONÍSIO

A REVOL
DE OUT
E A CUL

que Lenine, um desses homens, não operário, mas tendo-se identificado a tal ponto com a causa do proletariado que se tornou o seu mais lúcido orientador — o que mostra, só por si que o conceito de classe, politicamente falando, se reveste duma complexidade em que não sabe qualquer esquematismo economicista — que Lénine, dizia, tinha uma capacidade rara para analisar, planear, intervir e convencer, reconhecer os próprios erros, voltar a analisar, a planear e prosseguir. Não se esquecia decerto um minuto de que a Comuna de 71 demonstrara «que a classe operária não pode contentar-se com tomar a máquina do Estado e fazê-la funcionar por própria» (Engels). Que a conquista do poder era apenas o primeiro passo a caminho da Revolução. Ele próprio o escreveu mais de uma vez: «A violência não basta». À imagem de Lénine discursando às multidões, discutindo em assembleias de operários ou em conferências de partido, de boné na mão ou de dedo espetado, que uma escultura e uma pintura de qualidade muitas vezes deplorável pretende perpetuar numa atmosfera de ídolo ou de mito, é indispensável juntar o que nesses discursos, nessas discussões, nas suas polémicas constantes ele dizia, relaccionando-o com o que as circunstâncias o faziam dizê-lo. Como se interrogava, interrogando, e como decidia. Lénine não é um gesto, uma atitude, um inspirado, um nome para adorar (onde a adoração começa a Revolução claudica), mas um homem inegavelmente superior, que é o invés do super-homem, um homem apenas, cuja lucidez e espírito crítico e de acção transformaram no «génio da revolução proletária».

REVOLUÇÃO E CULTURA

Atento a toda a realidade — toda a realidade é política mas a política não é toda a realidade —, pensando que o conhecimento científico dum objecto obriga a examiná-lo em todas as faces, em todas as suas «correlações» e «mediações» e que, não sendo embora possível dominá-lo nunca totalmente, só a prática da omnilateralidade evita os erros maiores, Lénine foi firmemente partidário, muitas vezes duro, não raramente sarcástico, mas de todo isento da tentação sectária, que é sempre a negação do marxismo, a sua caricatura, e o maior dos perigos para qualquer partido que nele intente inspirar-se. Por isso mesmo pensava que é impossível conduzir a luta política se todo o Partido não puder pronunciar-se sobre todas as questões políticas e guiar as diversas manifestações de luta». E por isso também a tarefa reservada à cultura na criação da nova sociedade era para ele tão importante e difícil que não hesitou em considerá-la «mais complexa» do que criticar a burguesia, despertar nas massas o ódio à burguesia, desenvolver a consciência de classe, saber agrupar as suas forças», ao que outros supunham e suporiam tudo se reduzir. Aos jovens falava assim; «Não foi difícil expulsar o czar; bastaram alguns dias. Não foi muito difícil expulsar os latifundiários: conseguimos isso nalguns meses. Também não foi difícil derrubar os capitalistas». Mais difícil seria — «infinitamente mais difícil» — suprimir as classes. E nisso entrava indispensavelmente a acção da cultura.

O facto de em 1922 ainda não se terem traduzido (como Engels aconselhara) certos escritores dos fins do século XVIII, considerava-o ele uma vergonha»: «seria o maior erro, o erro mais grave que pode ser cometido por um marxista, pensar que milhões de seres, as massas populares (sobretudo camponeses e artífices), que foram condenados pela sociedade contemporânea ao obscurantismo, à ignorância e à superstição, podem sair desse obscurantismo apenas pela linha recta da ilustração marxista pura». Insistia: «se não entendermos claramente que só se pode criar esta cultura proletária conhecendo exactamente a cultura que a humanidade criou em todo o seu desenvolvimento e transformando-a, se não compreendermos isto, nunca poderemos resolver este problema». O caminho correcto tinha de conduzir «à vitória sobre a incultura e sobre a ignorância e a barbárie que sofremos durante tanto tempo». O fito era «assegurar que os frutos da ciência e da técnica burguesa, os frutos do desenvolvimento milenário da civilização» passem a ser gozados «por todos os trabalhadores sem excepção». Ou seja: «Temos que expor infatigavelmente a ideia de que a educação política exige a todo o custo uma elevação da cultura».

O que a Revolução conseguiu, em período relativamente curto, na educação de adultos e na luta contra o analfabetismo foi assombroso. Povos havia de várias regiões que nem tinham sequer alfabetos próprios para as línguas que falavam. Era preciso criá-los e criaram-se.

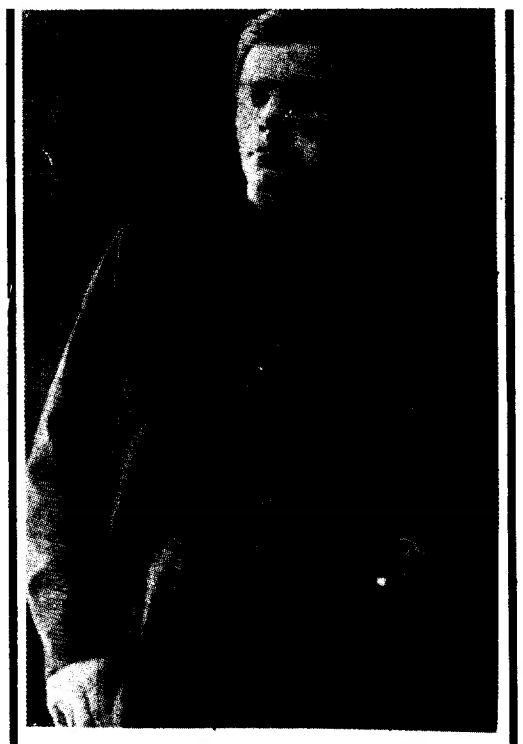
Mas Lénine visava naturalmente mais longe. Tinha de se lutar contra os que defendiam uma cultura nova, «proletária», que nada teria a ver com a cultura «burguesa», do passado, porque criada na sociedade capitalista. E contra os que admitiam ser preciso educar, primeiro, uma geração nos novos princípios e então (daí a vinte anos...) iniciar a construção do socialismo. A propósito dos primeiros, dizia aos operários: «Instruí-vos, apossai-vos da cultura burguesa, não vos deixeis iludir por aqueles que dizem que, em algum laboratório, seja qual for o nome que lhe dêem, uma cultura proletária já cresceu».

«A defesa de Petrogrado», de Deineka (1928)

Incansavelmente Lénine explicava que as revoluções anteriores tinham falhado precisamente porque os operários não haviam compreendido que «para manter o poder não basta a ditadura, não basta a força e a coerção». Que «só é possível manter o poder assimilando toda a experiência cultural e técnica do capitalismo progressista e utilizando os serviços de todos os seus homens». Que cobrir toda a Rússia com uma rede de centrais eléctricas e passar para uma indústria baseada na electricidade para satisfazer as exigências da técnica moderna, acabando com a velha agricultura camponesa exigia «um nível de cultura e de ensino mais alto». E que essa cultura não caía do céu nem se criava em estufas. Falando aos jovens sobre a necessidade de «aprender» — «primeiro, estudar», dizia ele, «segundo e terceiro, estudar» —, Lénine criticava a escola antiga mas mostrava a necessidade de «saber distinguir, na escola antiga, o mau do útil» e afirmava que «concluir que se pode ser comunista sem ter assimilado a riqueza de conhecimento acumulada pela humanidade, seria cometer um erro enorme»: «o marxismo é um exemplo que mostra como o comunismo surge dos conhecimentos humanos». «Se perguntarem porque é que esta doutrina de Marx entrou no coração e no entendimento de milhões e dezenas de milhões da classe mais revolucionária, só haverá para tal pergunta uma resposta: porque Marx se apoiava na sólida base dos conhecimentos humanos adquiridos pelo capitalismo».

Logo em 1918, Lénine desenvolvera esta tese de que «o socialismo só se pode construir com elementos da cultura capitalista própria da grande indústria» e que «os intelectuais são um desses elementos». Que, assim, «a tarefa do proletariado com consciência de classe é compreender que o seu domínio não significa que seja ele próprio a realizar todas as tarefas». E, em 1922: «Um dos erros mais graves e perigosos cometidos pelos comunistas (como em geral pelos revolucionários que tiveram êxito na fase inicial de uma revolução) é a ideia de que uma revolução pode ser feita apenas pelos revolucionários(...). A vanguarda cumpre apenas as suas tarefas como vanguarda quando é capaz de conduzir verdadeiramente para diante toda a massa. Sem a aliança com os não comunistas nas mais diversas esferas de actividade, nem sequer se pode falar numa construção vitoriosa do socialismo».

Havia pois que aproveitar os especialistas burgueses («não há outros. Não temos outros tijolos para construir»). E que criar uma situação na qual os especialistas se convencessem de que não tinham outra saída, sim, de que não mais voltariam à antiga sociedade, mas na qual fossem conquistados, por boas condições materiais que, dadas as circuns- [illegible] e também «moralmente, e não apenas afastá-los politicamente da burguesia». Até porque «não se pode obrigar todo um sector social a trabalhar sob coação». E, simultaneamente, transmitir toda essa ciência e essa técnica — a grande, indispensável e legítima herança — aos homens que, transformando a natureza e a sociedade, se estavam a transformar a si próprios: «É preciso considerar o nascimento da cultura proletária dialecticamente. O essencial deste processo é que milhões de homens assimilem as conquistas da cultura burguesa nas condições do Estado soviético».



Maiakovski: «Esquerda! Esquerda! Esquerda!»

ESCRITORES E ARTISTAS

Lénine referia-se sobretudo à **aquisição** e **aplicação** directa da ciência e da técnica para a construção da nova sociedade. Era uma atitude simultaneamente doutrinária e pragmática. Mas, antes e depois da Revolução, deu sempre a maior atenção também às obras literárias, leu-as, releu-as, criticou-as, discutiu-as em muitos casos com os próprios autores, sem todavia pretender impor-lhes este ou aquele caminho. Lia, analisava, tirava conclusões sobre o que as obras ocultavam, deformavam, mas sobretudo revelavam dos aspectos que na realidade total mais lhe interessavam. Lera e relera Turgueniev, Lermontov, Puchkine, Tchekov, Gogol, Dostoiewski, Tolstoi, Uspenski, Nekrassov, naturalmente Gorki. E Goethe, Vítor Hugo, Zola, Jack London... Conta Lunatcharsky que, tendo Lénine passado a noite em casa de uma amiga que possuía uma boa biblioteca de livros de arte, o encontraram na manhã seguinte «pálido, de fisionomia alterada»: «Não dormi nada, li esses livros; são tão interessantes! Peguei nuns atrás dos outros e esqueci as horas. Que terreno encantador é a história da arte! Quanto trabalho aqui para um comunista! Que pena não se poder fazer tudo ao mesmo tempo!»

Enquanto a Revolução tumultuosamente se cessava, no período insurreccional e depois dele, e o governo bolchevique lutava por dominar a situação económica (tratava-se «e talvez pela primeira vez na história contemporânea das nações civilizadas, de um governo para o qual o mais importate não é a política, mas sim a economia», escreveu Lénine em 1918), a arte e a literatura conheceram um período de excepcional vitalidade e mútiplas facetas, inegavelmente fecundas. Que, aliás, continuava a renovar o ambiente polémico e criativo da atmosfera pré-revolucionária, de quando, como disse um estudioso da época, a falta de liberdade fizera da estética «uma espécie de arena em que os problemas políticos e sociais se defrontavam sob uma máscara literária ou filosófica». Mas agora, rasgada a máscara, as teorias e obras surgiram em plena liberdade, com todos os seus antagonismos e poder criador. Na poesia, no romance, na pintura, na música, no teatro, no cinema, considerado por Lénine «de todas as artes, a mais importante» pela sua acção sobre as massas.

Muitos intelectuais, que pendiam para o lado do povo, escravizado em 1905, temeram a Revolução de 1917, hesitaram, combateram-na ou abandonaram o país. Mas muitos e muitos outros aderiram aos bolcheviques ou acompanharam-nos, como os simbolistas, os futuristas e os construtivistas, nem sempre com grande consciência do que isso fosse, de qualquer modo integrando-se nos acontecimentos. Maiakovski, Eisenstein, Tatlin, Lissitsky, Chagall desenharam cartazes de propaganda e, sobretudo Maiakovski, caricaturas políticas que eram afixadas diariamente nas montras, nas estações, nos mercados e rivalizavam com a imprensa. Maiakovski — que declarara: «toda a minha força sonora de poeta/ a ti a dou/ classe ao ataque» —, Biedny e muitos outros liam os seus poemas a multidões, em cima das mesas dos cafés ou de carros militares. O místico Blok ergue na sua poesia um Cristo ensanguentado empunhando a bandeira vermelha. Esséninе profetiza poeticamente o seu sonho do paraíso para os camponeses. Pasternak integra-se nos chamados «quatro grandes» da poesia dessa época. Sem falar nos operários que começam a escrever. Ou continuam, visto que já no seu exílio de 1906, em Capri, Gorki recebia centenas de manuscritos de gente do povo que desejava e tentava escrever e lhe pedia conselho.

Maximo Gorki, o «criador da literatura soviética»

As dificuldades de toda a ordem, as imensas bichas sob a neve para o pão ou o leite, a luta que prosseguia em tão vasto território, não impediam que as conferências sobre arte e as exposições de pintura continuassem. Faziam parte dela. Editava-se Gogol, Tolstoi, Gorki aos milhões de exemplares. E, por alguns anos, a arte de vanguarda prosseguiu, tentando assimilar-se à Revolução em marcha. Pevsner e Gabo, regressados da Dinamarca, trabalhavam em Moscovo. Kandinsky, que voltara à pátria no começo da guerra, viria a ser nomeado director das Belas-Artes, Chagall, dirigiu o departamento das Artes de Vitebsk e fez cenários, entre 1919 e 1921, para o Teatro Judaico de Moscovo. Lissitzki monta a célebre colagem **O Tribuno do Povo**: uma torre de ferro ousadamente inclinada, lançada para o futuro, com

OLUÇÃO TUBRO ULTURA

Lénine falando sob um imenso letreiro — «Proletários». Enquanto Tatlin, com Chagall, Malevitch e Lunatcharski, prepara o primeiro congresso internacional das artes novas, que não chegou a realizar-se, escreve, com Malevitch, o **manifesto do realismo**, tenta integrar as novas teias estéticas na concepção marxista no seu **manifesto construtivista** e trabalha no projecto de uma torre em espiral com elementos móveis, que teria mais de cem metros de alto do que a Torre Eiffel, destinada a glorificar a III Internacional e que, lamentavelmente, também não chegou a ser realizada.

Mas a arte chamada de vanguarda, na qual se inclui Maiakovski, com os seus cartazes, caricaturas e sobretudo os seus poemas exortativos e irónicos, cáusticos («Come a tua perdiz, engole o teu ananás/o teu fim chegou, burguês!»), a sua **Ordem n.º 1 ao exército da arte** («Esquerda! Esquerda! Esquerda!»), o seu **Cento e cinquenta milhões** (cento e cinquenta milhões de Ivans contra Wilson, símbolo do capitalismo), **as suas peças de crítica mordaz (Os Banhos, O Percevejo)**, essa arte é apenas um aspecto da multiplicidade de caminhos e projectos que a Revolução de Outubro abriu ou tornou mais viáveis aos escritores e artistas.

O populismo, anterior à Revolução, com as suas descrições da decomposição do campesinato, da evolução de certas regiões e técnicas de trabalho, da humildade, sujeição e ignorância da população ligada às fábricas (Uspenski) e a miséria dos operários, aos quais não era reconhecida capacidade de vanguarda (Tchinikov, Mikailovski), o populismo tão criticado por Plekánov e depois por Lénine, tinha passado. Como passara a sociedade que descrevia. Novos movimentos tinham surgido, novos grupos. Como «A forja» e «Outubro», formados por rivais de Maiakovski, com a sua teoria da **Proletkult**, a que Lénine e Gorki se opõem. Como, sobretudo, o grupo dos «Companheiros de Caminho», que, patrocinado por Gorki, reunirá muitos dos romancistas que, já com obra notável antes de 17 ou tendo aparecido depois, deram um clima novo à literatura: Alexis Tolstoi, Serafimovitch, Ehrenburg, Varessaiev, Romanov, Babel, Pilniak, Fedine e tambem Gladkov, Lebedinski... Deste grupo surgiram os Formalistas (não confundir com o que na gíria politico-literária se chama «formulismo»), que, como Jácobson, Erkhenbaum, Chlovski, incompreendidos na época, viriam a ter importância de primeiro plano em toda a discussão linguística e estética dos nossos dias.

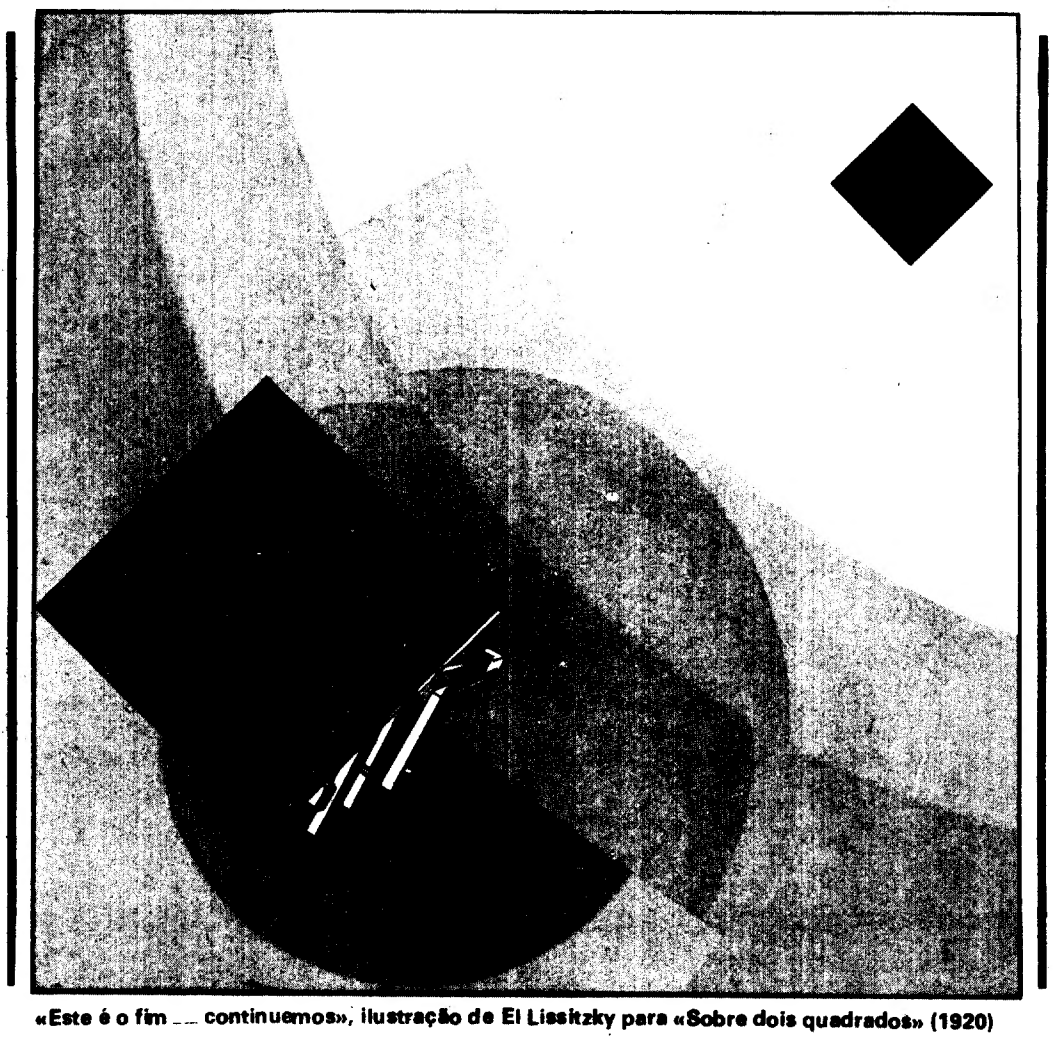
Não se pode falar na Revolução de Outubro, desligando-a da cultura, nomeadamente da literatura e de obras como as de Gorki (todas elas), **O Senhor coxo, As Ravinas** ou **Pedro-o-Grande** de Alexis Tolstoi, **O Don ameno** de Cholokov, **As cidades e os anos** de Fedine, **O ano nu** de Pilniak, **Cavalaria Vermelha** de Babel, **E o aço mudou de têmpera** de Ostrovski, **Energia** de Gladkov, quase todo o Ehrenburg, essa aluvião de romances e contos, onde o ímpeto revolucionário, a força da camaradagem, o heroísmo resistente, a raiva da construção, o ódio e o amor são focados de ângulos diferentes e nessa mesma diferença — de visão e de nível — revelam o despertar dum homem novo: **A torrente de ferro** de Serafimovitch, **Desastre** de Fadeev, **Tchapaev** de Furmanov, **A semana** de Lebedinski, **Tachkent, cidade da abundância** de Nevorov, **A inveja** de Yuri Olecha, tantos e tantos outros.

Será preciso acrescentar que as transformações económicas, sociais, políticos e culturais que a Revolução trouxe a um sexto do Globo tiveram a maior repercussão em todo o Mundo? Não bastará lembrar que, nas actividades culturais de todos os países, elas se reflectiram dum ou doutro modó, em tomadas de posição, em polémicas que deram brado e nas próprias obras dos maiores escritores e artistas como nas dos menos significativos?

Passou-se afinal o que Marx já anotara no **Manifesto**: «Tal como outrora parte da nobreza passou para a burguesia, nos nossos dias uma parte da burguesia passa para o proletariado e, em particular, essa parte dos intelectuais burgueses que atingiram a inteligência teórica do conjunto do movimento da história». São os escritores e artistas progressivos que já antes de 17 existiam, mas passaram depois a existir em número muito maior em todos os cantos da Terra. E são os outros também que, alheios a esse «movimento da história» nem por isso puderam furtar-se à sua influência. Romain Rolland, Barbusse, Upton Sinclair, Erich Müsam, Brecht, Tzara, Malraux, Aragon, Sartre — simples exemplos, porque é da cultura toda que se trata — não se entenderão inteiramente, pela adesão ou pela rejeição que, explícita ou implicitamente, as suas obras revelam, esquecendo a Revolução de Outubro. E Joyce ou Kafka também.

VERSO E REVERSO

Mas Lénine contava com a revolução mundial ou, pelo menos, ocidental se desse a breve prazo. Mais de uma vez a isso se referiu, não só com a esperança natural de qualquer revolucionário, mas como uma **necessidade** da prossecução da luta pela construção do socialismo na **União Soviética. Considerava-a indispensável**. Em 1918 escreveu: «Em tempos como este, cada semana vale mais que décadas tranquilas. Os seis meses decorridos desde a paz de Brest mostraram um afastamento em relação a nós. A revolução da Europa Ocidental, revolução que segue o nosso exemplo, nos fortalecerá (...) A revolução alemã desenvolve-se da mesma forma que a nossa, mas com mais velocidade». Essa revolução, porém, não triunfou. Na Alemanha, a insurreição dos marinheiros



«Este é o fim — continuemos», ilustração de El Lissitzky para «Sobre dois quadrados» (1920)

da base de Kiel, que em Outubro de 1918 alastrara às grandes cidades, criando um exército revolucionário que pôs o poder nas mãos dos soldados e marinheiros, chegando a proclamar-se em Berlim a Livre República Socialista Alemã, fora esmagada e os seus chefes, Liebknecht e Rosa Luxemburgo, presos e assassinados. Esmagadas serão a Hungria de Bela Kun e a revolta na Áustria. Em 1923, Lénine voltava a escrever: «Destruímos a indústria capitalista, tratámos de destruir até aos alicerces as instituições medievais e a propriedade latifundiária e, nesta base, criámos um campesinato pequeno, que segue o proletariado porque tem confiança nos resultados do trabalho revolucionário deste. No entanto, não nos será fácil apoiar-nos só nesta confiança até ao momento em que triunfe a revolução socialista nos países mais desenvolvidos, porque a necessidade económica, sobretudo sob a NEP, mantém a produtividade do trabalho do campesinato pequeno e muito pequeno num nível extremamente baixo». A confiança não bastava.

Mas a revolução fora da Rússia continuava a não ter lugar. Bem pelo contrário, no Ocidente a luta de classes seria entravada por uma tentativa de harmonização», que inevitavelmente enveredaria pelas mais violentas opressões internas a caminho de nova guerra: o fascismo. **O fascismo, que não foi mais do que a polarização radical da reacção burguesa ao comunismo** e, portanto, à União Soviética. Lénine morre em 1924. O fascismo já existe em fatos. E é na Alemanha — ponto principal das esperanças de Lénine — que o seu desenvolvimento se dará e levará doze anos depois da sua morte, à guerra civil de Espanha e, logo após à, maior guerra de todos os tempos, na qual será vencido (ou apenas transitoriamente detido), graças a sacrifícios inenarráveis de muitos países, entre os quais a URSS figura à cabeça, com a sua resistência heróica, a sua capacidade de organização e os seus vinte milhões de mortos».

Tudo isto será indispensável considerar (o isolamento e a necessidade de defesa perante um Mundo, transitoriamente aliado, mas no fundo sempre hostil) para tentar compreender que a política soviética, depois de haver transformado, num esforço revolucionário sem precedentes, o país mais atrasado da Europa em 1917 numa das maiores potências mundiais, tenha vindo a seguir rumos inesperados de centralização do poder até ao «culto da personalidade» e de cariz acentuadamente patriótico (a guerra o explica), com as técnicas repressivas que lhes são inerentes. O que, para uns, plenamente se justifica por se tratar da «grande pátria do socialismo» e, para outros, se afigura «a negação do processo revolucionário». O que, em qualquer dos casos, mostrará que mesmo a Revolução não está isenta de sofrer o efeito das contradições que a fizeram eclodir e é seu intento superar.

A todo esse longo período, designado por «estalinismo» depois do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956), correspondeu, na orientação ideológica em geral e, em particular, na literatura e na arte, o chamado «jdanovismo», o qual, desinteressando-se das condições específicas da criação estética e das relações dialécticas (não mecânicas) entre a arte e a sociedade, para cujo aprofundamnto Marx e Engels tinham contudo fornecido elementos decisivos, incorreu, embora noutro plano, em erros muito semelhantes aos que Lénine severamente verberara na tentativa da **Proletkult**. A saber: a radical separação entre uma cultura soviética e a cultura de todo o passado, incluindo o mais recente, naturalmente «burguês», e a possibilidade de criar uma cultura proletária a partir de simples pressupostos ideológicos.

Jdánov partiu duma interpretação bastante discutível (e ainda em discussão) do célebre artigo de Lénine, de 1905, **A organização do partido e a literatura de partido**, no qual o autor não visava propriamente a literatura, a criação literária em geral, como Krupskaia sustentou, mas apenas os escritos de propaganda ideológica ou polémica feitos em nome do Partido, nos jornais do Partido e nas condições de relativa legalidade então alcançadas, que permitiam a formação duma frente ideológica impossível de manter durante a clandestinidade. É indiscutível que alguma ambiguidade (que Jdánov aproveitou) existe nesse texto, ou, como alguns querem, por dificuldades de tradução — a palavra «literatura» terá em russo acepções múltiplas e não só a que normalmente tem em francês ou português —, ou por ter sido escrito muito apressadamente por necessidades de momento. De qualquer modo, dando-se conta da complexidade do problema e porventura para evitar futuras confusões, foi nesse mesmo texto que Lénine escreveu: «É indiscutível que a literatura se presta menos do que qualquer outra coisa a uma igualizaçao mecânica, a um nivelamento, ao domínio da maioria sobre a minoria. Neste campo, deve-se assegurar um maior lugar á iniciativa pessoal, às inclinações individuais, ao pensamento e à imaginação, à forma e ao conteúdo». E ainda — note-se bem —: «Estamos longe de preconizar um sistema rígido ou de querer resolver o problema com meia dúzia de regulamentos. Não, neste domínio é de todo impossível esquematizar». Ou seja: precisamente o contrário do que a orientação oficial, de que Jdánov não terá sido muito mais do que um mal preparado porta-voz, passou a preconizar e impôs durante muitos anos — esquecendo o cunho de objectividade científica que o marxismo trouxera ao conhecimento dos fenómenos sociais (incluindo a arte), que um homem novo não pode nascer senão das próprias contradições com que se debate (inútil ocultá-las); que a arte é precisamente um dos domínios em que, apesar e através da parte de alienação que nela também obviamente existe, a herança do passado se conserva e enriquece por processos frequentemente difíceis de apreender no plano imediato e são insusceptíveis de caber na teoria simplista da causa-efeito ou do puro reflexo. Que ela fielmente testemunha que a luta de classes — por mais importante e decisiva — é uma fase apenas, ela própria bem complexa, da superação de toda a humanidade dos múltiplos entraves com que ela mesma contraria a sua desalienação. Que é ela, enfim, uma actividade particularmente propícia ao «infinitamente complexo conhecimento (dialéctico) do homem», a que Lénine se referiu, e que esse conhecimento (que é em si próprio acção) se desvirtua ou impossibilita a ponto de tornar-se não-conhecimento e mistificação (na análise e na criação), se subtemos o estudo da história da arte a preconceitos que um método marxista de algum modo autoriza e pretendemos sujeitar os criadores a normas e objectivos directos e esquemáticos, incompatíveis com as suas próprias possibilidades de existência como tal: «neste domínio, é de todo impossível esquematizar».

Os escritos de Jdánov mais conhecidos são quatro. Um, de 1934 (discurso no 1.º Congresso dos escritores soviéticos, feito em nome do Comité Central do PCUS, do Conselho dos Comissários do Povo e «sob a condução genial do nosso grande chefe e mestre, camarada Estaline»), outro de 1946 (sobre as revistas **Zvezda** e **Leninegrado**, a última das quais acabava de ser suspensa e, na primeira, substituído o chefe de redacção), outro, de 1947 (a propósito dum manual de filosofia, de Alexandrov, recebido tão elogiosamente pela maioria dos especialistas que chegara a ser proposto para o «Prémio Estaline»), outro, enfim, de 1948 (sobre música e em parte, sobre pintura). Nesses escritos, foram lançadas as bases principais da doutrina e da acção a seguir: 1) declaração de guerra aberta entre uma cultura soviética, que, «sob a direcção atenta e quotidiana do Comité Central, com o apoio e ajuda incansáveis do camarada Estaline», era «a mais rica de conteúdo, a mais avançada e a mais revolucionária», e uma cultura não soviética, «decadente», de «moral apodrecida e pestencial», do Ocidente, que «já não pode criar grandes obras» e não devia ser admirada nem seguida; 2) ataque aos autores que, na URSS, continuavam a cultivar o «formalismo» decadente, «sapando as bases» da verdadeira arte e à falta de vigilância dos dirigentes ideológicos de Leninegrado; 3) estabelecimento da teoria do «realismo socialista e romantismo revolucionário» (oposição forma/conteúdo) e do papel dos artistas e escritores, «num espírito de fidelidade absoluta ao regime soviético» (glorificação dos feitos contemporâneos ou passados); 4) resolução de o Comité Central do Partido «intervir e corrigir resolutamente a situação», para que os escritores e artistas fizessem obras «de que os contemporâneos tirem lições e sejam o orgulho das gerações futuras».

Este rigoroso **dirigismo** — baseada na mais inesperada confusão entre arte e ideologia (o ataque aos músicos, começou-o Jdánov, pela análise do libreto duma ópera), arte revolucionária e vulgar propaganda, revolução e policiamento cultural, liquidou a fecunda herança dos anos 20, por sua vez herdeira da acção renovadora de Diaghilev, Larinov, Gontcharova, preconizou o regresso às grandes tradições do «classicismo» (leia-se: academismo burguês do século XIX) e, por mais estranho que pareça, salvejava Maiakovski, cujas peças de crítica à burocracia (**Os Banhos, O Percevejo**) foram durante longos anos proibidas, Mayerhold, que transformara a própria concepção de teatro, Eisenstein (por causa do filme **Outubro** e, principalmente, de **Ivan, o Terrível**, cuja segunda parte foi também proibida), os dirigentes da União dos Compositores (Chostakovitch, Prokofiev, Miaskovski, Katchaturian...) e todos os artistas e escritores modernos, que, ou abandonaram o seu país, onde poderiam ter desenvolvido uma acção notável, ou preferiram reduzir-se ao silêncio, como Pasternak.

Basta confrontar por exemplo, **O Don ameno** de Cholokov com o seu **Morreram pela pátria** ou o cinema de Eisenstein com o que se lhe seguiu e lembrar toda a pintura grandiloquente e destituída de qualquer força criadora que passou a fazer-se, a arquitectura regressada a fórmulas académicas, com as suas cornijas florentinas e repolhudos frontões sem nada de funcional nem sequer tradicional, carregada de decorações alheias à estrutura e de gosto duvi-

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A CULTURA

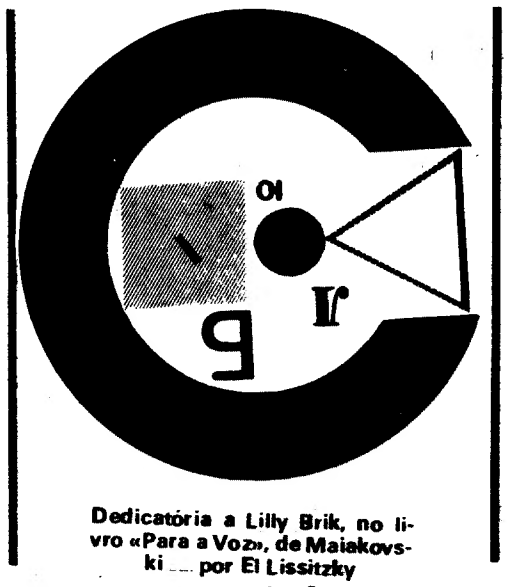
doso (as despropositadamente luxuosas e hiperdecoradas estações do Metropolitano e os esmagadores edifícios, estilo «bolo-de-noiva», como o da Universidade de Moscovo, que se tornou padrão) para se avaliar a extensão do desastre. Do que se fez e, sobretudo, do que se impediu que se fizesse, numa linha perfeitamente oposta à que Lénine traçara nestas linhas, escritas em 1920: «Não se trata de **inventar** uma nova cultura proletária, mas sim de **desenvolver** os melhores modelos, tradições e resultados da cultura **existente, do ponto de vista** da concepção marxista do mundo e das condições de vida e de luta do proletariado na época da sua ditadura». Da **«existente»** (incluindo a dos anos 20, portanto: Maiakovski, Tatlin, Chagall, etc.) e não exclusivamente da que existira no século anterior ou talvez nunca tenha existido como foi invocada.

O EXEMPLO DE GORKI

O que Jdánov, seus guias e seus inúmeros discípulos evidentemente ignoravam é que há um aspecto da cultura — o da criação estética e científica, por mais estranho que pareça acasalá-las (também se pretendeu opor uma «ciência proletária» a uma «ciência burguesa») — insusceptível de ser planificada e dirigida de fora para dentro e, muito mais, de cima para baixo. Não pertence ele ao domínio da **aplicação** mas ao da **descoberta** e só se descobre, como é óbvio, o que ninguém até lá conhecia. «Nos problemas da cultura, o mais prejudicial é ser apressado e querer abranger de mais. Muitos dos nossos jóvens escritores e comunistas deveriam meter isto bem na cabeça», tinha tido Lénine em 1923. Aos que então lhe falavam numa «cultura proletária», numa «ciência proletária», respondia: «Só conheço uma ciência proletária: é o marxismo».

E nenhum exemplo mais claro do erro de qualquer dirigismo na criação literária do que o caso de Gorki. Do Gorki que foi o maior escritor revolucionário da nossa época e nunca um escritor «arregimentado» (isto é: seguidor de directizes exteriormente impostas por necessidades políticas imediatas), nem revelou na sua obra (e na sua vida) uma evolução linear decorrente da eclosão da Revolução ou de quaisquer normas pré-estabelecidas.

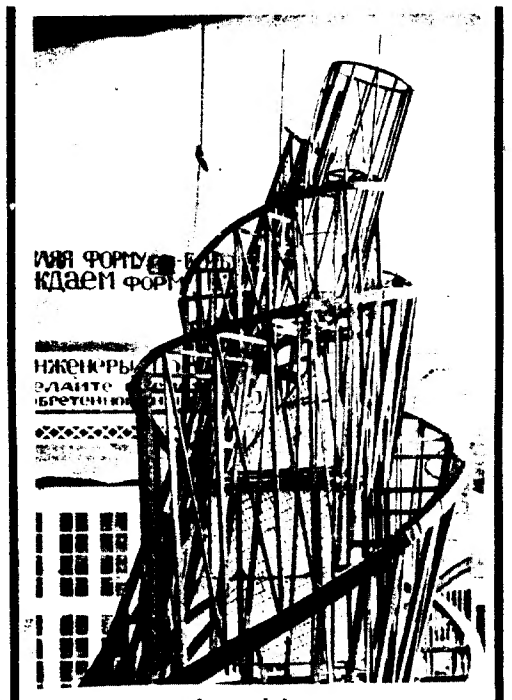
A sua poderosa influência na criação dum clima revolucionário antecede a Revolução, ajuda a prepará-la, sem que ele soubesse então sequer alguma coisa de marxismo. As suas primeiras obras, já imbuídas de revolta latente, são da última década do século XIX. A adaptação teatral do **Tomás Gordeiev** de 1901, adaptação teatral do **Tomás Gordeiev** de 1901, **Os pequenos-burgueses** e **A escória** de 1902, mais o êxtio imenso alcançado na Rússia e no estrangeiro e as reacções policiais que esse êxito provocou, pensando ele então apenas isto: «Se conseguir sacudir o espectador de modo a que ele não se sinta confortavelmente na cadeira, já me dou por satisfeito». **A Mãe**, o seu grande livro de acção directa e o relativamente mais ligado à vida operária (que escreveu nos Estados Unidos, num dos seus muitos exílios) é de 1906 e, embora correndo clandestinamente na Rússia, só aí foi editado em 1917. E duramente criticado por Lénine,



Dedicatória a Lilly Brik, no livro «Para a Voz», de Maiakovski — por El Lissitzky

apesar da amizade e admiração que mutuamente os ligavam, em 1908, por causa da publicação de **A Confissão** e da crise religiosa e de interiorização que esse livro mostrava (dois anos depois, portanto de **A Mãe**) e em 1913, quando, atacando Dostoiewski, Gorki admitia que, «quanto à busca de Deus, é preciso pô-la **temporariamente** de lado» (sublinhado meu). Esteve sempre mais voltado para a preparação cultural do que para a actividade política directa. Fundou associações, ligas, comissões para o desenvolvimento dos valores da civilização e protecção dos museus e dos monumentos históricos. Manteve uma acção infatigável, depois da Revolução, de protecção a escritores e artistas mal vistos. Participou na criação da primeira universidade operária e camponesa, onde fez cursos sobre história da civilização, sobretudo na universidade popular móvel para operários e para marinheiros da Armada Vermelha. Publicou e prefaciou, ainda em 1914, a primeira **Compilação dos escritores proletários** (isto é: de operários que escreviam). Mas as suas grandes personagens são quase sempre os ciganos nómadas das estepes do Mar Negro, os pescadores, os camponeses saídos da prisão, os fora-da-lei, os vagabundos como ele próprio foi, ou o mundo da chamada «inteliguentzia».

Mesmo na sua vigorosa acção de jornalista, que no tempo dos czares o levou à cadeia, é mais a emoção, conduzida por um intransigente espírito de justiça, do que o pensador ou o doutrinador que se revela: «mais e melhor que nos livros, aprendi o marxismo com Semenov, padeiro da Kazan», confessou ele. Crê mais na Revolução (e essa crença o opõe a



Maqueta de madeira para uma torre em espiral glorificando a III Internacional, por Vladimir Tatline (1920)

Dostoiewski e o distingue de Tchecov; o falcão e a cotovia, como alguém disse) do que a **pensa**.

Olhou com apreensão os acontecimentos de 1917, receando os horrores da guerra civil e da ditadura, por causa do baixo nível cultural do povo. Publicou o **Vida Nova**, que fora em 1905, por pouco tempo, o diário bolchevique, com Lénine na chefia da redacção, mas manteve nele polémicas com o **Pravda** que levaram à proibição do seu jornal. Só adere inteiramente à concepção soviética da Revolução em 1928. E foi sempre tão pouco ortodoxo e tão activo que o próprio Lénine o aconselhara com insistência a ausentar-se para o estrangeiro algum tempo, em 1921, a pretexto da sua necessidade de tratamento em Capri. E assim fizera.

Veio o tempo das consagrações: pertenceu ao Comité Executivo da URSS, recebeu a Ordem de Lénine e foi, naturalmente, membro da Academia do mesmo nome. Tão alto subiu o seu prestígio que a sua cidade natal, Nijni-Novgorod, passou a ter o seu nome, como inúmeras associações, escolas, teatros, sem falar numa das mais importantes avenidas de Moscovo, vindo a acabar, aliás, por morrer em condições misteriosas e inquietantes, se nos lembrarmos do comunicado oficial sobre a sua morte.

Mas a obra deste homem, verdadeiro gigante da literatura proletária, no sentido mais vasto da palavra, é tão dificilmente arrumável em cânones estabelecidos que a Academia Comunista, reunida em 1927 para festejar o 35.º aniversário da sua actividade literária, parece ter tido dificuldade, à falta de descrições da vida nas fábricas, de personagens operárias em número considerável e, sobretudo, de «herói positivo», em determinar a sua «qualidade proletária» para que fosse, enfim, considerado oficialmente, como foi, «o criador da literatura soviética».

Lénine, esse, nunca se enganara a seu respeito. Apesar dos momentos de dura crítica — e durante eles — sempre o estimulara e defendera: «Graças ao seu talento, o senhor foi duma utilidade imensa para o movimento russo — e não só russo». Por fraquezas de amizade? Não. Também sobre o poeta Biedny, Lénine dizia a um camarada que queria prendê-lo à administração: «Deixe-o... Ele não quer... E escreve bem... Necessitamos disso. Que ele escreva. Será o seu trabalho revolucionário». E apoiava Maiakovski — que os burocratas do regime combatiam —, embora confessasse não o entender inteiramente nem se incluir «entre os admiradores do seu talento literário».

Talvez porque, para Lénine, o «escritor proletário» fosse, como para Gorki, aquele que «torna o leitor **activo**», levando-o a compreender a grandeza da vida e do combate, graças ao talento pessoal e ao domínio do ofício, que nenhum dirigismo conseguirá jamais dar a quem os não tem ou administrar em quem os tem. Aliás, no mesmo Congresso em que Jdánov traçara o destino das artes, Gorki pronunciara, no seu discurso, esta nota dissonante: «Não se trata, bem entendido, de limitar a criação individual, mas, pelo contrário, de pôr à sua disposição as mais vastas possibilidades dum contínuo e poderoso desenvolvimento». O da «diversidade das suas correntes criadoras».

NOS DIAS DE HOJE

A repercussão mundial da política cultural do período estalinista foi enorme. Em todos os países, críticos, escritores, artistas tomaram posição, a favor ou contra ela, ou ficaram numa hesitação não raro angustiosa. Ruidosas polémicas tiveram lugar em toda a parte, nem sempre bem informadas, movidas pelo ódio cego à Revolução (era um excelente pretexto...), pelo desejo de esclarecer o que parecia, quer por demais obscuro, quer excessivamente claro, ou pelas obediências fáceis, como a do sempre brilhante Aragon, que só bem tarde reviu os erros que cometeu (não se pode esquecer a sua entusiástica glorificação de Jdánov) e, sobretudo, levou a cometer. E, ainda assim, só depois da publicação de obras posteriores ao XX Congresso, como **O Degelo** de Ehrenburg...

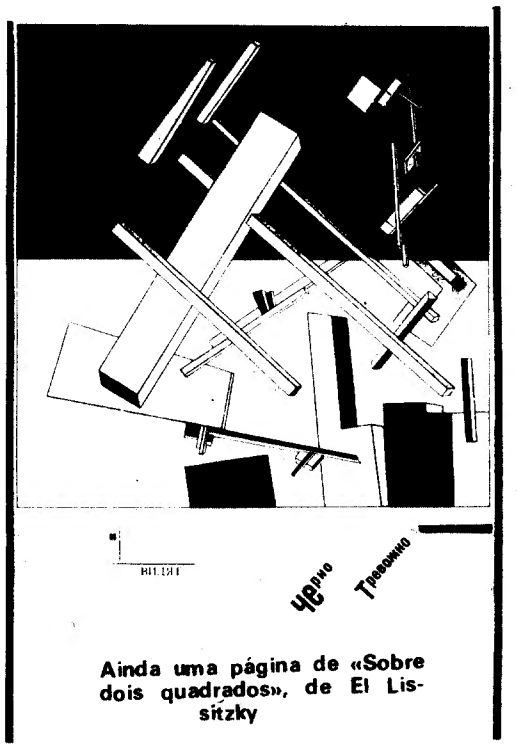
Tinha-se contudo ido longe demais. A literatura e a arte não pararam no resto do Mundo. Não cessaram de procurar novos caminhos e de produzir grandes obras, ao contrário do que Jdánov previra. Picasso, por exemplo, continuou (e continua) a existir e só uma obra sua, **Guernica**, chegaria para destruir todo o arrazoado jdanovista. Por outro lado, «a direcção atenta e quotidiana» dos dirigentes ideológicos, anunciada por Jdánov, não conseguiu fabricar até hoje novos Gogol e novos Tolstoi.

No seu importante livro **A significação presente do realismo crítico**, que algo tem de autocrítica sobre o silêncio que longos anos teve de manter sobre certos problemas fundamentais, propôs Lukács uma tese muito sugestiva — a da «perspectiva subjacente»: perspectiva estática e perspectiva dinâmica — para distinguir a literatura que, involuntariamente embora, defende a sociedade decadente e reaccionária da que, conscientemente ou não, defende a transformação da sociedade no sentido do socialismo. Mas, muito mais atento às «ideias» expressas ou deduzíveis dos autores do que à tessitura extremanente complexa da obra literária (que ele, aliás, não ignorava), atendendo muito pouco as «correlações» e «mediações» de que Lénine falou e ele próprio cita, Lukács continua a considerar a literatura puro «reflexo do real» e a confundir «arte de vanguarda» e «literatura decadente» com a sociedade, ela sim, decadente, que essa arte e literatura exprimem, o que não quer dizer que a defendam, bem ao contrário muitas vezes. E acaba por estabelecer uma distinção entre «realismo socialista» e «realismo crítico» não muito clara e pouco ou nada convincente, de utilidade discutível e pela qual ele próprio talvez não pusesse as mãos no fogo.

Numa visita recente à União Soviética, vi com prazer em muitos lados um franco florescimento da arquitectura moderna — tão combatida antes — em palácios de cultura, escolas, aeroportos, hotéis, nas mais novas estações do Metropolitano, evidenciando um regresso a caminhos, que edifícios como o do **Pravda**, de 1935, claramente mostravam, em busca de uma nova expressão de acordo com a funcionalidade. Por outro lado, o vasto movimento cultural pode avaliar-se pelas edições de centenas de milhares de exemplares (de clássicos e de contemporâneos) que prontamente se esgotam. O que já levou alguém a dizer que um autor português traduzido na URSS tem ali incomparavelmente mais leitores do que no seu próprio país alguma vez sonhou ter. Na verdade, ainda há pouco, uma tradutora russa, com quem mantenho correspondência a propósito de problemas estético-literários, se lamentava de não poder enviar-me determinada antologia portuguesa porque esta se esgotara e não conseguia arranjar em parte nenhuma um exemplar para me oferecer.

É muito provável, porém, que certas questões de fundo sobre criação artística e liberdade de expressão se conservem de pé, o que explicaria o problema dos escritores ou mesmo cientistas «dissidentes». Mas casos como o de Pasternak, aquando do Prémio Nobel, de Soljénitsin ou do cientista Sakharov, que levantaram e levantam clamores no mundo ocidental, não sei (ainda)) se é exactamente neste plano que devem ser considerados.

Falando com uma alta individualidade da esfera cultural sobre uma imensa Exposição da Jovem Pintura Soviética que vi em Moscovo, tão pobre de audácia inventiva e mesmo de segurança técnica, e sobre as telas enormes de Sajakov, que vira em Baku, cuja tentativa de modernização me pareceu confrangedora, ouvi esta explicação: «Sabe, a arte moderna nasceu na União Soviética. Foi uma fase. Agora não vamos voltar para trás». E, falando-lhe eu no lituano Ciurlionis, a propósito do qual Gorki, deslumbrado, escrevera: «Porque não há Ciurlionis na nossa terra?», não consegui mais do



Ainda uma página de «Sobre dois quadrados», de El Lissitzky

isto: «Bom, Ciurlionis...»

O que significa estarmos longe de chegar a conclusões definitivas e universalmente aceitáveis sobre arte e revolução.

Celebrar Outubro de 1917 não é glorificar este ou aquele, dar parabéns protocolares, insistir cada um na sua visão mais ou menos sectária, que será sempre a negação do marxismo.

Ao júbilo desta comemoração duma vitória da maior importância na História de todos os tempos, junta-se sem dúvida a apreensão de, nos dias inquietantes que vivemos, o campo do socialismo (revolucionário) se encontrar perigosamente dividido, enquanto o capitalismo, que aprendeu bem a lição de 1917, continua a tomar aspectos inesperados e cria situações diferentes que exigem constantemente análises reformuladas e novas tácticas de acção.

Que todos os países, partidos, organizações de qualquer espécie que efectivamente visem o fim da exploração do homem pelo homem e a instauração da sociedade sem classes depressa encontrem um caminho comum ou vários caminhos convergentes para lá, é um voto que, nesta data sobretudo, não deverá deixar de formular-se com sinceridade e veemência.

De qualquer modo e entretanto, seja qual for a opinião que se tenha sobre a situação presente e a possível evolução na União Soviética, na China, em Cuba e noutras nações que do marxismo-leninismo igualmente se reclamam, como sobre as diferentes forças que no resto dos países mais ou menos fielmente nele se inspiram, a verdade é que a Revolução de Outubro foi um marco decisivo na História da Humanidade e que nada mais se poderá passar no Mundo — na esfera cultural e em todas as outras (todas elas afinal cultura) — que não seja (a favor ou contra) em função dela.